



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UnB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**NANCY GOBBO LINS GUIMARÃES**

**O BRINCAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO: UMA ANÁLISE  
DO COTIDIANO DE UMA TURMA DO TERCEIRO ANO DO  
ENSINO FUNDAMENTAL PÚBLICO.**

**BRASÍLIA- DF**  
**2012**

**NANCY GOBBO LINS GUIMARÃES**

**O BRINCAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO: UMA ANÁLISE  
DO COTIDIANO DE UMA TURMA DO TERCEIRO ANO DO  
ENSINO FUNDAMENTAL PÚBLICO.**

**Trabalho Final de Curso apresentado,**  
como requisito parcial para obtenção do  
título **de Licenciado em Pedagogia**, à  
Comissão Examinadora da **Faculdade**  
**de Educação da Universidade de**  
**Brasília**, sob a orientação da Prof<sup>ra</sup>. Dra.  
Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

**Orientadora: Prof<sup>ra</sup>. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira**

**BRASÍLIA – DF**

**2012**

**NANCY GOBBO LINS GUIMARÃES**

**O BRINCAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO: UMA ANÁLISE  
DO COTIDIANO DE UMA TURMA DO TERCEIRO ANO DO  
ENSINO FUNDAMENTAL PÚBLICO.**

**Trabalho Final de Curso apresentado,  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciado em Pedagogia, à  
Comissão Examinadora da Faculdade  
de Educação da Universidade de  
Brasília, sob a orientação da Prof<sup>fa</sup>. Dra.  
Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.**

**Brasília, 10 outubro de 2012.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)  
Universidade de Brasília - Faculdade de Educação**

---

**Profa. Esp. Carla Castelar Queiroz de Castro (Examinadora)  
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**

---

**Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis (Examinador)  
Universidade de Brasília - Faculdade de Educação**

---

**Profa. Dra. Iracilda Pimentel Carvalho (Suplente)  
Universidade de Brasília - Faculdade de Educação**

**Ao Altíssimo e a Virgem Maria.  
Aos meus queridos pais, Mágela Gobbo e Antônio Lins.  
Aos meus amados irmãos, Carol, Thiago e Renato.  
Ao meu esposo amado Hélio Júnior.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor, por tudo que possuo e sou. Por ser meu Pai. Por ser meu sustentáculo. Por ser minha vida!

À Grande Mãe de Deus, a Virgem Maria Santíssima. Por ser minha Mãe, Mestre, Amiga. Por ser minha inspiração e meu modelo de filha, mãe, de educadora.

Aos meus pais por serem coautores com Deus ao me dar o dom da vida.

À minha mãe por ter sido meu exemplo, apoio, força, inspiração. Por sempre dar a sua vida para que eu viva a minha.

Ao meu pai, por todo amor que pôde me dar.

Ao meu irmão Renato, por ser meu exemplo de luta constante. Por ser um vencedor diário. Por ser superação. Obrigada!

Ao meu irmão Thiago, um modelo de humildade, simplicidade, força e doação. Por ser sempre um fiel amigo e companheiro.

À minha querida irmã, Ana Carolina. Por ter dado novo sentido à nossa vida. Minha companheira e amiga! Verdadeira irmã!

Ao meu amado e querido esposo, Hélio Júnior, por me apoiar sempre, me ajudar constantemente. Pela paciência, carinho e compreensão. Por todas as contínuas alegrias. Por ser meu São José.

À minha filha, Maria Clara (*in memoriam*), que no breve tempo que esteve conosco aqui, me ensinou muito sobre o sentido da vida, sobre o amor, sobre Deus! O que aprendi com você não é mensurável. A Pedagogia de Deus é um mistério.

Às minhas cunhadas, Isabel, Cecília, Emília e Loiane, por terem se tornado amigas, irmãs!

À minha tia Fatinha. Fui presenteada com a sua vida! Obrigada!

Aos meus grandes e preciosos amigos e irmãos que sempre estiveram ao meu lado: Nathália, Helena e Victor, Otávio, André, Marília Matias e Rodrigo, Leonardo e Raissa, Paula, Felipe.

A Comunidade Católica da UNB, por servir nas Santas Missas que são um remédio dispensado gratuitamente na universidade. Celebrações que sempre me deram força e discernimento.

A toda Comunidade do Santuário São Francisco de Assis, minha segunda casa. Especialmente ao Frei Norberto e Frei Rafael.

Às amigas que fiz durante o curso e que se tornaram verdadeiras companheiras de jornada e estudo: Mirelle, Rafaela, Nayara, Nayana. Vocês tornaram tudo mais alegre, mais encantado!

A professora Carla Castro que me ensinou por exemplos e lições que ultrapassam a formação profissional e que fazem parte da vida! Obrigada, por ser de fato, uma educadora para a vida. “A Educação é a arte do coração!” (Gabriel Chalita, 2006).

Aos demais professores e coordenadores – ajudantes na vida acadêmica.

Aos funcionários da secretaria e DAA que sempre se esforçaram para ajudar na solução de todos os problemas burocráticos.

**“Todas as Virtudes eram ensinadas e aprendidas no Reino Mágico da Consciência. Havia dois espaços iniciais para esse aprendizado. O primeiro era a família. E o segundo era a escola. Nenhuma criatura deixava de frequentar as aulas, que eram apreciadíssimas por todos os alunos. Criaturas que entendiam o aprendizado como uma grande diversão. Um envolvimento fortíssimo com o saber. Envolvimento que permanecia por toda a vida, como uma qualidade absolutamente natural. O aprendizado é uma fremente aventura pelo novo e quem não gosta de novidade? E o novo é bom em qualquer idade. Mantém acesa a chama da esperança e a vontade de prosseguir em busca da sabedoria”.**

**(A Ética do Rei Menino - Gabriel Chalita)**

GUIMARÃES, Nancy Gobbo Lins. O BRINCAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO: UMA ANÁLISE DO COTIDIANO DE UMA TURMA DO SEGUNDO ANO. Monografia (Graduação em Pedagogia)- Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar se crianças do 3º ano do Ensino Fundamental vivenciam em seu cotidiano escolar atividades lúdicas como meio viabilizador do processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, foi realizado um estudo de caso. A coleta de dados se deu em duas etapas: observação simples do cotidiano dos estudantes durante uma semana – 5 dias e entrevistas estruturadas com 18 estudantes da classe, destes, 10 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. A entrevista com os alunos abrangeu 81,81% da classe. Durante o período de observação não houve nenhuma atividade em que o brincar tenha sido usado como recurso pedagógico em sua função educativa, sendo instrumento facilitador do processo de ensino e aprendizagem na prática pedagógica. De todo o tempo observado em uma semana de aulas, quantificou-se que somente 2% do tempo foram destinados à brincadeira livre em sala e 1% à brincadeira livre fora de sala de aula que não fosse a hora do intervalo. As entrevistas com os estudantes ratificaram o observado e evidenciou que as crianças tem entendimento sobre os benefícios do brincar para o seu desenvolvimento e contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem. Por fim, embora tenha havido atividades lúdicas, em sua maioria fora da sala de aula, em nenhum momento o brincar foi usado como meio viabilizador do processo de ensino e aprendizagem em sua função educativa.

**Palavras chaves:** Lúdico; Brincar; Recurso Pedagógico; Processo de Ensino e Aprendizagem.

GUIMARÃES, Nancy Gobbo Lins. Playing as Educational Resource: an analysis of the Daily Life of a Class of Third Year of Elementary Education. Monograph (Pedagogy's Graduation)- Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

## ABSTRACT

This study aims to identify and analyze if, children in the 3rd year of elementary school experience, in their daily school, ludic activities as a enable resource of teaching and learning. To this end, we conducted a case study. Data collection was taken in two stages: A simple observation of students' daily for a week (5 days) and structured interviews with 18 students in class, of these, 10 males and 8 females. The interview with the students covered 81.81% of the class. During the observation period there was no activity that the play was used as a teaching resource in their educational function and facilitator of the process of teaching and learning in the classroom. Of all the period observed in a week of classes, it was quantified that only 2% of the time was spent on free play in the classroom and 1% in free play outside the classroom that was not the break time. The Interviews with students ratified what was observed and showed that children have an understanding about the benefits of playing for their development and contribution with the development of learning. Finally, although there were ludic activities, mostly outside the classroom, at no moment the play was used as a enable resource of teaching and learning in their educational function.

**Key Words:** Playful, Play, Educational Resource, Teaching and Learning Process.

## LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

	Página
Quadro 1 - Quadro histórico sobre as mudanças de visão da Criança, jogo e sociedade.....	32
Figura 2.1 – A espiral do brincar.....	40
Quadro 2 - Horário das atividades do primeiro dia de observação.....	54
Quadro 3 - Horário das atividades do segundo dia de observação.....	55
Quadro 4 - Horário das atividades do terceiro dia de observação.....	58
Quadro 5 - Horário das atividades do quarto dia de observação.....	64
Quadro 6 - Horário das atividades do quarto dia de observação.....	65
Gráfico 1 - Uso do tempo semanal de permanência do aluno na escola.....	67
Gráfico 2 – Tempo de permanência do aluno na escola e tempo para brincadeiras autorizadas.....	68
Gráfico 3 – Alunos matriculados na turma e abrangência numérica da entrevista.....	70
Tabela 1 – Faixa Etária das Crianças.....	70
Tabela 2 – Cidades onde as Crianças Moram.....	71
Tabela 3 – Se as Crianças Brincam.....	72
Tabela 4 – Por que as Crianças Gostam de Brincar.....	73
Tabela 5 – Respostas mais relevantes referentes à Tabela 4.....	74
Tabela 6 – Onde as Crianças Brincam.....	76
Tabela 7 – Onde as Crianças Aprenderam as Brincadeiras.....	77
Gráfico 4 - Quem te ensina as novas brincadeiras?.....	78
Gráfico 5 – Quais os momentos que você brinca na escola?.....	79
Gráfico 6 – Você Aprende Alguma Coisa Brincando?.....	80
Quadro 6 – Principais respostas sobre a pergunta do Gráfico 6.....	81

## SUMÁRIO

	Página
DEDICATÓRIA.....	IV
AGRADECIMENTOS.....	V
RESUMO .....	VIII
ABSTRACT.....	IX
LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS.....	X
SUMÁRIO.....	XI
APRESENTAÇÃO.....	1
INTRODUÇÃO.....	3
MEMORIAL EDUCATIVO.....	5
<b>CAPÍTULO I: SOBRE O LÚDICO, O BRINCAR, JOGOS, BRINQUEDO.....</b>	<b>11</b>
1.1 Sobre o Lúdico.....	12
1.2 Sobre o Brinquedo.....	14
1.3 Sobre o Jogo.....	17
1.3.1 Sobre os tipos de jogos.....	20
1.4 Sobre o Brincar.....	25
<b>CAPÍTULO II: O LÚDICO NA ESCOLA.....</b>	<b>30</b>
2.1 A história, o jogo e a escola.....	30
2.2 O jogo e escola: O jogo criativo.....	36
2.3 O jogo em sala de aula.....	37
2.4 O professor e a Educação Lúdica.....	42
<b>CAPÍTULO III: METODOLOGIA.....</b>	<b>44</b>
3.1 Coleta de dados.....	46
3.1.1 Primeiro contato com a escola.....	46
3.1.2 Início das observações em sala de aula.....	47
3.1.3 Início das entrevistas.....	47
3.1.4 Acesso ao Projeto Político Pedagógico.....	48
3.2 Caracterização da Escola.....	49
3.3 Caracterização da sala de aula.....	50
3.3.1 Espaço físico.....	50

	<b>Página</b>
3.4 Perfil dos Aluno e Professora .....	50
3.4.1 – A Turma.....	50
3.4.2 – A Professora.....	51
<b>CAPÍTULO IV: RESULTADOS E ANÁLISE .....</b>	<b>52</b>
4.1 Apresentação dos resultados.....	53
4.1.1 – Observações na sala de aula.....	53
4.1.1.1 – Análise parcial do tempo usado em sala de aula.....	66
4.1.2 – Análise das entrevista com as crianças.....	69
<b>CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>84</b>
<b>PROSPECTIVA PROFISSIONAL.....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>92</b>
APÊNDICE A – Primeiro dia de observação.....	92
APÊNDICE B – Segundo dia de observação.....	97
APÊNDICE C – Terceiro dia de observação.....	103
APÊNDICE D – Quarto dia de observação.....	112
APÊNDICE E – Quinto dia de observação.....	116
APÊNDICE F – 1 Entrevista – Anderson.....	120
APÊNDICE G – 2 Entrevista – Beatriz.....	124
APÊNDICE H – 3 Entrevista – Catarina.....	128
APÊNDICE I – 4 Entrevista – Daniel.....	131
APÊNDICE J – 5 Entrevista – Ester.....	136
APÊNDICE K – 6 Entrevista – Fabiana.....	140
APÊNDICE L – 7 Entrevista – Gabriela.....	145
APÊNDICE M – 8 Entrevista – Helena.....	149
APÊNDICE N – 9 Entrevista – Isadora.....	152
APÊNDICE O – 10 Entrevista – João.....	155
APÊNDICE P – 11 Entrevista – Kauã.....	158
APÊNDICE Q – 12 Entrevista – Lucas.....	161
APÊNDICE R – 13 Entrevista – Marcos.....	164
APÊNDICE S – 14 Entrevista – Natã.....	167
APÊNDICE T – 15 Entrevista – Ólivia.....	171
APÊNDICE U – 16 Entrevista – Pedro.....	174
APÊNDICE V – 17 Entrevista – Quintana.....	177
APÊNDICE W – 18 Entrevista – Renan.....	180
<b>ANEXOS</b>	
ANEXO 1 – Roteiro para entrevista estrutura com os alunos.....	184

	<b>Página</b>
<b>ANEXO 2 – Solicitação de autorização à regional de ensino do Plano Piloto para observação e coleta de dados.....</b>	<b>185</b>
<b>ANEXO 3 – Autorização da diretoria regional de ensino do Plano Piloto e Cruzeiro.....</b>	<b>186</b>
<b>ANEXO 4 – Projeto Político Pedagógico.....</b>	<b>187</b>

## **Apresentação**

Esse trabalho é constituído de três momentos diferentes. O primeiro é o Memorial, em seguida, o trabalho monográfico e por último, as perspectivas profissionais.

No Memorial a pesquisadora faz um relato dos principais fatos ocorridos em sua vida, na sua infância, no período escolar, na convivência em outros ambientes sociais, no ingresso na universidade, nos desafios do estudo universitário e o presente momento. O memorial é uma parte muito importante desse trabalho, visto que, é partir desses relatos da história pessoal que pode-se traçar um perfil da pesquisadora e se justificam a escolha do curso de Pedagogia bem como a escolha do tema desse trabalho.

O segundo momento é constituído do trabalho monográfico, que por sua vez, está subdividido em 5 Capítulos.

No Capítulo I – Sobre o lúdico, o brincar, jogos, brinquedo... a pesquisadora, apoiada nos pensamentos de vários estudiosos dessa área de conhecimento, faz uma explanação sobre os conceitos e entendimentos de cada uma das palavras do título e os seus benefícios especialmente para a criança.

No Capítulo II – O lúdico na escola a pesquisadora, ainda apoiada nos estudiosos da área, apresenta o histórico da utilização do lúdico na escola, a diferenciação do jogo e do jogo educativo, a importância do brincar no processo de ensino e aprendizagem, seus benefícios e principais desafios encontrados em sua utilização como recurso desse processo como a formação do professor para a educação lúdica.

No Capítulo III – Metodologia é apresentado o método de pesquisa utilizado e a descrição dos passo a passo da pesquisa. Nesse capítulo há a descrição do processo de coleta de dados, a caracterização da escola, da turma, dos alunos e da professora envolvidos na pesquisa.

O Capítulo IV – Apresentação e análise dos dados é composto pela organização dos dados coletados e as análises da pesquisadora respaldada em sua prévia fundamentação teórica apresentada nos Capítulos I e II.

Finalizando a pesquisa, no Capítulo V - Considerações Finais a pesquisadora retoma os objetivos geral e específicos do trabalho analisando se foram cumpridos e salienta a necessidade da continuidade de pesquisa aprofundamento nessa área do conhecimento apresentada nesse trabalho.

O terceiro momento desse Trabalho de Conclusão de Curso é a Prospectiva Profissional em que a pesquisadora apresenta seus planos futuros de estudo, de pesquisa e de vida.

## Introdução

Uma das principais características da criança é o brincar. Ele está presente em todo o seu processo de desenvolvimento e por meio da brincadeira a criança conhece o mundo que a cerca, desenvolve habilidades e se integra na sociedade.

A ludicidade é uma característica que perpassa todas as fases do desenvolvimento humano, ainda que mais facilmente notado na infância.

Por ser uma característica marcante do ser humano, não pode ser ignorado, especialmente quando se trata de crianças e de sua vivência escolar.

Escolhi esse tema visto que faz parte dos questionamentos que foram vividos em minha infância, juventude e na vida adulta. O questionamento principal era: porque na escola me sentia enquadrada, inerte, inativa? Não parecia natural... A partir dessa inquietação, a principal indagação da pesquisa foi: Quais as atividades lúdicas são vivenciadas por crianças do 3º ano do Ensino Fundamental que possibilitam o processo de ensino e aprendizagem?

Muitas pesquisas, estudos e teorias poderiam responder a esse meu questionamento. Vários fatores interferem em como o ambiente escolar pode ser percebido pelo ser humano. Porém, nesse trabalho será aprofundado o aspecto lúdico e sua relação com o processo de ensino e a aprendizagem.

O uso da ludicidade na escola favorece o interesse, a atenção, a motivação. Esses são aspectos que devem ser levados em consideração quando se reflete sobre a evasão escolar, o abandono dos estudos na adolescência, o alto índice de reprovação e os níveis de qualidade da educação.

Quando se ignora o aspecto lúdico do ser humano na escola, ignora-se parte do próprio ser. Fragmentando-o, prioriza-se apenas aspectos considerados importantes ou mais significativos

O uso da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem não acabará ou sanará todas essas dificuldades e desafios atuais da educação. Porém, é um aspecto que, se levado em consideração com seriedade, tende a fazer do processo de ensino e aprendizagem algo mais natural ao ser humano.

Esse tema é importante para que se abra uma reflexão sobre a concepção que temos da infância, do ser humano e das instituições de ensino, visando um olhar mais completo e natural.

Para aprofundar no conhecimento desse aspecto do ser humano, para esse trabalho foram traçados os seguintes objetivos:

Objetivo geral: identificar e analisar se crianças do 3º ano do Ensino Fundamental vivenciam em seu cotidiano escolar atividades lúdicas como meio viabilizador do processo de ensino e aprendizagem.

Objetivos específicos:

- Verificar se as crianças identificam o brincar como um fator de contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem.
- Verificar se o brincar tem sido usado como recurso pedagógico em sua função educativa, sendo instrumento viabilizador do processo de ensino e aprendizagem na prática pedagógica.

Para atender a esses objetivos, inicia-se esse trabalho discorrendo sobre o referencial teórico em que se assenta a pesquisa.

## Memorial Educativo

Minha infância foi muito tranquila e alegre. Gostava sempre de brincar na rua com os colegas e com meus irmãos. Sempre fui muito tranquila e obediente em casa. Gostava muito de ir a Igreja e participar das Missas e das Catequeses. Todas as etapas de Primeira Comunhão, Crisma e vivência pastoral me marcaram muito.

A pastoral com a qual mais me identifiquei na Igreja, desde os 12 anos, foi a Pastoral Catequética. A dedicação à esse serviço foi fundamental na minha escolha posterior pela minha formação, hoje, Pedagoga.

Em contrapartida, minha vivência escolar foi, no geral, tranquila, mas não muito agradável – o que sempre gerou em mim o questionamento de porque eu gostava de dar aulas na catequese ou brincar de escolinha na rua, mas não me adequava ao sistema de ensino vivenciado na escola. Sempre pensei que poderia haver uma forma de ensino e aprendizagem mais leve, natural e proveitosa.

Eu não gostava muito de ir para a escola. Tenho algumas lembranças da infância e da escola que ficaram guardadas em minha memória por muitos anos. Elas só voltaram à tona quando ingressei no curso de pedagogia. Foi em uma atividade do Projeto I, que solicitava uma redação sobre as lembranças da minha escola. Descobri quantas coisas eu tinha tão bem guardadas em minha memória.

Algumas lembranças que vieram à tona eram simples, cotidianas, boas e tranquilas como um colega que sempre era o último da fila dos meninos por ser o mais alto da turma. Ele era uma pessoa bem humorada e cuidadosa e diferente das outras crianças, que em sua maioria não eram muito amistosas e gostavam de arrumar confusão.

Lembro de alguns professores com muita admiração e carinho. Realmente foram pessoas que em sua trajetória profissional me inspiravam. Eles eram mais do que profissionais dedicados, eram Educadores em período

integral – não só como detentor de uma habilidade de transmitir conteúdos, mas como educadores em período integral. Eram pessoas educadoras. Tive também muitas lembranças ruins da escola, mas esses professores colocaram em mim a semente da esperança de que havia uma forma diferente de educar.

As lembranças que não me foram muito agradáveis incluem colegas que não eram tão bons e professores que tratavam as crianças com descaso. Um fato que me marcou na Educação Infantil foi o de uma colega que implicava sempre comigo puxando meu cabelo sem eu nunca ter feito nada a ela, e a professora, quando via, não chamava atenção porque tinha predileção pela outra criança. Isso me deixava muito chateada e, de certa forma, desamparada, pois eu sabia que não podia confiar nas professoras caso houvesse algum problema com outra criança.

Outro fato que ficou gravado, ainda na Educação Infantil, foi no período de alfabetização, quando a professora não deixava eu ir ao banheiro. Diversas vezes tive que me segurar para não fazer xixi em sala. E muitas outras vezes vi várias crianças fazendo xixi na roupa. Aquelas cenas eram humilhantes. Eu não me sentia respeitada em minhas necessidades básicas e nem me sentia respeitada como criança. Quem me socorria sempre nesses momentos aflitivos sempre era minha mãe, que ouvia as minhas reclamações, dava crédito e ia a escola conversar com os professores.

Minha mãe teve um papel fundamental nessa trajetória de vivência e escolha. Ela, que fez a Escola Normal e dava aula para Educação Infantil no período em que cursava Economia na Universidade de Brasília – UnB, sempre me levava à reflexão a respeito da forma de se tratar um aluno e de criar um ambiente propício ao ensino e aprendizagem. Quando eu ou meus irmãos tínhamos um problema na escola, ela estava sempre disposta a nos corrigir e a reclamar quando a escola tinha uma má conduta.

Eu não via minhas professoras como “amigas” ou simplesmente um adulto que me trataria bem. Hoje, pedagoga, pergunto-me como pode se dar a aprendizagem num ambiente em que o aluno não confia no professor e em que o professor não defende seus alunos e os trata com dignidade e igualdade? Todas essas questões foram fundamentais na minha escolha pela minha

formação. Parece paradoxal que também a partir de lembranças ruins tenha surgido a motivação de ser Pedagoga e trabalhar no ambiente escolar. No entanto, havia em mim uma semente de inquietação que me levava a pensar que a escola poderia ser diferente e que eu queria contribuir para fazer diferença na vida de outras crianças.

Minha trajetória escolar mais significativa iniciou-se na minha oitava série do Ensino Fundamental e perdurou até minha formatura. Eu tive a grande graça e oportunidade de viver essa etapa com verdadeiros e grandes amigos que perduram até hoje transformando-se em família. Estudar com grandes amigos deu-me uma motivação maior já que eu não concordava com muitas coisas que envolviam a escola. Com meus amigos eu me abria facilmente, inclusive para uma aprendizagem mais tranquila e produtiva. Hoje como pedagoga, posso me colocar no lugar de outros alunos e perceber o como é importante que o ambiente de aprendizagem seja acolhedor, amigo, seguro e respeitoso.

No Ensino Médio comecei a pensar no que gostaria de fazer profissionalmente. Como mencionado anteriormente, quando adolescente tive a oportunidade de participar da Catequese da minha comunidade sendo catequista. Por dois anos eu fui catequista com uma senhora mais experiente que me ensinou muito e nos dois anos seguintes eu fui ser a catequista de uma turma com aproximadamente 23 crianças. Nesse período eu pude perceber a necessidade do educador em qualquer ambiente, fosse ele a escola ou a Igreja. Somada essa experiência à minha inquietação em relação ao ensino ser um tanto incoerente e à todas as reflexões que minha Mãe, decidi que faria o Programa de Avaliação Seriada – PAS para entrar na Universidade de Brasília – UnB para o cursar Pedagogia.

Por minha particular inclinação para os trabalhos na Igreja, especialmente a Catequese, pensava: “Se devo ser bem formada para ter sucesso na vida profissional, quanto mais eu não deveria me aperfeiçoar para servir a Deus. Em minha mente e meu coração, essa Faculdade que eu faria tinha o objetivo de me tornar melhor para servir os menores. Esse objetivo

perdura até hoje e tenho certeza que me acompanhará pelo resto da minha vida.

Paralelamente a Faculdade de Pedagogia, eu prestei o vestibular para o UniCeub para a Faculdade de Psicologia, outra paixão em minha vida. Passei nas duas Universidades e para os dois cursos.

Fiz os três primeiros semestres das duas faculdades concomitantemente e a partir do quarto semestre, por motivos de força maior, deixei o curso de psicologia, que vou deixar para concluir em outro tempo oportuno. Passei a dedicar-me inteiramente ao curso de Pedagogia na UnB. O período em que eu me dediquei às duas faculdades foi importante por que pude me conhecer melhor. Com o autoconhecimento tive a certeza de que o que eu queria era trabalhar diretamente com as crianças, em especial, em atendimentos mais individualizados e direcionados.

Confesso que achei que eu só poderia fazer isso como psicóloga e por isso fiquei um pouco perdida na Faculdade de Educação. Procurei então atividades de projeto que me direcionassem para aquilo que eu realmente queria. Foi assim que encontrei, um dia, andando pelo corredor da Faculdade de Educação e lendo os quadros com as ofertas das disciplinas, o Projeto 3, fase 1, chamado “O encanto no aprender: o lúdico no contexto escolar”. Já havia lido sobre o trabalho individualizado com crianças e como o lúdico propiciava uma interação com a criança tão harmoniosa e potencializadora, então achei que aquele projeto corresponderia às minhas expectativas.

No primeiro dia de aula do projeto, no segundo semestre de 2006, eu expus as minhas expectativas à turma e fui muito bem recebida por todos e de forma encantadora pela Professora Carla Castro. A professora fez com que durante as aulas, com muitas brincadeiras, descontração e ludicidade, experimentássemos a potencialidade do brincar no processo de ensino e aprendizagem e na constituição do sujeito. Nesse projeto também encontrei grandes amigas que também partilhavam a vontade de fazer e ser o melhor para as crianças. Foram elas que me acompanharam e continuam a acompanhar nessa caminhada de alegrias realizações e, por vezes, dificuldades e lágrimas.

No semestre seguinte, primeiro de 2007, encantada, dei continuidade ao mesmo projeto na segunda etapa. Nessa, tivemos a experiência de atendimentos individualizados com crianças no Núcleo de Desenvolvimento da Aprendizagem na Faculdade da Terra de Brasília - FTB, no Recanto das Emas. De maneiras lúdicas, ajudávamos crianças que tinham muitas dificuldades escolares. Nesse momento, tive a plena certeza de que como Pedagoga, havia uma área da educação que se dedicava de uma maneira maravilhosa crianças com dificuldades escolares. Não foi um projeto simples e fácil. Algumas vezes tivemos que ir para o Recanto das Emas em conduções próprias ou voltar, quase a noite usando transportes públicos depois de um dia de muitas aulas na faculdade pela manhã e trabalho intenso no Núcleo de Desenvolvimento – FTB. Mas, era gratificante e satisfatório. Eu sempre voltava já pensando no próximo dia a retornar.

Os semestres em que participei do projeto foram os mais realizadores, agradáveis e plenos que tive durante o curso. Infelizmente, por motivos diversos, a Faculdade de Educação não viabilizava condições para que fosse criada a terceira etapa do projeto. Ao me deparar com esse fato, tive que escolher outra área para terminar o projeto 3.

Nos semestres que se seguiram, tive que me dedicar a outras disciplinas, não menos importantes, e que me deram outro respaldo teórico para posteriormente poder trabalhar na minha área de interesse como pedagoga.

Passei por grandes mudanças na minha vida pessoal, umas muito alegres e empolgantes e outras um tanto sérias, graves e tristes. Os semestres que se passaram foram muito doloridos. Compreendo, todavia, que esses momentos todos que passamos ao longo do nosso período de graduação nos dão mais maturidade - uma maturidade que não tínhamos quando passamos no PAS ou vestibular - para, enfim, podermos desempenhar com mais firmeza e respaldo aquilo que sonhamos e desejamos durante todos os anos na universidade.

E Deu-se início a uma nova fase de projetos. Novos caminhos estavam se abrindo. Fiz a terceira etapa do projeto 3, e a primeira etapa do projeto 4, no

primeiro semestre de 2008, com os Professores Álvaro Ribeiro e Tadeu Maia, com tema Filosofia na Escola. Com os mesmos professores e tema, no primeiro semestre de 2009, fiz a segunda etapa do projeto 4. Nesses projetos li, pensei, questionei e aprendi muito, muito mesmo!

De todos os projetos e fases que fiz o que mais me marcou e com o qual mais me identifiquei foram as fases 1 e 2 do projeto 3 - “O encanto no aprender: o lúdico no contexto escolar”, bem como as disciplinas relacionadas ao tema.

Agora, já concluindo o curso, optei que a minha monografia deveria ser fruto dos momentos mais mágicos que tive na minha caminhada universitária. Daí, a escolha do tema relacionado à infância e ao brincar, dois construtos diferentes que, a meu ver, são inseparáveis. Esse tema, somado às minhas experiências escolares, familiares e religiosas, definiram o perfil da pedagoga que eu quero ser: uma pedagoga que parte de uma das principais características naturais da criança, o brincar, e a entende a como sujeito completo e complexo que deve ser tratada com grande respeito, dignidade, seriedade e amor.

## CAPÍTULO I

### Sobre o lúdico, o brincar, jogos, brinquedo...

Quando pensam em jogo, ludicidade e brincadeiras, rapidamente as pessoas são remetidas às lembranças que têm de sua infância, dos jogos e brincadeiras que experimentaram; dos jogos que conheceram ou já ouviram falar; das histórias que os pais e avós contaram e, em especial, da maravilhosa sensação de brincar.

Ao observar as crianças brincando, sozinhas ou em grupo, pode-se ver que elas deixam-se envolver durante horas em diversas brincadeiras por elas inventadas, ou amplamente conhecidas como pique-pega, casinha, dama, pular corda, pique - esconde, futebol, amarelinha, boneca, carrinho, andoleta, entre várias outras, muitas vezes esquecidas pelos adultos. As crianças menores se divertem com chocalhos, com os sons que os mais próximos produzem, com uma fralda, móveis etc. Mas qual a diferença entre brincar de futebol, de carrinho e de dama? A dama tem regras, peças e um tabuleiro definido para se jogar. A brincadeira de casinha não tem um espaço predefinido, a criança pode brincar em qualquer lugar. O futebol para uns é brincadeira, para outros, profissão. Essas diferenças e semelhanças entre as atividades descritas merecem ser olhadas com mais atenção.

Para uma reflexão mais clara sobre esse fenômeno tão maravilhoso e contagiante, faz-se importante definir e esclarecer alguns pontos sobre a ludicidade, o jogo, o brinquedo e a brincadeira, visto que, usualmente, empregam-se esses termos como sinônimos ou conceitos muito parecidos. Essa distinção é fundamental para elucidar as especificidades de cada um desses termos e para que não se faça uma análise superficial do assunto.

Em linhas gerais, para que esses termos não sejam usados como iguais, será adotada, para este trabalho, a seguinte nomenclatura apresentada por Kishimoto (2003): “*brinquedo*, como objeto, suporte de brincadeira; *brincadeira*,

como a descrição de uma conduta estruturada, com regras; e *jogo infantil*, para designar tanto o objeto e as regras do jogo da criança”. Nos itens subsequentes serão aprofundadas as características de cada um desses conceitos e as peculiaridades que os distinguem.

### **1.1 Sobre o Lúdico**

O termo lúdico vem sendo usado amplamente em diversos locais. Fala-se de lúdico na escola, no trabalho, aulas em academias, cursos de inglês etc. Todos esses chamativos para o lúdico têm a intenção de fazer com que as pessoas rendam mais em seus trabalhos, aprendam melhor e tenham melhores resultados em suas atividades. Tais resultados devem-se ao fato de aliar o trabalho mecânico ou intelectual à leveza e ao prazer do lúdico, da brincadeira e da alegria.

Algumas empresas estão reservando um tempo do expediente de seus funcionários para que eles se distraiam com jogos e vídeo games. Uma idéia nova que rompe com o tradicionalismo e que dá lugar à descontração para que seus funcionários trabalhem mais felizes e, por consequência, produzam mais. Nas escolas, a base do pensamento é a mesma. Busca-se deixar que as crianças brinquem mais e que lhes sejam oferecidos brinquedos como materiais pedagógicos para que elas aprendam melhor, com mais facilidade e sem traumas. Como no caso do ensino da matemática, os brinquedos e jogos têm sido usados amplamente como a decisão mais acertada na hora de transpor a barreira da dificuldade e aversão à matéria.

Mas, qual será então a definição de lúdico?

A palavra lúdico vem do latim. “O prefixo latino *lud* refere-se à ideia que integra acontecimentos como jogos, divertimento, recreação e precede nomes latinos como *ludos*, ou, em português, como lúdico, ludibriar, ludibroso. A idéia é sempre a de dissimular, fazer-de-conta, divertir, zombar, etc.” (HOUAISS, 2001)

Santos (1997) complementa a ideia do significado de lúdico com a seguinte afirmação: “A palavra lúdico vem do latim *ludos* e significa brincar. Neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e divertimentos e é relativa também à conduta daquele que joga, que brinca e que se diverte”.

A ludicidade pode ser vista como uma característica do ser humano e está presente em todas as idades, já que parte do interior do homem. O ser humano é impelido a explorar o mundo quando criança a partir da pulsão lúdica, que seria a tendência natural à ludicidade.

A ludicidade não está ligada somente à brincadeira, mas faz parte do processo de desenvolvimento do homem. Na infância nota-se com mais facilidade como a criança, brincando, conhece novos objetos, experimenta novas sensações e emoções. Todos esses acontecimentos fazem parte, e parte fundamental, do desenvolvimento da criança. No entanto, não é só uma necessidade e característica da criança. Em qualquer idade o lúdico tem suas funções e contribuições, como afirma Santos (1997):

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização,

A partir das reflexões da autora, entende-se que a ludicidade também é uma necessidade do adulto. Esta afirmação é melhor compreendida ao lembrar de atividades lúdicas que envolvem os adultos, como quando jogam um joguinho no celular e no *videogame*, brincam de “Amigo Oculto”, contam piadas, reúnem-se para jogar um jogo, brincam com seus filhos etc.

O educador, enquanto sujeito adulto, também tem a necessidade de participar de atividades lúdicas. A prática pedagógica e profissional também deve ser refletida sob este mesmo aspecto. À luz desta reflexão, faz-se necessário pensar a prática atual dos professores em sala de aula. Os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem são naturalmente lúdicos. Pode-se indagar então, se esta premissa é levada em consideração na prática educativa.

## 1.2 Sobre o Brinquedo

O lúdico conta com um instrumento e aliado de suma importância para sua manifestação – o brinquedo. Embora ele não seja necessário para a manifestação lúdica, ele é muito importante para auxiliá-la. Não obstante o lúdico seja uma característica que pode se manifestar em qualquer idade, para esta pesquisa, as análises serão concentradas nas características que são tocantes à criança e à infância.

Para o aprofundamento sobre o brinquedo, seu conceito será apoiado na “definição de Beart (*apud* Champagne, 1989, p.28), onde o brinquedo é o suporte da brincadeira, quer seja concreto ou ideológico, concebido ou simplesmente utilizado como tal ou mesmo puramente fortuito” (Kishimoto, 2003). Para Kishimoto (*Idem*), essa definição é importante, pois agrupa os brinquedos produzidos pelos adultos para as crianças e os brinquedos que a criança mesmo cria de acordo com os materiais disponíveis ou qualquer objeto que utiliza no sentido lúdico.

Na imaginação da criança, tudo pode virar um brinquedo. Um pedaço de pau, uma bola, um chocalho, uma pedra e até suas mãos ou pés. Almeida (2000, p.38), afirma que

o primeiro brinquedo de uma criança é o seu próprio corpo, que começa a ser explorado nos primeiros anos de vida; em seguida ela passa a explorar objetos do meio que produzem estimulações visuais, audiovisuais e cinestésicas. A partir daí o brinquedo está sempre na vida da criança, do adolescente e até mesmo do adulto.

O brinquedo para Kishimoto (2008, p. 18) assume uma função peculiar em relação à criança ou àquele que com ele brinca. Um mesmo brinquedo pode ser usado de diversas formas e em diferentes brincadeiras, conferindo ao mesmo uma característica de versatilidade: “O brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização” (*Idem*).

Essa característica do brinquedo permite que um mesmo seja usado em diversas brincadeiras ou em diversos momentos, justamente por não ter um sistema de regras definidas para o seu uso. Um carrinho pode ser usado em

uma brincadeira de corrida ou pode ser usado como automóvel da boneca em uma brincadeira de “casinha”. O objeto permite uma variabilidade em seu uso, estando sujeito à amplitude do imaginário e da criatividade do ator que com ele se envolve.

O brinquedo, como citado anteriormente, supõe uma relação íntima com a criança. Ele passa a assumir um papel de representação para ela, que o difere de outros objetos. O brinquedo passa a ser o companheiro das aventuras imaginárias e reais das crianças. Com ele a criança pode vivenciar e representar certas realidades (Idem). Para que seja entendido melhor o conceito de representação, sugere-se a explicação a seguir:

Uma representação é algo presente no lugar de algo. Representar é corresponder a alguma coisa e permitir sua evocação, mesmo em sua ausência. O brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-lo. (Idem)

Com essa característica, a criança pode, por meio do brinquedo, experimentar-se, vivenciar situações futuras, como ao representar o papel de “mamãe” na brincadeira de “mamãe e filhinha”, assumindo certas responsabilidades do papel desempenhado no brincar e elaborando sua forma de agir sem compromissos formais com a realidade. Desta forma, a criança antecipa e vivencia situações que não são próprias de sua idade, permitindo que ela se experimente e elabore comportamentos diversos em reação às situações vividas e, possivelmente, vindouras.

A representação que a criança faz da realidade, permite que ela participe do meio social. O brinquedo tem também a função de ser ponte para que a criança se insira e seja inserida no mundo social. Para Harres e col., citados por SANTOS (2008a, p. 79-80) “é brincando que o ser humano se torna apto a viver numa ordem social e num mundo culturalmente simbólico”. Isto se dá ao passo que a criança experimenta e vivencia as situações internalizando-as fazendo com que, futuramente, elas sejam seu referencial de um determinado papel na sociedade.

Além de o brinquedo ter esta função de ponte entre a criança e a cultura, ele tem também outra função que está ligada à primeira: de ser uma forma de expressão cultural. Moreno e Paschoal, citado por SANTOS (2008a, p. 104) afirma que,

no sentido amplo, antropológico, cultura é tudo que o homem faz, seja material ou espiritual, seja pensamento ou ação. No entanto, o ato de brincar, na relação homem-brinquedo, exprime as diversas formas de pensar e agir de cada grupo, época e religião, sendo assim, é o brinquedo uma expressão cultural.

Esta afirmação permite o pensamento de que um mesmo brinquedo, como a boneca, pode ser usado de formas ou em brincadeiras diferentes de acordo com o contexto cultural de uma época ou localidade. Para Garon (1990, apud SANTOS, 2008a, p.103) "...alguns jogos, hoje praticados pelas crianças, vieram de jogos praticados por adultos; outros, de rituais religiosos, como por exemplo da boneca de pequenas estátuas religiosas a bonecas de pano, madeira, barro, olhos de vidro e vestimentas de luxo à boneca-bebê no final do século XIX". Nesse sentido podemos inferir que a análise do uso do brinquedo permite uma compreensão do contexto cultural e social de uma época.

O brinquedo também tem suas funções psicológicas. Brincar com um brinquedo pode gerar vários benefícios para as crianças, inclusive benefícios psicológicos, contribuindo para a saúde física e mental das mesmas.

O brinquedo possui muitas características dos objetos reais, mas pelo seu tamanho, pelo fato de que a criança exerce domínio sobre ele, transforma-se no instrumento para o domínio de situações penosas, difíceis, traumáticas, que se engendram na relação com objetos reais. Além disso, o brinquedo é substituível e permite que a criança repita, à vontade, situações prazenteiras e dolorosas que, entretanto, ela por si mesma não pode reproduzir no mundo real. Ao brincar a criança desloca para o exterior seus medos, angústias e problemas internos, dominando-os por meio da ação. (Armida Aberastury, 1992, p.15 in Novaes, 2006)

Ao deslocar todos esses sentimentos para fora, a criança alivia a tensão psicológica que por ventura pode ocorrer e gerar prejuízos nos aspectos sociais, físicos e mentais. Podemos dizer que o uso do brinquedo contribui para a saúde geral da criança e que o não brincar é um indicativo de que se deve ter mais atenção à situação geral da criança. Assim pode-se perceber que o adulto tem uma função muito importante em relação à observação da criança e na

hora de propiciar meios e até eventuais intervenções para que ela se desenvolva de forma saudável.

### 1.3 Sobre o jogo

*“No jogo, há sempre alguma coisa em jogo posta pelo próprio jogador” (Retondar, 2007).*

Falar sobre o jogo não é tão simples, visto que em nossa língua o termo é usado de diferentes formas, além da dificuldade de se classificar o que vem a ser ou não jogo, o que faz parte ou não dessa classe. Para Kishimoto (2008), a definição de jogo não é uma tarefa das mais fáceis:

Quando se pronuncia a palavra jogo cada um pode entendê-la de um modo diferente. Pode-se estar falando de jogos políticos, de adultos, crianças, animais ou amarelinha, xadrez, adivinhas, contar estórias, brincar de “mamãe e filhinha”, futebol, dominó, quebra-cabeça, construir barquinho, brincar na areia e uma infinidade de outros.

A referida autora explica ainda que “a variedade de fenômenos mostra a complexidade da tarefa de defini-lo”.

Vários pesquisadores se debruçaram na tentativa de definir o jogo. Gilles Brougère (1981, 1993) e Jacques Henriot (1983, 1989) realizaram pesquisas que tentam delimitar o que vem a ser o jogo e quais as suas características. Os pesquisadores elencaram três formas em que os jogos podem identificar-se.

O primeiro tópico diz que o jogo pode ser visto como um sistema lingüístico que funciona dentro de um contexto cultural (Idem). Dessa forma, o jogo pode ser aquilo que uma determinada sociedade enxerga como jogo. Em cada contexto pode assumir-se um conceito diferente de jogo. Por isso, torna-se tão difícil definir o que é ou não jogo, visto que cada comunidade o vê de uma maneira.

A segunda forma vê o jogo como um sistema de regras. Os jogos se diferem por suas regras, como a dama, o gamão, o xadrez. O uso de um

mesmo objeto possibilita jogar distintos jogos que se diferem justamente pelas regras do jogo, como o uso do baralho para jogar truco, paciência, pôquer.

O terceiro aspecto aponta o jogo como um objeto. No caso do baralho, as cartas propriamente ditas, feitas de papel ou plástico. No caso do pega-varetas, as varetas de madeira ou de plástico usadas.

Com esses três aspectos pode-se compreender o quão difícil e amplo pode ser definir o que é o jogo. Todavia, diante de cada contexto cultural, das regras e do objeto, podemos identificar jogos de diferentes modalidades e formas, amplificando o que vem a ser a compreensão do jogo.

Johan Huizinga, em sua obra intitulada *Homo Ludens*, produzida em 1938, também deixa sua significativa e atual contribuição para a definição do jogo. Retondar comenta sua obra e descreve as características do jogo para Huizinga da seguinte maneira:

Podemos, à guisa, de uma primeira síntese, compreender o jogo como uma atividade voluntária, sujeita a regras, que se desenvolve em uma relação espacial e temporal, definida, e que promove a evasão momentânea da realidade. Qualquer manifestação social que atenda necessariamente a estas quatro características formais pode ser considerada uma forma de jogo. Uma vez que falte uma destas características, não podemos considerá-la como jogo, mas antes, um exercício, um trabalho, uma imitação forçada. (2007, Pg. 37)

As regras não necessariamente são um conjunto de orientações escritas do que se deve ou não fazer em um jogo. As regras são aquelas que os sujeitos participantes de uma brincadeira se impõe. Crianças brincando de pique-pega podem definir suas regras verbalmente e segui-las. Elas também podem modificá-las quando quiserem, desde que o grupo consinta. A criança que brinca sozinha com seus carrinhos ou bonecas também cria regras para suas brincadeiras e as cumpre fielmente.

Retondar explica que as regras têm o papel de

intermediar as relações intersubjetivas nos jogos de sociedade e, por outro lado, garantir uma identidade mínima através da repetição da forma de se jogar para que estas possam ser passíveis de ser superadas ou mesmo ressignificadas, seja pelo ponto de vista dos jogos individuais ou solitários (Idem Pg. 22).

Embora as regras sejam regras, elas podem ser alteradas ou modificadas de acordo com o contexto, o ambiente e a vontade dos jogadores: “as regras podem e devem ser adaptadas às diversas circunstâncias”. No entanto, elas são de fundamental importância para que o jogo seja jogo e não outra coisa (Idem).

Faz-se interessante observar outra característica do jogo identificada por Huizinga (2004), que é a natureza improdutivo do jogo. Para esse autor, o jogo, para ser jogo, deve ter sua natureza improdutivo, ou seja, sem um fim em si mesmo. Não se joga para criar algo, tampouco visando um resultado final. “O que importa é o processo em si de brincar que a criança se impõe” (Kishimoto 2008 p 24). Quando uma criança brinca, ela o faz sem a intenção de prender algo, de desenvolver alguma habilidade física, mental, social ou psíquica. Ela o faz pelo prazer e vontade de jogar.

Este distintivo apontado por Huizinga pode levar aos **seguintes questionamentos: primeiro se os jogos e brincadeiras têm sido oferecidos às crianças**, seja na escola ou em outro espaço de sua convivência; em consequência, **como se tem feito essa oferta** - se os jogos são impostos ou escolhidos livremente pelas crianças; e por fim, **como elas recebem esses jogos**. A partir do momento, na visão do autor, em que o jogo passa a ter uma finalidade e uma imposição, ele deixa de ser jogo e passa a ser outra coisa, como exercício ou atividade, porém, não mais jogo. Ao jogo e à educação será dedicada uma atenção especial no capítulo seguinte.

A decisão de brincar deve ser voluntária e desinteressada. “Voluntariedade num jogo significa decisão de iniciar e continuar um jogo, considerando o bem que tal atividade proporciona enquanto prática significativa que atende às necessidades mais imediatas e profundas” (RETONDAR, 2007,p, 19).

Essa característica enumerada por Huizinga é corroborada por outros autores e tem, particularmente, um significado muito importante para a educação. Brougère elenca como característica do jogo a “futilidade”, significando o seu uso sem visar consequências específicas (Kishimoto 2008 p 27).

Caillois (1967, p. 42-43), ao elencar as características do jogo discorre sobre o “caráter improdutivo de não criar nem bens nem riquezas” (Kishimoto, 2003). Esta característica aponta para o processo de brincar em que a criança se envolve não visando benefícios posteriores.

Christie (1991 b: 4, apud, KISHIMOTO, 2008, p.25-26), em seus estudos, rediscute as características dos jogos e elabora critérios para identificá-los. Entre as características apontadas pela pesquisadora como relevantes, uma diz respeito à “prioridade do processo de brincar”, onde o foco principal também é o processo da brincadeira sem atentar para possíveis resultados.

### **1.3.1 Os tipos de jogos.**

Após tentar identificar suas características no intuito de definir o que vem a ser jogo ou não, torna-se importante observar os tipos de jogos existentes. Segundo Antunes (2007, p. 22-25), vários autores sugeriram classificações para distingui-los, como Piaget (1946), R. Caillois (1957), Buhler (1935), Erikson (1976) e Maudry e Nekula.

Para este trabalho, cujo tempo é reduzido, será explicitada somente a classificação de Caillois descrita por Retondar (2007).

Para Caillois, “da tensão entre a ludicidade e as regras, ou, entre a gratuidade e a necessidade de limites” (RETONDAR, 2007, p. 39), é possível que se pense a diferença entre os jogos. A classificação não é pormenorizada, mas, antes, destaca “os domínios predominantes de apropriações encontradas nos jogos de maneira geral” (Idem, p.39). Os jogos podem ser classificados em quatro categorias: 1-jogos de competição ou *âgon*; 2- jogos de sorte ou *alea*; 3- jogos de simulacro ou *mimicry* e 4- jogos de vertigem ou *ilinx*.

Os jogos de competição ou *âgon* sugerem o enfrentamento entre os oponentes ou adversários do jogo. O termo grego *âgon*, “remete ao sentido de luta e de embate entre as partes, quer se mostrar o espírito competitivo, o

espírito de disputa, o espírito de luta, o espírito de enfrentamento contra o oponente ou adversário” (idem, p. 39-40).

Os jogos de competição têm como necessidade a igualdade entre os oponentes para que a vitória ou a derrota seja legitimada e incontestável. Enquadram-se nesse tipo de jogo, os jogos de futebol, vôlei de quadra, corridas, disputas automobilísticas. Entre as crianças, vemos ainda outros tipos de brincadeiras como bolinha de gude, quem corre primeiro até um ponto determinado, queimada, quem consegue jogar uma pedrinha por cima da água tocando-a mais vezes sem afundar etc.

Os jogos de competição são estimulantes quando os jogadores se colocam realmente no jogo. Retondar (2007, p.42) afirma que:

Os jogos competitivos lidam sempre com a presença marcante da tensão e da incerteza. Quanto mais equilibrada for a disputa, maior a tensão pelo embate e a incerteza do resultado. (...) O indivíduo se coloca altamente ligado ao que vai fazer, mobilizado, aderido, concentrado na sua ação e na responsabilidade que ele mesmo se coloca para realizá-la com êxito.

Essa aderência do jogador ao jogo é uma característica interessante dos jogos de competição que pode ser aproveitada pela escola para apresentar novos conceitos e melhor fixar outros aprendidos em sala de aula, desde que o jogo seja adequado à realidade e ao conteúdo de ensino dos alunos. Celso Antunes (2007), por sua vez, discute a viabilidade do uso de jogos competitivos na escola. Ele afirma que são as regras do jogo que definem seu caráter. Um jogo competitivo, dependendo de como são suas regras pode ser cooperativo.

A forma como o jogo é jogado depende das concepções que as pessoas imprimem em suas regras:

Se elegemos o egoísmo como forma de concepção do eu e optamos pela competição predatória – na qual sempre se busca a vantagem nas relações interpessoais -, traçamos uma linha existencial marcada por um caráter que privilegia a ambição à solidariedade, à competição, à cooperação (ANTUNES, 2007, p. 12).

Em um jogo de futebol, que é um jogo de competição por natureza, pode haver cooperação e unidade entre os jogadores do mesmo time e também pode haver respeito e solidariedade ao time adversário. Porque “não é sua

natureza (do jogo), mas as regras que mais claramente definem se é o mesmo competitivo ou cooperativo” (Idem, p.12).

Dito isso, torna-se notável a presença necessária do professor ou mediador ao utilizar esses jogos na escola. O professor deve orientar a condução do jogo para que seja vivenciado a partir da solidariedade e da cooperação. Cabe ao professor ou mediador “*imprimir caráter às regras*”, podendo transformar um jogo que privilegia a ambição e o ódio em um “saudável ambiente de ternura e carinho entre as pessoas” (Idem, p.13).

A partir dessa afirmação pode-se perceber o quanto o jogo merece atenção em uma escola e como ele pode ser veículo de informação e formação para os alunos ou aqueles que o jogam. A partir do jogo pode e deve-se educar. Para tanto, faz-se necessário ressaltar novamente o papel do educador como aquele agente que fará do jogo um instrumento de educação. Assim escreve Antunes (2007, p.13):

Neste sentido parece importante realçar o papel do educador e as reflexões que desenvolve sobre as regras dos jogos que aplica. Importante não é apenas conhecer jogos e aplicá-los, mas essencialmente refletir sobre suas regras e, ao explicá-las, delas fazer ferramentas de afeto, instrumento de ternura, processo de realização do eu pela efetiva descoberta do outro. Um verdadeiro educador não entende as regras de um jogo apenas como elementos que o tornem possível, mas como verdadeira lição de ética e moral que, se bem trabalhadas, ensinarão a viver, transformarão e, por tanto, efetivamente educarão.

Os jogos de sorte ou *alea* são aqueles cujo o resultado é definido aleatoriamente e independe do desempenho dos jogadores. Enquadram-se nos jogos de sorte o bingo, os jogos de dados, os jogos de roletas, os caça níqueis, alguns jogos de carta etc. Entre as crianças pode-se observá-las tirando a sorte com “par-ou-ímpar”, “zerinho-ou-um” ou no palitinho. Essa é uma forma imparcial de decidir entre um e outro, em que um é favorecido e o outro, necessariamente, é prejudicado.

Nos jogos de sorte, ao contrário dos de competição, o jogador é meramente espectador:

Nos jogos de sorte ou *Alea*, o indivíduo tão-somente se apresenta como um espectador, pois nada pode fazer para interferir no resultado que será definido aleatoriamente pelo movimento dos dados, da roleta, dos ossos, do cair da moeda, do recebimento das cartas (RETONDAR, 2007).

Nos jogos de competição, como explicitado anteriormente, os jogadores querem jogar bem e se empenham ao máximo para conseguir uma vitória. Nos jogos de sorte, há o predomínio da tensão e da incerteza, visto que “não há processo de construção do jogado, não há desenvolvimento do jogo, somente produto, isto é, no mesmo momento em que o jogo se inicia, logo após ele termina definindo o perdedor ou o vencedor” (Idem, p.44).

Os jogos de simulacro ou *mimicry* se dão “quando os objetos ou situações de jogo apresentam condição fora da realidade” (ANTUNES, 2007, p.25). Como exemplo pode ser citado quando uma criança fantasia e brinca desempenhando papéis que não são o seu na realidade, como o de mãe, pai, professora, dentista, fada, príncipe, bruxa etc.

Esses tipos de jogos sempre chamaram muito a atenção dos estudiosos por evidenciar especialmente como a criança vê o mundo que a cerca. Ao brincar, a criança assume os papéis de outros sujeitos da sociedade. “Neste caso, assumir um papel é, antes de tudo, assumir imaginariamente o lugar de outro a partir de si mesmo” (RETONDAR, 2007, p.48). Desta forma a criança mostra ao mundo como ela o concebe e o entende, ela devolve ao mundo a imagem que o mundo reflete para ela.

Retondar (2007, p.47) define o tipo de jogo simulacro ou *mimicry* como sendo

a encarnação de um personagem fictício, baseado na necessidade do jogador de fazer crer a si próprio e aos outros. O jogador procura representar um papel que traduza de maneira mais fiel possível a realidade representada. O indivíduo necessita adentrar a esfera do imaginário através da evasão da vida real cuja predominância se traduza mais para a idéia de projeto do que de catarse<sup>1</sup>, ou seja, o

---

<sup>1</sup> “Em psicopatologia, o termo foi usado pela primeira vez por Freud para designar um tipo de psicoterapia. Através dos métodos de associação livre e hipnose, ele procurou trazer à consciência as chamadas experiências traumáticas e suas associações afetivas.

indivíduo ao mesmo tempo, tem que estar fora e estar dentro do personagem representado para que possa, durante esse movimento de ir e vir, se fazer cada vez mais crente naquilo que está representando.

Piaget também fala desse tipo de jogo em que a criança fantasia como sendo os jogos simbólicos que se expressam através do fantástico mundo do 'faz-de-conta' e da ficção e que se estendem do aparecimento da linguagem até os seis ou sete anos (ANTUNES, 2007. pg25).

Esses tipos de jogos são motivados pela significativa presença do espírito lúdico, ou seja, "do movimento gratuito e espontâneo cuja finalidade última é se auto-satisfazer. O que se busca ao acionar o espírito lúdico é a satisfação de uma realidade imaterial, como os desejos, os sonhos, a alegria, o prazer, o transe" (RETONDAR, 2007 p.48).

O último tipo de jogo proposto por Huizinga são os jogos de vertigem ou *ilinx*. Como o nome sugere, são jogos que envolvem a vertigem, a tontura em que o sujeito se impõe, ainda que por breves instantes, momentos de pânico à consciência (ANTUNES, 2007, p. 25).

Retondar (2007, p.51) os define da seguinte forma:

O termo *ilinx* em grego significa 'turbilhão das águas', que na mesma língua designa vertigem. Tais jogos buscam extrair prazer da vertigem, do mal-estar, do pânico, momentâneo em busca da desordenação da ordem, em busca da tontura que provoca náusea, enfim, movimento que busca provocar o transe, a distorção da realidade de forma abrupta e intensa.

Observa-se este tipo de jogos para adolescentes e adultos em parques de diversões nos brinquedos como a montanha russa, camicase, pêndulo, roda gigante; em parques aquáticos os tobogãs ou toboaguas. As crianças brincam de girar até ficarem tontas e depois andam ou tentam se equilibrar paradas. Gostam também de serem levantadas por um adulto até o alto e depois descê-las rapidamente experimentando um "frio na barriga". Nos parquinhos podem brincar nos balanços, gangorras, carróséis, e nos que giram.

---

Os sintomas psiquiátricos ou símbolos são considerados representações disfarçadas de idéias ou experiências esquecidas ou reprimidas. Quando estas são trazidas de volta à esfera da consciência e plenamente vivenciadas (num sentido terapêutico), o método é chamado catarse".  
<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/wordbook/entry.php?entryID=1502>, último acesso em 7/11/09 – palavra de pesquisa: catarse)

O autor explica ainda que esses tipos de jogos têm um efeito de desfalecimento, temor e, ao mesmo tempo, de grande estímulo. “O corpo fica todo mobilizado e contraído, a atenção fica redobrada e a maior tarefa é sustentar o desconforto em vias de extrair dele satisfação e prazer” (Idem).

#### 1.4 Sobre o brincar

*“...todas as crianças em todo o mundo, mesmo nas mais terríveis condições de dificuldades, pobreza e proibição, brincam (Lobo apud Aroeira, 1996, p. 75)”* (SANTOS, 2008a, p.107-108)

Brincar é uma manifestação presente em, qualquer idade. Todos podem brincar! Embora a brincadeira seja associada somente à infância, jovens adultos e idosos também o fazem. Assim fala Coria Sabini (2004, p. 27):

De acordo com as autoras (Garcia e Marques 1990, p. 11), a palavra brincar não se relaciona apenas às atividades da criança, pois em todas as idades as pessoas brincam. Também os jogos estão presentes em todas as faixas etárias, embora as crianças os pratiquem de forma mais freqüente e com mais liberdade.

O brincar pode ser considerado de diversas formas de acordo com o prisma sob o qual se olha esse fenômeno. Todavia, qualquer que seja o referencial usado para analisar o brincar, todos chegam, cada um a seu modo, à conclusão de que o brincar é importantíssimo na vida dos sujeitos.

Santos (2008b, p. 112-115) enumera diversas formas de se considerar o brincar, a saber, os pontos de vista filosófico, sociológico, da criatividade, psicoterapêutico e o mais importante para este estudo, o ponto de vista pedagógico.

Do ponto de vista filosófico, o brincar é visto como uma forma de opor-se à racionalidade. “Há que se repensar um novo tempo em que intelecto e espírito, razão e emoção se interagem como parâmetros na busca de um novo paradigma para a existência humana, consolidando as potencialidades às exigências das relações sociais”. Sabe-se que durante a história a humanidade oscilou em extremos como no tempo do Iluminismo, em que a razão era

sempre exaltada em detrimento a emoção. Hoje, ainda, há a necessidade de se propor um novo paradigma que não segmentarise o homem nem o tendencie a valorizar somente um aspecto da sua composição como a razão, a emoção ou a espiritualidade, mas antes, buscando um equilíbrio para bem viver e ou viver plenamente com um ser completo e único.

Neste sentido, a ludicidade, vista como um “mecanismo da subjetividade, afetividade, dos valores e sentimentos – portanto, da emoção – deverá estar junto na ação humana, tanto quanto a razão” (SANTOS, 2008b, p. 112).

Pode-se dizer, então, que a “expressão lúdica tem a capacidade de unir razão e emoção, conhecimento e sonho, formando um ser humano mais completo e pleno” (Idem, p. 112).

Outro ponto de vista do qual podemos olhar o brincar é o sociológico. Quando a criança brinca, ela repete situações vistas em seu dia-a-dia e representa papéis que outras pessoas desempenham na sociedade, como o de pai, mãe, profissional etc., desta maneira ela antecipa, por alguns instantes, os papéis que um dia poderá vivenciar e os internaliza, fazendo-os sua referência para a vida em sociedade.

Para a autora citada anteriormente, o brincar é a “forma mais pura de inserção da criança na sociedade”. Para ela, ainda, “a apropriação da cultura é resultado das interações lúdicas, que se dá entre a criança, o brinquedo e outras pessoas” (Idem, p. 112-113).

A mesma autora, em outra obra, afirma, além disso, que “na verdade, brincar representa um fator de grande importância na socialização da criança, pois é brincando que o ser humano se torna apto a viver numa ordem e num mundo culturalmente simbólico” (1997, p. 79-80).

O ser humano está em constante desenvolvimento. Na criança este é mais intenso e notável. Do ponto de vista psicológico, o brincar está presente na vida da criança como agente catalisador e facilitador deste desenvolvimento.

O brincar está presente em todo o desenvolvimento da criança nas diferentes formas de modificação do seu comportamento; pois na formação da personalidade, nas motivações necessidades, emoções, valores, as interações criança/família e criança/sociedade estão associados aos efeitos do brincar. (...) É na psicologia que se encontra o brincar como uma necessidade tão básica como o sono e a alimentação, que garantem um boa saúde física, mental e emocional. (SANTOS, 2008b, p. 113).

Ele é significativamente importante no desenvolvimento da criança, pois o fato de a criança brincar ou o tanto que ela brinca não vai acelerar seu desenvolvimento, mas a ausência da ação lúdica em sua vida pode lhe acarretar sérios problemas futuros - não existe melhor mecanismo do que o brincar para o seu desenvolvimento (Idem, p. 113)

Pode-se entender então, que brincar é saúde e vida. O brincar é necessário para que o sujeito tenha uma infância e vida saudável em todas as diversas facetas que o compõem.

Do ponto de vista da criatividade, Santos afirma que, tanto o processo de brincar, como o ato criativo estão ligados à busca do “eu”. Ou seja, nestes atos a criança se descobre, descobre o mundo e cria. “Brincando ou sendo criativo, o indivíduo descobre quem realmente é” (Santos, 2008b, p. 114). A autora explica que as condições que são favoráveis para que a brincadeira ocorra, assemelham-se às condições importantes e necessárias para favorecer o ato de criar. “Para ambos, é necessário ter a coragem de errar e lançar-se numa atividade de forma descompromissada; é necessário ter iniciativa e autonomia de pensamento” (Idem).

Moyles corrobora com a idéia exposta acima: “Poderíamos dizer que o brincar leva naturalmente à criatividade, porque em todos os níveis do brincar as crianças precisam utilizar habilidades e processos que proporcionam oportunidade de ser criativo” (2002, p. 84)

O ato de brincar influencia a vida que este sujeito terá no futuro. “A criança que é estimulada a brincar com liberdade terá grandes possibilidades de se transformar em um adulto criativo” (SANTOS, 2008b, p.114)

O brincar pode ser visto também sob a ótica psicoterapêutica. Nesse sentido, ele tem a função de ser o meio pelo qual a criança externaliza o que

está em seu interior, sejam medos, angústias, alegrias, ou quaisquer outros sentimentos. O brincar pode ser considerado, por si só, uma terapia:

o brincar tem a função de entender a criança nos seus processos de crescimento e de remoção dos bloqueios do desenvolvimento, que se tornam evidentes. Na voz dos psicoterapeutas o brincar é universal, é a própria saúde, facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos grupais. É uma forma de comunicação consigo mesmo e com os outros; por si só é uma terapia (Idem).

Uma das primeiras pesquisadoras a usar o método de brincar para obter resultados terapêuticos foi Melanie Klein. Ela desenvolveu a técnica conhecida hoje por ludoterapia, ou seja, terapia por meio da brincadeira. É interessante observar que Melanie Klein desenvolve essa técnica em um meio que não acreditava poder realizar terapias com crianças, por serem estas incapazes de falar e exteriorizar o que as aflige.

“O brincar assume uma função terapêutica porque nessa atividade a criança pode exteriorizar seus medos, angústias, problemas internos e revelar-se inteiramente, resgatando a alegria, a felicidade, a afetividade, e o entusiasmo” (Idem).

O último ponto de vista a ser elencado é o ponto de vista pedagógico sob o brincar. Além de todas as facilidades que o ato de brincar propicia à criança, ele também é uma estratégia de ensino poderosa para que as crianças aprendam (SANTOS, 2008b, p. 115).

“FROBEL foi quem pela primeira vez viu o brincar como a atividade responsável pelo desenvolvimento físico, moral e cognitivo das crianças e pelo estabelecimento das relações entre os objetos culturais e a natureza” (Idem, p. 115).

A escola, como a instituição que está presente na vida dos sujeitos por tanto tempo de seu desenvolvimento, não pode ignorar ou deixar para segundo plano a ferramenta do brincar para o ensino, reservando espaço para ele somente na hora do recreio ou para o tempo livre. Coria Sabine (2004) comenta sobre o uso do brincar na escola:

De acordo com o *Referencial curricular nacional para a educação infantil* (Brasil 1998), é imprescindível que sejam oferecidas, às

crianças, atividades voltadas para as brincadeiras ou para as aprendizagens que ocorrem por meio de ações em grupo, para que ela possa exercer sua capacidade de criar. Ao brincarem, as crianças recriam e repensam os acontecimentos que deram origem às brincadeiras, superando gradativamente suas aquisições e ampliando seu tempo e seu espaço. Nesse sentido, o brincar cria oportunidades para que as crianças possam experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos acontecimentos. (p.45)

Em sala de aula o brincar pode e deve ser usado de diversas formas e em vários momentos. Aos educadores cabe propiciar e direcionar momentos de jogos e brincadeiras aos alunos.

Santos elucida características do brincar que podem ser usadas para facilitar a aprendizagem: “Brincar exige concentração durante um grande intervalo de tempo. Desenvolve a iniciativa, imaginação, e interesse. Basicamente é o mais completo dos processos educativos, pois influencia o intelecto, a parte emocional e o corpo da criança” (2008, p. 79-80).

Nota-se que por todo este leque de possibilidades que se abre à infância quando se brinca, o brincar não pode ser considerado supérfluo, frívolo ou perda de tempo como foi visto durante anos e até os dias de hoje. Sobre isso, Moyles comenta: “Como afirma vigorosamente Loizos (1969, p. 275): Longe de ser uma atividade supérflua, para ‘o tempo livre’ em certos estágios iniciais cruciais, (o brincar) pode ser necessário para a ocorrência e o sucesso de toda a atividade social posterior” (2002, p. 14).

## Capítulo II

### O Lúdico na Escola

#### 2.1 – A história, o jogo e a escola.

Para que se entenda um pouco mais da relação entre o jogo, o brincar e sua participação na vida escolar, é necessário que se olhe para trás, para a história do homem, no intuito de analisar como se deu a interação entre os mesmos. A visão que se tinha do brincar e do jogo está diretamente ligada à visão que se tinha da criança em cada época histórica.

Durante muito tempo a criança foi negada em sua essência e em suas particularidades, sendo tratada em desacordo com suas características, sejam elas físicas, mentais, emocionais ou psicológicas. Santos (1997) mostra, na seguinte afirmação, que a criança teve suas necessidades e até existência anuladas diante dos adultos e da sociedade:

Ao retomar a história da evolução do homem na sociedade, vamos perceber que a criança nem sempre foi considerada como é hoje. Antigamente ela não tinha existência social, era considerada miniatura do adulto, ou quase adulto, ou adulto em miniatura. Seu valor era relativo, nas classes altas era educada para o futuro, nas classes baixas o valor da criança iniciava quando podia ser útil ao trabalho, colaborando na geração da renda familiar (1997, p. 19).

À época a criança não era enxergada enquanto um sujeito completo, complexo e distinto. Não era enxergada em suas necessidades diferenciadas das de um jovem ou de um adulto. Essa visão da criança era compartilhada não só pela escola, mas pela própria família, que depositava sobre ela a expectativa de ser educada para o futuro ou para contribuir na renda familiar ajudando nas tarefas domésticas.

Em cada época histórica e em cada contexto tem-se uma visão diferente da criança e da infância. Porém, a que mais predominou, segundo a autora, foi

a visão de que a criança era um ser incompleto, inocente, inacabado, como uma miniatura do adulto ou um adulto que não estava completamente formado, conferindo a ela sempre uma visão negativa (Idem).

Junto a esta ótica da criança, soma-se a visão do brincar. À época, o brincar era visto como uma atividade supérflua e até frívola, destinada somente às pessoas que não tinham o que fazer e que acabavam sendo mal vistas pela sociedade. O brincar também era visto como algo que distanciava o homem de suas virtudes (Idem).

As concepções que se têm da criança, do brincar e de todos os outros aspectos que possam ser relacionados à infância, se refletem em vários segmentos da sociedade e em diferentes intensidades. A visão antiga que se tinha da criança, e que, por vezes, ainda é encontrada na sociedade atual, também refletia no tratamento que a ela se dava em sua família e na escola. Pois, se a criança é vista como miniatura do adulto, ou um ser inacabado, ela vai ser tratada como tal na escola ou em qualquer lugar onde ela esteja presente, especialmente na escola.

Para que essa visão tão errônea da criança mudasse, foi preciso que toda a sociedade modificasse suas concepções e valores: “Foi preciso que houvesse uma profunda mudança da imagem da criança na sociedade para que se pudesse associar uma visão positiva às suas atividades espontâneas, surgindo como decorrência a valorização dos jogos e brinquedos” (SANTOS, 1997, p. 19-20).

Para clarificar as épocas e as respectivas visões sobre a criança, o brincar e a escola e acompanhar as mudanças que se deram na sociedade, sugere-se este quadro baseado obra de Kishimoto (2003, p. 14-18).

**Quadro 1 - Quadro histórico sobre as mudanças de visão da Criança, jogo e sociedade. Informações retiradas e adaptadas de Kishimoto, 2003.**

<b>Época / contexto</b>	<b>Principais agentes ou disseminadores do pensamento.</b>	<b>Visão da Criança, jogos brincadeira e escola.</b>
Grécia e Roma antigas – O jogo não era mencionado como “recurso para o ensino da leitura e do cálculo”.	Platão (427a.c. – 347a.c.)	As crianças deveriam “aprender brincando” ao invés de aprender com violência e repressão.
	Aristóteles (387a.c. – 322a.c.)	Uso de jogos para o preparo para a vida adulta. Os jogos deveriam simular as situações das vidas dos adultos.
Roma		Os jogos eram destinados ao preparo físico e para “formação de soldados e cidadãos obedientes e devotos.
	Horácio e Quintiliano (escritos do séc. I d.c.)	Mencionam em seus escritos a “presença de guloseimas em forma de letras” para facilitar a aprendizagem do alfabeto.
Cristianismo – Com seu advento, o interesse pelo jogo diminui. “A sociedade cristã toma posse do Império desorganizado e impõe uma	Escolas episcopais e anexas aos mosteiros.	A escola distancia-se do “desenvolvimento da inteligência” e aos alunos cabe a memorização e obediência. Os jogos eram considerados tão inaceitáveis quanto a embriaguez e a

educação disciplinadora”.		prostituição.
Renascimento – Advento de novas concepções pedagógicas. A felicidade terrestre passa a ser considerada legítima e preconiza o desenvolvimento do corpo.		O jogo deixa de ser censurado e passa a integrar o cotidiano dos jovens como “tendência natural do ser humano”. O exercício físico, extinto na Idade Média, passa a ser praticado.
Século XVI – Surgimento e destaque do jogo educativo	Companhia de Jesus – Santo Inácio de Loyola	Inácio de Loyola “compreende a importância dos jogos e de exercício para a formação do ser humano e preconiza a sua utilização como recurso auxiliar do ensino.  Surgimento do jogo educativo como suporte da atividade didática, visando à aquisição de conhecimentos conquistando um espaço definitivo na educação infantil.
Século XVII		Expansão contínua dos jogos didáticos ou educativos. Multiplicam-se jogos de leitura e jogos destinados à tarefa didática nas áreas de História, Geografia, Moral, Religião, Matemática, entre outros.
	Padre Franciscano Thomas Murner	Utiliza o baralho como jogo educativo para uma aprendizagem mais dinâmica.

Século XVIII – Início do movimento científico		Os jogos são diversificados e inovados. São popularizados deixando de ser usado somente pela realeza e nobreza
Século XIX – Fim da Revolução Francesa		Origem de inovações nas práticas pedagógicas.
	Froebel (1782-1852)	O jogo entra na história da educação infantil e é entendido como “objeto e ação de brincar, caracterizado pela liberdade e espontaneidade”.
Início do século XX - Crescimento da rede de ensino infantil		Expansão dos jogos motivado pelo aumento das “discussão das relações entre o jogo e a educação”. Os jogos que são fabricados passam a ser de melhor qualidade, com melhores normas de segurança, indicação de faixa etária e folhetos com informações que “orientam a ação de brincar e aprender”.

Como visualizado no quadro 1, há uma ligação entre o jogo e a aprendizagem desde os tempos passados. No entanto, houve a predominância do pensamento de que o jogo está relacionado mais a uma forma de descanso ou recreação do que como uma forma efetiva de ensinar e aprender. Kishimoto afirma que

segundo a inspetora Pape-Carpantier, em 1849 (*apud* Brougère, 1987, p. 83), ‘O jogo não pode ocupar o lugar de lições morais e não deve absorver o tempo de estudo, embora ninguém no mundo possa ficar sempre escutando nem estudando. É preciso, nesta idade,

sobretudo, dançar, correr, saltar, mover-se por seu elã (...) Se o jogo não forma diretamente o espírito ele o recreia ( 2003, p. 17).

A inspetora frisa o fato de que o jogo e lições morais ou tempo de estudo não são compatíveis. Mas que o brincar é importante já que ninguém consegue ficar estudando o tempo inteiro.

Froebel tem um papel importante ao apontar uma nova visão do jogo ao explicitar a idéia de jogo livre. Ele afirma que o jogo livre é importante para o desenvolvimento da criança e que com jogos de montar, cubos, cilindros ou bolas, pode-se estabelecer relações com os conhecimentos da Física, Matemática, Metafísica e desenvolver noções de estética (Idem, p. 16).

A visão de Froebel influencia Kergomard, que aponta a idéia do jogo livre e espontâneo como eixo da educação infantil, em que as crianças devem agir na escola como agiriam em suas famílias: não recebem lições, mas fazem o que têm que fazer para seu desenvolvimento intelectual, físico e moral (Idem, p. 18) Kishimoto, diz que, neste contexto, “nasce o jogo educativo: mistura de jogo e de ensino” (Idem).

O século de grande importância na evolução do jogo educativo é o XVI, em que é considerado o seu nascimento e conquista definitiva de seu espaço da educação Infantil (Idem, p 17).

Pode-se perceber que a criação e uso do jogo educativo foi uma grande e difícil conquista da humanidade, em cuja história encontrou resistências culturais e religiosas muito fortes. Hoje se tem acesso amplo à informação e a visão da necessidade do jogo educativo é bem difundida. Assim, não usá-lo em sala de aula pode ser visto como uma negligência do educador no trato do ensino e da aprendizagem, especialmente a infantil.

Girard afirma que “o jogo é para criança um fim em si mesmo, ele deve ser para nós um meio (de educar), de onde seu nome *jogo educativo* que toma cada vez mais no lugar da linguagem da pedagogia maternal” (GIRARD, 1908, p. 199 in Kishimoto, 2003, p. 18).

## 2.2 – Jogo e escola: O jogo educativo.

Faz-se necessário aprofundar um pouco no conceito de jogo educativo para que fique clara a diferença entre o jogo e o jogo educativo. Para tanto, é importante observar quais são as funções do jogo educativo. Para Kishimoto, a razão das divergências em torno do jogo educativo é a presença de duas funções concomitantes, a saber, a função lúdica e a função educativa. Assim, a autora cita Campagne (1989, p. 112) e descreve as funções:

1. Função lúdica: o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente; e
2. Função educativa: o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão ao mundo ( KISHIMOTO, 2003, p. 19).

O jogo usado em sala de aula deve ser igualmente dividido entre as duas funções: o de “propiciar diversão, prazer e mesmo desprazer ao ser escolhido de forma voluntária e o jogo com sua função educativa, aquele que ensina, completando o saber, o conhecimento e a descoberta do mundo pela criança (Campagne, 1989: 112) apud (Kishimoto, 1992: 28)” (in Kishimoto, 2008, p.96).

O equilíbrio entre as duas funções é o objetivo do jogo educativo. Entretanto, o desequilíbrio provoca duas situações: não há mais ensino, há apenas jogo, quando a função lúdica predomina ou, o contrário, quando a função educativa elimina todo hedonismo, resta apenas o ensino (KISHIMOTO, 2003, p. 19).

Aqui vale lembrar e refletir sobre a natureza improdutiva do jogo apontada por Huizinga e corroborada por outros autores, explicitada no capítulo anterior. Como visto, o jogo, para ser jogo, não deve ter um fim em si mesmo, caso contrário, seria outra coisa, como trabalho ou exercício. A criança não joga por buscar aprender algo, mas pelo prazer de jogar.

Como se pensar, então o jogo em sala de aula?

Kishimoto explica que esse questionamento é apontado por alguns filósofos e teóricos como o “paradoxo do jogo educativo” (Idem). A referida autora ainda elucida e responde ao questionamento:

Embora autores como Bally, (1959), Caillois, (1967), Huizinga, (1951), Alain, (1957), Henriot, (1983), Rabecq-Maillard, (1969), Sutton-Smith, (1971), entre outros, destaquem a liberdade como atributo principal do jogo, no campo da própria educação procura-se conciliar a liberdade, típica dos jogos, com a orientação própria dos jogos educativos. Em outros termos, elimina-se o paradoxo na prática pedagógica ao se preservar a liberdade do brincar da criança (Kishimoto, 2003, p. 19).

À criança deve ser reservado o direito de brincar voluntariamente, sem que seja imposto ou forçado. Ao professor, cabe oferecer brinquedos selecionados de acordo com sua intenção de ensino, organizar o ambiente tornando-o propício, igualmente, às suas intenções pedagógicas e interagir com a criança (Idem). Dessa forma, tem-se a eficiência do jogo pedagógico sem ferir o princípio de liberdade de brincar da criança.

### **2.3 – O jogo em sala de aula**

A escola durante muitos anos negligenciou o direito de a criança brincar, alegando que ela estava na instituição para aprender e que brincar não é prioridade. Infere-se que, quando a escola discursa desta forma, evidencia, nas entrelinhas de sua alocução, duas características de seu pensamento: a dicotomização da criança – que hora pode ser criança, brincando e hora tem que negar o “ser criança” para aprender; e a dicotomização entre o processo de aprendizagem e a brincadeira.

O jogo e a brincadeira não podem ser vistos com desprezo ou como insignificantes, principalmente nas escolas. Antes, deve ser visto sob o prisma da pesquisa, do estudo e da possibilidade de melhora significativa no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Antunes (2007, p. 10) afirma que “o jogo possui implicações importantíssimas em todas as etapas da vida psicológica de uma criança e

representa erro inaceitável considerá-lo como trivial ou perda de tempo”. Nota-se que o autor é categórico ao afirmar que é um “erro inaceitável”, sendo esta uma visão bem distinta da de antigamente.

Para Piaget, esta é uma conduta negligenciada pela escola tradicional:

(...) O jogo é um caso típico das condutas negligenciadas pela escola tradicional, dado o fato de parecerem destituídas de significado funcional. Para a pedagogia corrente, é apenas um descanso ou o desgaste de um excedente de energia. Mas esta visão simplista não explica nem a importância que as crianças atribuem aos seus jogos (...). A criança que joga desenvolve as suas percepções, sua inteligência, suas tendências à experimentação, seus instintos sociais etc. (p. 158) (PIAGET, 1975, p. 158 in CÓRIA\_SABINI, 2004, p. 40).

Piaget critica severamente as escolas que adotam um sistema tradicional de ensino em que o jogo não está presente na rotina das crianças como um meio de desenvolvimento, mas como uma forma de gastar seu excedente de energia e preencher horários vagos na rotina.

Almeida (2000, p. 13) também tece sua crítica em relação ao emprego do jogo na escola e enfatiza seus benefícios:

A educação lúdica está distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão superficial. Ela é uma ação inerente na criança, no adolescente, no jovem e no adulto e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações com o pensamento coletivo.

O uso do jogo na escola é uma estratégia muito interessante, se não a melhor, para que a criança aprenda e se interesse por diversos conteúdos. Os jogos motivam as crianças e as deixam mais abertas à aprendizagem. Com seu uso, “as crianças ficam mais motivadas a usar a inteligência, pois querem jogar bem: sendo assim, esforçam-se para superar obstáculos, tanto cognitivos quanto emocionais. Estando mais motivadas durante o jogo, ficam também mais ativas mentalmente” (KISHIMOTO, 2008, p. 96).

Com o uso do jogo a criança não tem medo de errar, de se mostrar, de se expor, pois tudo faz parte da brincadeira.

O jogo por ser livre de pressões e avaliações (...), cria um clima de liberdade, propício a aprendizagem e estimulando a moralidade, o interesse, a descoberta e a reflexão. Sabemos que as experiências positivas nos dão segurança e estímulo para o desenvolvimento. O

jogo nos propicia a experiência do êxito, pois é significativo, possibilitando a descoberta, a assimilação e a integração com o mundo por meio de relações e vivências. (KISHIMOTO, 2008, p. 96).

O jogo é uma possibilidade de abertura da criança ao aprendizado que não pode ser ignorada pelos educadores, antes deve ser olhada com atenção para que se aproveitem os benefícios que ele proporciona.

Sobre os benefícios do brincar, Santos, explicita o pensamento de Vygotsky da seguinte forma: “Oferecer espaço para a criança brincar é também oferecer espaço para ‘reorganizar experiências’ (Vygotsky, 1988) e construir conhecimento através da resolução de situações-problema” (2008a, p. 123).

Na visão de Vygotsky, o brincar tem papel fundamental tanto para o desenvolvimento da criança, futuro adulto, quanto do adulto que está em contato direto com a criança.

Na análise do brinquedo, segundo Vygotsky (1988), as necessidades das crianças devem ser consideradas, pois é a partir dos desejos não realizáveis imediatamente que os brinquedos e brincadeiras surgem de modo a resolver essa tensão no mundo ilusório e imaginário onde os desejos podem ser realizados.

A imaginação, continua o referido autor, é uma forma especificamente humana de atividade consciente, surgindo primeiro da ação do brincar, passando a ser o brinquedo sem ação, daí a importância do resgate do potencial lúdico do adulto que se encontra em relação estreita com a criança que brinca (ou não).

O brincar possibilita a construção de um adulto saudável, equilibrado física e emocionalmente, podendo suportar melhor as pressões e frustrações cotidianas, explorando e desenvolvendo a criatividade na resolução de problema (SANTOS, 2008a, p. 128).

A sala de aula é um ambiente propício para a utilização do brinquedo. Sua utilização, como evidenciado na citação, beneficia a criança em todos os aspectos de seu desenvolvimento. A autora destaca ainda a necessidade da abertura do educador à sua essência lúdica para que ele possa intermediar a relação da criança com o brinquedo e instruí-las de forma a tirar o melhor proveito possível dos brinquedos e brincadeiras.

Moyles sugere que “dentro da noção do professor como um mediador e iniciador da aprendizagem, o brincar livre e o dirigido são aspectos, essenciais da interação professor / criança, porque o professor tanto permite quanto

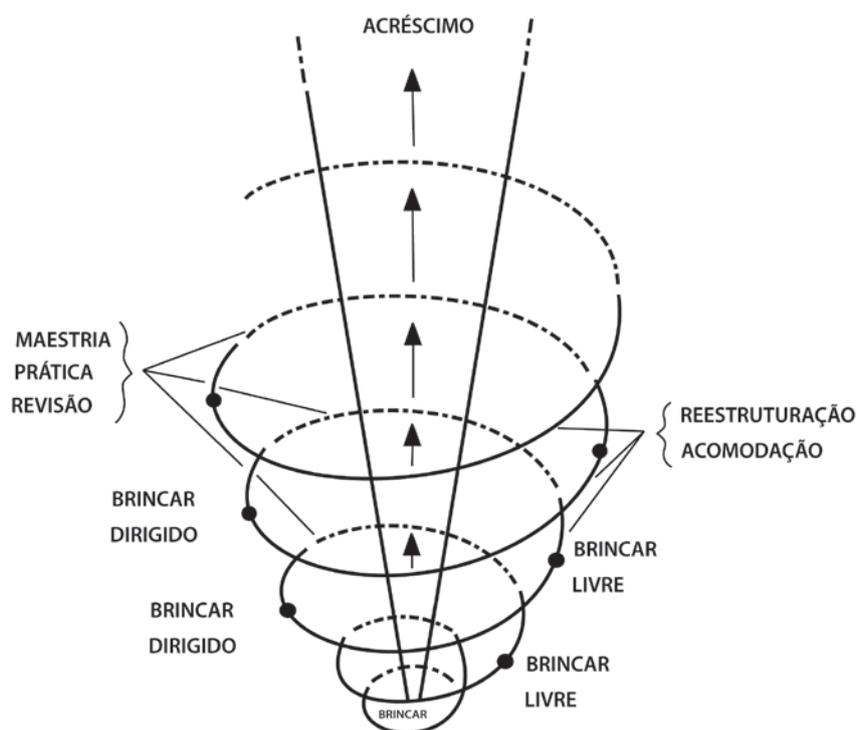
proporciona os recursos necessários e apropriados”. Desta maneira o professor tem papel fundamental na orientação da criança em relação ao brinquedo, gerando, em consequência, a possibilidade de aprendizagem.

Moyles (2002, p. 27-28) descreve uma experiência com crianças que mostra a relação da criança com o brinquedo e a contribuição do educador neste processo de brincadeira que gera ensino e aprendizagem. Foram usados o brincar livre e o direcionado.

Primeiro, foi dado às crianças brinquedos para que elas explorassem, brincassem e se familiarizassem com os objetos. Depois, uma professora ensinou uma forma diferente de brincar com os objetos e as crianças o fizeram. Em outro dia, a professora disponibilizou os mesmos brinquedos às crianças para que brincassem livremente. Estas usaram o brinquedo como a professora havia ensinado na vez passada e acrescentaram ao que ela ensinou uma nova forma de brincar.

O processo pode ser ilustrado com a seguinte figura:

**Figura 2.1 – A espiral do brincar (MOYLES, 2002, p. 28)**



Em forma de espiral, representa um processo ciclotímico em que primeiro acontece o brincar livre, depois o dirigido e assim sucessivamente. Neste processo, a criança melhora e enriquece o brincar:

Como uma pedrinha atirada em um lago, as ondulações do brincar livre exploratório para o brincar livre dirigido e de volta para o brincar livre melhorado e enriquecido permitiram que uma espiral de aprendizagem se espalhasse para fora, em novas experiências para as crianças, e para cima, na aquisição de conhecimento e habilidades (MOYLES, 2002, p.28).

A autora ainda afirma que, explicitando o brincar desta maneira, torna-se mais fácil compreender a abrangência das suas potencialidades.

Todas as características e possibilidades do jogo e do brincar se fazem importantes, ao passo que, a partir da constatação das mesmas, pode-se ter uma nova ótica da criança e de seu desenvolvimento, tornando-se, então, possível e necessária a criação de novas formas interagir com a criança auxiliando-a em suas necessidades. Ou seja, é com base nestas informações que se faz possível criar/recriar ou elaborar/reelaborar novas práticas pedagógicas mais eficientes, eficazes e significativas para as crianças, além de auxiliar e redirecionar as possíveis pesquisas nesta área da educação.

A prática educativa lúdica faz do ato de educar um compromisso consciente intencional e prazeroso:

A educação lúdica integra uma teoria profunda e uma prática atuante. Seus objetivos, além de explicar as relações múltiplas do ser humano em seu contexto histórico, social, cultural, psicológico, enfatizam a libertação das relações pessoais passivas, técnicas para as relações reflexivas, criadoras, inteligentes, socializadoras, fazendo do ato de educar um compromisso consciente intencional, de esforço, sem perder o caráter de prazer, de satisfação individual e modificador da sociedade. (Almeida, 2000, p. 31-32)

## 2.4 – O professor e a Educação Lúdica

Para que a educação lúdica aconteça é necessário que o professor esteja preparado para agir desta forma e saiba criar situações lúdicas a fim de que a aprendizagem possa ocorrer. Para tanto, é fundamental que o professor seja formado para tal realidade.

A formação lúdica se assenta em pressupostos que valorizam a criatividade, o cultivo da sensibilidade, a busca da afetividade, a nutrição da alma, proporcionando aos futuros educadores vivências lúdicas, experiências corporais, que se utilizam da ação, do pensamento, e da linguagem, tendo no jogo sua fonte dinamizadora. (...) Quanto mais o adulto vivenciar sua ludicidade, maior será a chance de este profissional trabalhar com a criança de forma prazerosa. (SANTOS, 1997, p. 13-14)

A educação lúdica depende diretamente de como o professor atua em sala de aula e, por consequência, a atuação do professor em sala de aula depende de sua formação e comprometimento com a necessidade de modificar a forma de ensino. O autoconhecimento, a abertura a novas experiências e o conhecimento dos benefícios do brincar em sala de aula são de suma importância para o crescimento e formação do profissional.

A formação lúdica deve possibilitar ao futuro educador conhecer-se como pessoa, saber de suas possibilidades e limitações, desbloquear suas resistências e ter uma visão clara sobre a importância do jogo e do brincar para a vida da criança, do jovem e do adulto. (pag. 14)

Quanto mais as instituições de ensino superior propiciarem vivências lúdicas aos alunos em seus currículos e quanto mais os alunos e professores já atuantes buscarem se atualizar e formar com cursos que enfatizem a ludicidade, mais bem preparados os educadores estarão para trabalhar de forma coerente com as crianças.

Com a prática reflexiva, o professor pode alcançar uma melhor qualidade em sua ação educadora. A metodologia de observação e registro, reflexão e avaliação dá ao professor a possibilidade de recriar suas estratégias de ensino, buscando melhorá-las e aperfeiçoá-las.

Através dos estudos e da prática teórica reflexiva e também sensível, é possível formar aquele sujeito leitor da necessidade, da vontade, do interesse e da realidade, no sentido de buscar e resgatar o sujeito que cria, que inventa, que sonha, que imagina, que busca o belo e que brinca. Assim, através dessa prática teórico-reflexiva o professor pode tornar o pedagógico mais consciente. E, para fazer isto, seu fazer precisa de um método de trabalho, de registro e que busca de difere de pessoa para pessoa, mas que inspira uma metodologia de observação e registro, de reflexão e de avaliação onde o professor recria seguindo seu próprio jeito num espaço de liberdade, de encontro, de interação e reflexão cotidiana sobre a prática social, cognitiva, afetiva e psicomotora que acontece na relação educativa. (SANTOS, 2008a, p. 82)

O professor deve assumir uma conduta de comprometimento com a sua prática, avaliando-a constantemente. A auto avaliação e o estudo constantes dão ao professor uma visão mais ampla e crítica de suas ações, viabilizando uma melhora contínua e a possibilidade de transformar sua atuação de uma forma mais lúdica e adequada.

## Capítulo III

### Metodologia

A busca pelo conhecimento é uma característica da humanidade que se deu de diversas formas para realizá-la. “O ser humano, valendo-se de suas capacidades, procura conhecer o mundo que o rodeia. Ao longo dos séculos, vem desenvolvendo sistemas mais ou menos elaborados que lhe permitem conhecer a natureza das coisas e o comportamento das pessoas” (Gil, 2008 p. 1).

Esta busca pelo conhecimento pode ser chamada de pesquisa. No dicionário, pesquisa é definida como o “estudo e investigação sobre um assunto ou campo do conhecimento” (Sacconi, 1996, p. 522). Para Booth, “pesquisar é simplesmente reunir informações necessárias para encontrar uma resposta para uma pergunta e assim chegar à solução de um problema” (Booth, 2005. p.7 – Ver como citar os outros autores).

A forma mais aceita pelos críticos de se realizar uma pesquisa é usando o método científico. Segundo Gil (2008, p.8), “pode-se definir o método como o caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como a conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir um conhecimento”.

Embora haja divergências ou discordâncias a respeito da definição de ciência, ela pode ser entendida a partir de suas características, como elenca Gil: “a ciência pode ser caracterizada como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível” (2008, p.2). Para o autor, “a partir destas características torna-se possível, em boa parte dos casos, distinguir o que é ciência e o que não é” (2008, p. 3).

As ciências podem ser formais ou empíricas, estas, por sua vez, podem ser naturais ou sociais. A pesquisa realizada neste trabalho se enquadra no campo das ciências empíricas sociais.

A pesquisa social pode ser definida como “o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a observação de novos conhecimentos no campo da realidade social” (GIL, p.26). Para Gil, a realidade social é entendida como todos os aspectos que envolvem o homem e suas relações com outros homens e as instituições sociais (Idem).

A razão de ordem intelectual para esta pesquisa justifica sua classificação como uma pesquisa aplicada, que “tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas do conhecimento” (Idem, p 27).

A natureza desta pesquisa é descritiva, pois descreve as características de um determinado grupo de alunos e professora de uma escola. Para Gil (2008), o objetivo primordial deste tipo de pesquisa é “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Idem, p. 28).

A pesquisa se caracteriza como estudo de caso, que segundo GIL (2008), constitui-se como um “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado” (p.57).

A coleta de dados foi feita em duas etapas. A primeira se deu por meio da observação simples<sup>2</sup> do cotidiano de uma sala de aula. A segunda etapa foi realizada por meio de entrevistas estruturadas<sup>3</sup> com os alunos, possibilitando também o tratamento quantitativo dos dados. A entrevista com os alunos foi composta com 9 perguntas. O roteiro para entrevista estruturado com os alunos encontra-se no anexo1.

O objetivo geral desse estudo é identificar e analisar se crianças do 3º ano do Ensino Fundamental vivenciam em seu cotidiano escolar atividades lúdicas como meio viabilizador do processo de ensino e aprendizagem.

---

<sup>2</sup> A observação simples pode ser entendida como “aquela que o pesquisador, permanece alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos e que aí ocorrem. Neste procedimento o pesquisador é muito mais um observador do que um ator.” (GIL, 2008. p. 101).

<sup>3</sup> Para Gil, “a entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados” (2008, p. 113).

A amostra pesquisada foi uma turma de alunos de terceiro ano do ensino fundamental, na escola ainda chamada de segunda série, no turno vespertino da rede pública do Plano Piloto de Brasília. A escola cuja turma é pertencente foi escolhida devida a proximidade da residência da pesquisadora, para assim gerar maior disponibilidade da mesma em estar na escola e por atender a alunos com a idade e série pretendida para pesquisa.

A turma em que foi realizada a pesquisa foi escolhida por ser a única no período vespertino do 3º ano.

### **3.1 – Coleta de dados.**

Como mencionado anteriormente, a coleta de dados para esta pesquisa se deu em duas etapas. A primeira foi a observação dos alunos em sala de aula durante uma semana no horário de aulas e registro, que foi digitalizado e encontra-se disponível em apêndice de A a E. A segunda foi a entrevista com os alunos da classe gravada com gravador digital e transcrito, podendo ser consultado na íntegra no apêndice de F a W.

Para exposição do ocorrido no processo de coleta de dados, os fatos serão apresentados cronologicamente, prezando por uma clarificação e melhor compreensão do trajeto percorrido pela pesquisadora.

#### **3.1.1 – Primeiro contato com a escola.**

O primeiro contato com a escola deu-se no período matutino. A pesquisadora falou pessoalmente com a vice-diretora sobre a possibilidade de realizar a pesquisa. O acolhimento foi imediato. A vice-diretora intermediou todo o contato da pesquisadora com a escola, já que a Diretora estava de licença médica. A exigência da escola foi somente a apresentação do documento de autorização da Regional de Ensino.

A pesquisadora pegou o documento na UnB solicitando a autorização da Regional de Ensino, cuja escola almejada é pertencente, para a realização da pesquisa. O documento de encaminhamento encontra-se em anexo 2.

Neste mesmo dia a pesquisadora levou o documento de encaminhamento à Regional de Ensino e recebeu a autorização escrita para realizar a pesquisa na escola. A autorização da Regional de Ensino encontra-se em anexo 3.

O segundo contato com a escola se deu no período vespertino. O documento de autorização da Regional de Ensino foi levado à escola e apresentado à vice-diretora. Esta, por sua vez, recebeu e indicou a única turma de segunda série no período vespertino para realização das entrevistas e observação.

### **3.1.2 – Início das observações em sala de aula**

O primeiro dia de observação em sala de aula foi uma Segunda-feira. A pesquisadora foi muito bem recebida pela Professora e pelos alunos, que a acolheram com certa simpatia. Em todos os dias de observação a pesquisadora sentou-se em uma carteira localizada no final da sala a fim de possibilitar uma maior visibilidade da turma e maior compreensão da movimentação dos alunos e da professora. Especialmente neste dia o horário de aula foi reduzido e findou às 16h.

De Terça à Sexta-feira, do segundo ao quinto dia de observação respectivamente, os horários das aulas foram das 13h30 às 18h20.

### **3.1.3 – Início das entrevistas.**

As entrevistas ocorreram na semana seguinte à da observação. Foram 2 dias de entrevistas, de segunda e terça-feira, no período vespertino.

No primeiro dia de entrevista a pesquisadora entrevistou todos os alunos que foram à aula. Ao todo foram 14 crianças entrevistadas. A turma tem 20 alunos. Neste dia, a professora da turma não foi dar aulas para cuidar da saúde/falecimento de parente próximo.

No segundo dia de entrevista a pesquisadora voltou à escola para entrevistar as crianças que não foram a aula no dia anterior. Foram entrevistadas mais 4 crianças. A professora já havia retomado suas atividades na escola.

### **3.1.4 – Projeto Político Pedagógico**

Após ter concluído as observações, a pesquisadora ligou para escola, e ao falar com a vice-diretora, pediu para que tivesse acesso ao Projeto Político Pedagógico da escola. Em resposta, a vice-diretora disse que o documento não estava na escola e sim com a Diretora em sua casa, mas se disponibilizou a pedir para que ele fosse levado à escola. Assim sendo, poderia ser acessado.

Depois desta conversa por telefone, a pesquisadora entrou em contato com a escola várias vezes para saber se o documento estava disponível, porém, obteve insucesso. As justificativas foram várias: como não conseguir falar com a vice-diretora por que estava ocupada; esquecimento pelos responsáveis da escola em deixar o documento na escola e a não presença da vice-diretora na escola.

Somente duas semanas depois do pedido de acesso ao documento, após contato por telefone, a pesquisadora teve a notícia de que o Projeto Político Pedagógico estava na escola e foi pegar. A vice-diretora disse que o documento não poderia sair da escola, mas que poderia ser xerocado em uma papelaria por ela indicada, sendo devolvido imediatamente após. Assim foi feito e pode ser consultado no anexo 4.

Não é objeto de estudo desse trabalho a análise do Projeto Político Pedagógico, no entanto, dele foram retiradas informações para a caracterização da escola.

### **3.2 – Caracterização da escola**

A escola pesquisada foi inaugurada em fevereiro de 1984. Atende atualmente 289 alunos dentre os quais encontram-se alunos com necessidades especiais incluídos, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola. Ao todo são quinze turmas: nove no período matutino e seis no vespertino. As séries/ anos atendidos são: uma turma de 1º ano, duas turmas de 2º ano, três turmas de 2ª série, três turmas de 3ª série, quatro turmas de 4ª série e duas turmas especiais de 2ª série.

Sua instalação física dispõe de 1 pátio externo, 2 pátios internos, 1 área descoberta (jardim de inverno) e calçada ao centro da escola com 5 jardineiras de concreto, 9 salas de aula, 1 biblioteca, 1 laboratório de informática, 1 sala e recursos, 1 salas para serviço de orientação educacional, 1 sala de coordenação (adaptada), 1 sala de professor com banheiro, 1 sala de mecanografia e reprografia, 1 banheiros adaptados para alunos cadeirantes, 1 banheiro masculino para servidores, 3 banheiros para alunos, 2 salas para auxiliares com 1 banheiro, 1 depósito para materiais de limpeza, 1 depósito para gêneros alimentícios, 1 cozinha e 1 área de serviço.

A escola é cercada por alambrado à frente, ao fundo e na lateral esquerda, sendo a lateral direita cercada com alambrado e muro de concreto. Todas as janelas da escola possuem grade de ferro.

Para a caracterização e descrição da escola, as informações foram colhidas no Projeto Político Pedagógico.

### **3.3 – Caracterização da sala de aula.**

#### **3.3.1 – Espaço físico**

A sala de aula observada é arejada, com janelas laterais em lado oposto ao da porta e ventilador.

Tem a mesa da professora, as carteiras dos alunos e um quadro branco para uso com pincel no lugar do tradicional quadro negro e giz. Quatro armários de aço no fundo da sala, murais na lateral, em cima do quadro e no fundo da sala, uma prateleira no fundo da sala com três baldes de tampinhas de plástico de garrafa de refrigerante.

### **3.4 – Perfil dos Alunos e Professora**

#### **3.4.1 – A Turma**

A turma tem ao todo 22 alunos, dos quais dois não foram às aulas em dia algum em que a pesquisadora esteve na escola. As crianças são moradoras do Plano Piloto de Brasília e entorno, com idade entre 8 e 11 anos.

Dos 18 alunos entrevistados, 10 são do sexo masculino e 8 do sexo feminino.

Uma aluna é indígena e vive há poucos anos em meio à “nossa cultura”. Algumas crianças moram em casas de abrigos e por motivos diversos, são mantidas afastadas de suas famílias. Outras são filhos de famílias de classe média e ou média alta.

Segundo a professora, existem alunos na turma que não são totalmente alfabetizadas e outros que mostram desempenho bem a frente da média da turma.

### **3.4.2 – A Professora**

A professora fez Magistério, é graduada em Letras Português – Inglês, pós-graduada em Gramática aplicada ao texto e, quando da realização da entrevista, estava cursando nova graduação em Pedagogia.

Sua idade é de aproximadamente 35 anos.

Trabalha em sala de aula há 12 anos e já deu aulas para turmas do 6º ao 9º do Ensino Fundamental II e atualmente, dá aulas para crianças do 2º ano do Ensino Fundamental I.

A professora afirmou gostar muito do que faz. Disse que nasceu para ser professora.

## Capítulo IV

### Apresentação e análise dos dados

A análise de dados consiste em “organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação”.

Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante a sua ligação com outros acontecimentos anteriormente obtidos. (GIL, 2008, p. 156)

A pesquisa realizada neste trabalho gerou dados que possibilitaram a identificação dos resultados e que serão apresentados na mesma ordem cronológica em que foram coletados. Desta forma, serão apresentados os resultados identificados na análise das anotações das observações, posteriormente das entrevistas com as crianças.

Concomitante a descrição e apresentação dos dados será realizada a sua análise e interpretação.

Classicamente, a interpretação dos dados é entendida como um processo que sucede à sua análise. Mas estes dois processos estão intimamente relacionados. Nas pesquisas qualitativas, especialmente, não há como separar os dois processos. Por essa razão é que muitos relatórios de pesquisa não contemplam sessões separadas para tratar dos dois processos (GIL, 2008, p. 177).

Embasado no pensamento de Gil de que o processo de apresentação e análise dos dados são processos de forte relação, nesse relatório de pesquisa as duas sessões serão apresentadas juntas.

## **4.1 - Apresentação dos resultados**

Serão apresentados os dados conforme foram coletados. Após os primeiros contatos com a escola, os dados para esta pesquisa foram coletados em duas etapas. A primeira etapa foi a observação da sala de aula e a rotina dos alunos. A segunda foi a realização da entrevista com as crianças.

### **4.1.1 – Observações na sala de aula**

Foram observados cinco dias de aula da turma durante uma semana. O primeiro dia de aula teve seu horário reduzido por causa de um evento do outro ano da escola.

Para a descrição e discussão dos dados serão apontados os fatos que a pesquisadora considerou mais relevantes de acordo com os objetivos desse trabalho. A integralidade das descrições pode ser consultada no apêndice.

Primeiro dia de observação – Os alunos foram dispensados da aula às 16h extraordinariamente por causa do evento de Formatura do Programa Educacional de Resistência às Drogas - PROERD<sup>4</sup> dos alunos do 5º ano.

---

<sup>4</sup>É um programa de caráter social preventivo, posto em prática pela Polícia Militar, junto aos alunos do 5º ano que encontram-se na faixa etária de 09 a 12 anos de idade e dos adolescentes do 7º ano, na faixa etária de 12 a 14 anos de idade. O programa é aplicado nas escolas da rede de ensino público e privado, através do esforço cooperativo entre Polícia Militar, Escola e família, oferecendo atividades educacionais em sala de aula, que inserem em nossas crianças e adolescentes a necessidade de desenvolver as suas potencialidades, ajudando a preparar para o futuro uma geração consciente do exercício de sua cidadania. O PROERD também oferece um curso específico à família, é desenvolvido em 5 (cinco) encontros, uma vez por semana, durante 2 (duas) horas. Tem como objetivo capacitar os pais a ajudarem os seus filhos a fazerem escolhas positivas. São discutidas informações relacionadas com fatores de risco e proteção, rede de apoio, resolução de conflitos, técnicas de comunicação, entre outros.

<http://www.proerd.rn.gov.br/oquee.htm>, acessado em 02/12/09.

**Quadro 2 - Horário das atividades do primeiro dia de observação:**

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
13h30	Chegada dos alunos a sala, oração e músicas.
13h53	Biblioteca
14h12	Leitura individual na biblioteca
14h51	Retorno à sala
15h02	Chegada do lanche
15h29	Anotar o dever de casa
15h40	Arrumar o material para ir embora
16h00	Toca o sinal do final da aula.

O fato que chamou a atenção da pesquisadora neste primeiro dia de contato com a turma foi o modo como a assistente da professora que conduz as atividades na biblioteca chamou a atenção de um aluno que conversava com outro dentro da biblioteca. A assistente “chama a atenção dos alunos que conversam: ‘É para ler não é para brincar! Se fizer barulho vou mandar todo mundo para sala’.

Ao associar o ato de conversar como brincar, a assistente dá sentido à palavra brincar como sinônimo de conversa/desordem/bagunça. Esse é conceito usual. No entanto, ele pode ser remetido à época em que

“o brincar era visto como uma atividade supérflua e até frívola, destinada somente às pessoas que não tinham o que fazer e que acabavam sendo mal vistas pela sociedade. O brincar também era visto como algo que distanciava o homem de suas virtudes” (Santos, 1997,p.19).

Dessa forma, em alguns momentos das entrevistas com as crianças, elas associaram a palavra brincar com bagunçar e atrapalhar a aula.

Segundo dia de observação – a principal atividade do dia foi pintar os desenhos para compor um livro sobre a vida do músico Toquinho. O Quadro 3 apresenta o horário das atividades do dia:

**Quadro 3 - Horário das atividades do segundo dia de observação:**

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
13h30	Chegada dos alunos a sala, oração e músicas.
13h56	As crianças cortam 20 figuras da revista.
14h49	Limpar a sala.
15h03	Orientações sobre a confecção do livro.
15h30	Chegada do lanche.
15h57	Recreio.
16h17	Término do Recreio.
16h24	Confecção do livrinho com os desenhos.
18h00	Guardar o material e organizar a sala.
18h16	Toca o sinal do final da aula.

Alguns fatos chamaram a atenção da observadora neste dia. Primeiro, dentro da sala de aula, durante o lanche, uma criança pega um ioiô e se junta a outra para brincarem, logo, se aproximam duas crianças interessadas na brincadeira e em seguida mais quatro crianças. É interessante observar o poder de atração que uma brincadeira exerce sobre as crianças. Essa observação vai ao encontro com a afirmação de Santos de que o brincar “desenvolve a iniciativa, imaginação, e interesse” (2008, p. 79-80).

Segundo, após o recreio, dois alunos levantam em sala de aula durante uma atividade e começam a brincar de ioiô. A professora vê e não intervém. Algum tempo depois, estes dois alunos retiram o barbante do ioiô e brincam de se bater. A professora não intervém novamente. Observa-se que a professora em alguns momentos adota uma postura de omissão diante das atividades, corretas ou incorretas, apropriadas ou inapropriadas das crianças.

Antunes (2007, p.13) destaca a necessidade de o professor orientar as crianças em relação à brincadeira e sua responsabilidade em educar para o afeto e a ternura a partir das experiências do brincar:

Neste sentido parece importante realçar o papel do educador e as reflexões que desenvolve sobre as regras dos jogos que aplica. Importante não é apenas conhecer jogos e aplicá-los, mas essencialmente refletir sobre suas regras e, ao explicá-las, delas fazer ferramentas de afeto, instrumento de ternura, processo de realização do eu pela efetiva descoberta do outro. Um verdadeiro educador não entende as regras de um jogo apenas como elementos que o tornem possível, mas como verdadeira lição de ética e moral que, se bem trabalhadas, ensinarão a viver, transformarão e, por tanto, efetivamente educarão.

O professor deve orientar a condução do jogo para que seja vivenciado a partir da solidariedade e da cooperação. Cabe ao professor ou mediador “*imprimir caráter às regras*”, podendo transformar um jogo que privilegia a ambição e o ódio em um “saudável ambiente de ternura e carinho entre as pessoas” (Idem).

Durante o intervalo algumas crianças (meninos e meninas) brincam de ioiô, outras quatro de Totó e Futebol de mesa, próximo ao final do recreio, duas crianças sentam-se no chão ao lado da biblioteca e começam a ler gibis. A brincadeira que domina o recreio das crianças de todas os anos é o pique-pega.

“Uma criança grita: ‘Quem quer brincar de pique-pega?’. Muitos alunos correm e se juntam para combinarem as regras e iniciarem a brincadeira. Alunos de todas os anos participam. (...) Em um momento da brincadeira de pique-pega, os líderes convocam uma reunião para discutirem e adaptarem as regras. Reunião encerrada, voltam a brincar e correr. Os que foram pegos na brincadeira ficam sentados no banco e não podem sair de lá. Outras crianças ficam vigiando para que nenhum escape” (Apêndice B).

Observa-se a capacidade das crianças de se organizarem, criarem regras, coloca-las em prática e se comprometerem durante uma brincadeira, evidenciando suas potencialidades quando em grupo e suas habilidades individuais.

As regras são muito importantes em um jogo e tem o papel de

“intermediar as relações intersubjetivas nos jogos de sociedade e, por outro lado, garantir uma identidade mínima através da repetição da forma de se jogar para que estas possam ser passíveis de ser superadas ou mesmo ressignificadas, seja pelo ponto de vista dos jogos individuais ou solitários” (RETONDAR, 2007 Pg. 22).

Nota-se que as crianças após iniciada a brincadeira, em um determinado momento, sentem a necessidade de modificar suas regras. O fato observado pela pesquisadora exemplifica a afirmação de Retondar que “as regras podem e devem ser adaptadas às diversas circunstâncias” (Idem).

Segundo Celso Antunes (2007), o uso das regras é importante para manter uma ordem durante o jogo e são elas que definem seu caráter, assim um jogo pode ser competitivo ou cooperativo.

No relato supracitado pode-se observar a competição entre dois grupos, os que pegam e os que juntos tentam se “salvar” e a cooperação entre o grupo que pega ao se dividirem em um subgrupo que pega e outro subgrupo que vigia os pegos.

Essa subdivisão evidencia o uso de estratégia e organização para alcançar um objetivo. Durante a brincadeira as crianças adquirem novas habilidades demonstrando benefícios do brincar para o desenvolvimento humano.

Terceiro dia de observação – Este dia foi marcado por uma série de incidentes de comportamento que desestabilizaram os alunos e professora ao final do dia.

**Quadro 4 - Horário das atividades do terceiro dia de observação:**

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
13h30	Chegada dos alunos a sala, oração e músicas.
13h50	Realização da experiência do “Ciência em Foco” <sup>5</sup>
14h28	Professora passa no quadro o relatório da experiência para copiarem
15h12	As crianças pegam a folha para recortar e colar no caderno.
15h20	Chega o lanche na sala.
15h58	Inicia o recreio.
16h20	Professora passa outro texto no quadro para copiarem
17h05	Professora e alunos tentam organizar a sala
17h22	As crianças pegam as tampinhas para brincar
17h48	Professora pede que guardem as tampinhas. Inicia a bagunça em sala.
18h17	Toca o sinal do final da aula.

Os fatos que chamaram a atenção da pesquisadora neste dia de observação foram vários. Primeiramente os incidentes ocorridos antes e depois do recreio que envolveram o aluno Tales. Este teve um comportamento em sala de aula de ameaça e violência a um colega acusando-o de roubar sua

<sup>5</sup> Ciência em Foco é um programa do Governo do Distrito Federal – GDF em parceria com a empresa Sangari, para atender a rede pública de ensino no Distrito Federal. Esse projeto teve seu início em abril de 2008 e tem como objetivo apresentar um ensino das ciências naturais diferenciado, estimulando a participação dos alunos e contribuindo para melhor aprendizado da disciplina no ensino fundamental. Para isso o programa utiliza livros para alunos e professores e materiais de investigação (Kits), além de investir na formação contínua dos educadores. Esse projeto atende mais de 300 mil alunos e cerca de 7 mil professores em 532 escolas do Distrito Federal.

<http://noticias.sangari.com/Detalhe.cfm?t=O+que+e+Ciencia+em+Foco&cod=14201>

Acessado em 03/12/2009.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u498260.shtml> Acessado em 03/12/2009

tesoura. Este é um aluno que, segundo a professora, esteve envolvido no tráfico de drogas sendo usado pelo pai como “aviãozinho” fazendo entrega de entorpecentes. A criança é mantida afastada judicialmente de seus pais biológicos e segundo a professora tem um comportamento difícil em sala de aula e com os colegas. Essas informações foram obtidas pela pesquisadora em um momento que a professora da turma a chamou e comentou o difícil caso desse aluno.

Visto que, “...todas as crianças em todo o mundo, mesmo nas mais terríveis condições de dificuldades, pobreza e proibição, brincam (Lobo apud Aroeira, 1996, p. 75)” (SANTOS, 2008a, p.107-108), em situações de alunos com quaisquer dificuldades, das mais graves e complexas às mais simples, o uso do jogo, da brincadeira e da ludicidade podem ser muito úteis já que ele tem também os seus benefícios psicológicos.

O brincar tem a função de entender a criança nos seus processos de crescimento e de remoção dos bloqueios do desenvolvimento, que se tornam evidentes. Na voz dos psicoterapeutas o brincar é universal, é a própria saúde, facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos grupais. É uma forma de comunicação consigo mesmo e com os outros; por si só é uma terapia (SANTOS, 2008b, p.114).

Mesmo a sala de aula não sendo um consultório de psicoterapia, o benefício do brincar é inerente ao seu uso dirigido por um terapeuta. Porém, conhecida a situação difícil do aluno em questão, os jogos poderiam ser usados visando a saúde do aluno.

A professora, diante do comportamento do Tales chamou sua atenção em alguns momentos, em outros somente ficou observando e ainda em outros chamou a coordenadora e orientadora educacional em sala. Estas tiveram que estar varias vezes em sala de aula para apartar as crianças.

“14h07 - A professora chama atenção do Tales que fica ao lado da mesa de um colega intimidando-o e acusando-o de ter colocado sua tesoura na mochila. O colega afirma que não fez isso, mas o Tales continua intimidando-o e pede para revistar sua mochila.

14h09 - Tales empurra o colega que esta de pé tentando proteger seus pertences, agarra-o pela gola e depois revista sua mochila. A professora fica olhando e pede para chamarem a vice-diretora.

14h10 - A vice-diretora entra em sala. A professora explica a situação. Tales continua afirmando que o colega pegou sua tesoura. A vice-diretora fala que ele olhou a mochila do colega e não encontrou nada, mas ele continua afirmando que o colega pegou o objeto. A vice-diretora retira o aluno da sala de aula para conversar.

(...)

14h16 - Tales levanta de sua cadeira e fica em pé ao lado da carteira do colega novamente intimidando-o com o olhar em silêncio. A professora vê a situação, mas não interfere.

14h19 - A professora pede que os alunos peguem seus cadernos de ciência em foco.

14h22 - A professora interfere na situação e diz ao Tales que ele esta coagindo o colega.

14h24 - A professora pede para chamar a Orientadora Educacional. Ela entra em sala tem que levantar a voz e o Tales, depois de resistir, é retirado de sala novamente.”

O comportamento da professora em alguns momentos foi de omissão por ter visto que o Tales estava se comportando inadequadamente e ter somente olhado ou tentando dar continuidade à aula. Assim como observado no dia anterior que a omissão do professor na intervenção e orientação de uma brincadeira pode ser prejudicial para que seus benefícios sejam alcançados, nessa situação, a omissão da professora é prejudicial para um ambiente da sala de aula que deve propiciar o aprendizado e a educação de forma saudável.

Durante o recreio as crianças da escola brincam predominantemente de pique-pega. O único brinquedo que a pesquisadora observou foi uma boneca usada por duas crianças para brincar.

Outro ponto que merece destaque na observação do dia foi o momento em que a professora permite que as crianças brinquem livremente com as tampinhas de garrafa de refrigerante. Um grande grupo de crianças se juntou

aos poucos para brincar de empilhar as tampinhas formando muros. Umhas crianças ficaram somente conversando sem se envolver com as tampinhas.

Para o uso das tampinhas pelas crianças não houve qualquer direcionamento ou intervenção da professora. Nesse caso, conforme fala Kishimoto, o jogo foi usado somente em sua função lúdica e não na função educativa que pode exercer.

A autora cita Campagne (1989, p. 112) e descreve as funções:

1. Função lúdica: o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente; e
2. Função educativa: o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o individuo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão ao mundo ( KISHIMOTO, 2003, p. 19).

O jogo usado em sala de aula deve ser igualmente dividido entre as duas funções: o de “propiciar diversão, prazer e mesmo desprazer ao ser escolhido de forma voluntária e o jogo com sua função educativa, aquele que ensina, completando o saber, o conhecimento e a descoberta do mundo pela criança (Campagne, 1989: 112) apud (Kishimoto, 1992: 28)” (in Khishimoto, 2008, p.96).

Após vinte e seis minutos de brincadeira a professora interrompe dizendo que é hora de guardar as tampinhas. Nesse momento inicia uma série de incidentes que desestabilizaram a turma e a professora:

“17h48 - A professora pede que as crianças guardem as tampinhas.

Uma criança chuta a muralha de tampinha. As que estavam no grupo se assustam, mas logo começam a espalhar e todas passam a jogar e pisar nas tampinhas. Inicia assim, uma guerra de tampinhas.

As crianças que estavam brincando com as tampinhas eram de diferentes grupos dentro da sala. Crianças que quase nunca se falavam estavam brincando juntas e crianças que sempre estavam juntas brigavam entre si se uma atrapalhava a brincadeira de todos.

A palavra de ordem da professora para guardar as tampinhas deu início a uma bagunça descontrolada e generalizada. A turma toda se envolveu.”

(...)

“17h57 - A turma esta descontrola. Os alunos brigam entre si. Uns fazem guerrinha de tampinhas e outros tentam arrumar a sala. A briga passa a ser entre os que bagunçam e os que querem organizar.

Uma aluna é acertada por uma tampinha no olho o começa a chorar. A professora a abraça em silêncio e enquanto a segura também se protege do momento.

Mais crianças começam a chorar, se abraçam e encontraram refúgio se abraçando e chorando perto da professora. A professora olha a situação desconsolada.”

(...)

“18h12 - A professora olha para a turma e desconsolada suspira...”

A vice-diretora é chamada novamente em sala e retira o Tales de sala novamente. Após esta intervenção as crianças para de brigar, mas continuam assustadas e desestabilizadas.

É interessante notar que a palavra de ordem para guardar os brinquedos foi recebida pelas crianças com uma notável insatisfação a ponto de virar uma bagunça tão grande que as próprias crianças se assustaram com o que elas fizeram umas com as outras.

“18h05 - Uma criança sentou em sua cadeira, escondeu o rosto e começou a chorar. Ele era uma das crianças que mais tacou tampinhas e bagunçou na sala, mas agora chora.

Os alunos mais comportados ainda tentam arrumar a sala e tentam tirar as tampinhas que estão embaixo do armário de ferro.

18h09 - A professora se aproxima do aluno que chora e pergunta por que ele está chorando. Ele diz que ficou com medo. A professora se afasta e não fala nada, por que ele era uma das crianças que mais estavam bagunçando. Outros alunos tentam conversar e acalmar o que chora.”

Ao término da aula varias crianças ainda choravam. Outras comentavam sobre o ocorrido e a professora foi para a sala dos professores desconsolada e desestabilizada.

O papel do professor em sala de aula deve ser de orientar e organizar a turma e a atividade para que, os benefícios de uma brincadeira não sejam perdidos ou gere como resultado malefícios.

Pode-se apoiar essa análise mais uma vez no pensamento de Antunes (2007, p.13) que destaca a necessidade de o professor orientar as crianças em relação à brincadeira.

Neste sentido parece importante realçar o papel do educador e as reflexões que desenvolve sobre as regras dos jogos que aplica. Importante não é apenas conhecer jogos e aplicá-los, mas essencialmente refletir sobre suas regras e, ao explicá-las, delas fazer ferramentas de afeto, instrumento de ternura, processo de realização do eu pela efetiva descoberta do outro. Um verdadeiro educador não entende as regras de um jogo apenas como elementos que o tornem possível, mas como verdadeira lição de ética e moral que, se bem trabalhadas, ensinarão a viver, transformarão e, por tanto, efetivamente educarão.

Em sala de aula, a orientação do professor se faz necessária em todo momento da brincadeira, no seu início, meio e fim, ainda que seja uma brincadeira em que as crianças decidam como querem brincar com um brinquedo. Sem essa orientação dificulta-se a educação para a vida, a ética, a moral por meio da brincadeira.

Uma brincadeira livre pode ser usada com intensões pedagógicas. Kishimoto afirma que à criança deve ser reservado o direito de brincar voluntariamente, sem que seja imposto ou forçado. Ao professor, cabe oferecer brinquedos selecionados de acordo com sua intenção de ensino, organizar o ambiente tornando-o propício, igualmente, às suas intenções pedagógicas e interagir com a criança (2003, p. 19). Para que isso ocorra, primeiramente, deve-se ter, da parte do professor, a intenção de propiciar momentos de brincadeiras com intenções pedagógicas. Esta intenção não foi observada na atividade proposta em sala.

Quarto dia de observação – Neste dia de observação os estudantes Silvio e Tales não estavam presentes. Por causa dos incidentes do dia anterior eles foram suspensos das aulas.

**Quadro 5 - Horário das atividades do quarto dia de observação:**

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
13h30	Chegada dos alunos a sala, oração e músicas.
14h00	Copiar o texto sobre a vida de Toquinho
14h35	Terminar de fazer os desenhos para o livrinho
15h26	Guardar o material para o lanche
15h55	Recreio
16h22	Em sala, inicia o filme.
17h39	Hora Cívica
17h49	Retorno à sala
18h03	As crianças vão para o pátio externo para brincar.
18h15	Toca o sinal para ir embora.

Neste quarto dia as crianças assistiram a um filme atentamente, sem se distrair. Próximo do término da aula a professora levou as crianças para brincarem no pátio da entrada da escola. As crianças brincaram de pique-pegas.

Durante o recreio foi observado que as crianças brincaram menos de pique-pegas do que nos dois dias anteriores, se dedicando a brincadeiras diferentes e em menores grupos. A pesquisadora observou uma criança brincando de ioiô, uma sozinha brincando de totó/futebol de mesa, um grupo brincando de girar em torno do próprio eixo para ficar tonto e outras crianças que balançavam o mastro de hastear a Bandeira Nacional e saíam correndo dizendo que ela ia cair.

O relato descrito de brincar de girar em torno do próprio eixo é um tipo de brincadeira classificado por Huizinga como jogos de vertigem ou *ilinx*. Como o nome sugere, são jogos que envolvem a vertigem, a tontura em que o sujeito se impõe, ainda que por breves instantes, momentos de pânico à consciência (ANTUNES, 2007, p. 25).

Retondar explica que esses tipos de jogos têm um efeito de desfalecimento, temor e, ao mesmo tempo, de grande estímulo. “O corpo fica todo mobilizado e contraído, a atenção fica redobrada e a maior tarefa é sustentar o desconforto em vias de extrair dele satisfação e prazer” (2007, p.51).

Ao final do dia, faltando 12 minutos para o término da aula, a professora deixou as crianças brincarem livremente no pátio. Esse é um exemplo de uma atividade lúdica que não visava uma função educativa, somente a função lúdica propiciar diversão, prazer e até desprazer, podendo ser escolhido livremente ( KISHIMOTO, 2003, p. 19).

Quinto dia de observação – Este é o dia da rotina semanal das crianças em que eles têm atividades menos pesadas e exaustivas.

**Quadro 6 - Horário das atividades do quarto dia de observação:**

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
13h30	Chegada dos alunos a sala, oração e músicas.
13h55	As crianças fazem fila para ver o teatro.
14h35	Na sala as crianças pintam os desenhos do livro do Toquinho
15h26	Chega o lanche na sala.
15h57	Inicia o recreio
16h18	Sinal para ir para sala. Retorno da atividade de pintar os desenhos.
17h36	Apresentação de dança das crianças da 4 <sup>o</sup> e 5 <sup>o</sup> ano.
18h10	Volta para sala e arrumação dos materiais escolares.
18h14	Toca o sinal para ir embora.

Neste dia as crianças assistiram um teatro de fantoches do Grupo de Teatro Defensores do Planeta do Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal- SLU<sup>6</sup> e após o recreio, a apresentação dos alunos 5º ano.

A hora do recreio também ocorreu de maneira diferente. A turma ficou no tempo do recreio na quadra de esportes da Super Quadra em que se localiza a escola. As crianças da turma brincaram todas juntas de descer um morrinho escorregando na grama.

Ainda que nesse dia as atividades tenham sido mais lúdicas, e que a partir do brincar as crianças tenham aprendido novas habilidades e usufruído de seus benefícios, em nenhum momento o brincar foi usado em sua função educativa – função esta descrita anteriormente embasada no pensamento de Kishimoto (2008, p.96).

#### **4.1.1.1 – Análise parcial do tempo usado em sala de aula.**

Após uma semana de observação da rotina dos alunos e professora da turma, foram quantificados os tempos gastos com cada atividade durante a semana. Foram identificados sete principais momentos, quais: 1- atividades (lições de livro, no quadro negro, experiências, explicações e etc.); 2- o tempo do lanche (que compreende desde a chegada do lanche na sala trazido pela merendeira, à distribuição do lanche e o tempo da refeição das crianças até o início do recreio); 3- o tempo do recreio; 4- o tempo de brincadeiras em sala de aula, (que foi identificado como o tempo que a professora deu às crianças para que pudessem brincar dentro de sala de aula, aqui chamado também de

---

<sup>6</sup> O grupo de teatro de fantoches “Defensores do Planeta” foi criado em 2006, com o objetivo de manter o meio ambiente limpo. O trabalho começou a ser desenvolvido nas escolas, pois a quantidade de resíduos jogados em salas de aula, nos refeitórios e nos banheiros é muito grande.

Foi nesse momento que o grupo de orientadores decidiu fazer uma exposição de trabalhos artesanais confeccionados com materiais recicláveis e criou um teatro de bonecos chamado “Defensores do Planeta”. O grupo é formado por 8 servidores do SLU.

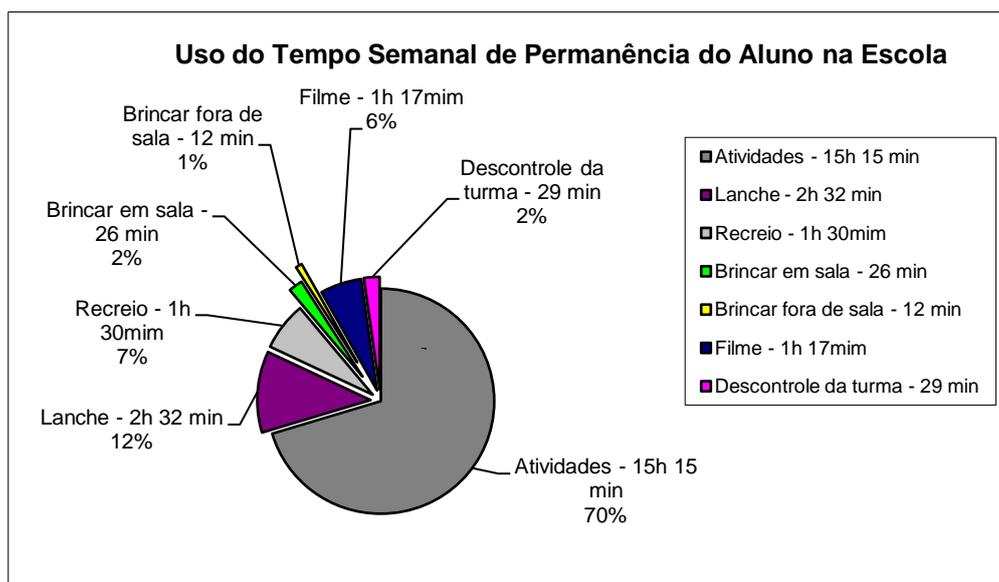
Disponível em [http://www.slu.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD\\_CHAVE=12545](http://www.slu.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=12545) , acessado em 16/12/09.

brincadeira dentro de sala de aula autorizada); 5- o tempo de brincadeiras fora de sala de aula, (identificado como o tempo que a professora disponibilizou para que os alunos brincassem fora de sala de aula, fora do horário do recreio, também chamado de tempo de brincadeiras fora de sala de aula autorizado); 6- o tempo do filme, (duração do filme exibido em sala); e 7- o tempo de descontrole da turma, (que foi identificado pelo tempo em que a turma toda brigou em sala e que a professora teve grande dificuldade para controlar da turma. Fato ocorrido no Terceiro dia de observação).

O tempo total de aula, com duração de 21h 41 min, foi dividido pelo tempo gasto com esses sete principais momentos da semana.

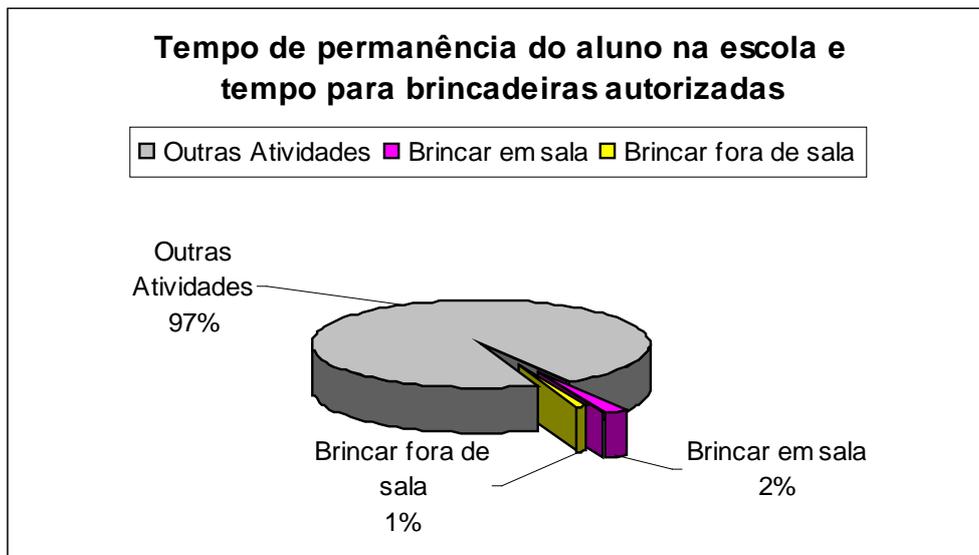
Os gráficos a seguir permitem uma visualização mais clara da distribuição do tempo. O Gráfico 1, mostra o tempo gasto com cada uma das sete principais atividades ao longo da semana.

**Gráfico 1 - Uso do tempo semanal de permanência do aluno na escola.**



Para melhor visualização, o Gráfico 2, mostra exclusivamente o tempo gasto em toda semana com as brincadeiras autorizadas dentro e fora da sala de aula.

**Gráfico 2 – Tempo de permanência do aluno na escola e tempo para brincadeiras autorizadas.**



Na semana observada somente 3% de todo tempo que a criança passou na escola foi autorizado pela professora que brincassem, dos quais 1% destinou-se ao brincar fora de sala de aula e 2% ao brincar dentro de sala de aula.

É sabido que durante as outras atividades, umas crianças conversam ou brincam brevemente com as outras. Porém, este gráfico tem a intenção de mostrar o tempo que foi reservado especificamente para que as crianças brinquem tranquilamente, sem estarem brincando fora de hora ou no recreio.

Sendo o brincar parte do ser criança, do ser humano, observa-se que pouquíssimo tempo é destinado para que isso ocorra.

Santos afirma que a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão(1997).

Vê-se nessa semana um planejamento de ensino que segmenta a criança ou que simplesmente não leva em consideração sua condição natural de brincar.

Embora tenha havido uma mudança profunda na imagem que se tem da criança na sociedade associando uma visão positiva às suas atitudes espontâneas, gerando uma valorização dos jogos e brinquedos (SANTOS, 1997, p. 19-20), ainda há um atraso significativo no tocante à relação do brincar, do ensinar e do aprender.

A criação e uso do jogo educativo foi uma grande e difícil conquista da humanidade, em cuja história encontrou resistências culturais e religiosas muito fortes. Hoje se tem acesso amplo à informação e a visão da necessidade do jogo educativo é bem difundida. Assim, não usá-lo em sala de aula pode ser visto como uma negligência do educador no trato do ensino e da aprendizagem, especialmente a infantil.

#### **4.1.2 – Análise das entrevistas com as crianças.**

A entrevista foi feita com 18 crianças da turma e foi composta de 9 perguntas que objetivava identificar os gostos e pensamentos das crianças em relação ao brincar. Durante a entrevista a pesquisadora sentiu a necessidade de incluir ou adaptar algumas perguntas de acordo com o entendimento da criança.

Para especificar cada criança sem revelar seus dados pessoais a pesquisadora optou por identificá-las com nomes fictícios, em ordem alfabética e respeitando o sexo da criança. A ordem alfabética dos nomes das crianças corresponde à ordem da realização da entrevista, de modo que a primeira criança a ser entrevistada foi identificada com a primeira letra do alfabeto, “A”, e assim sucessivamente até a 18ª criança entrevistada, cuja primeira letra do nome é “R”.

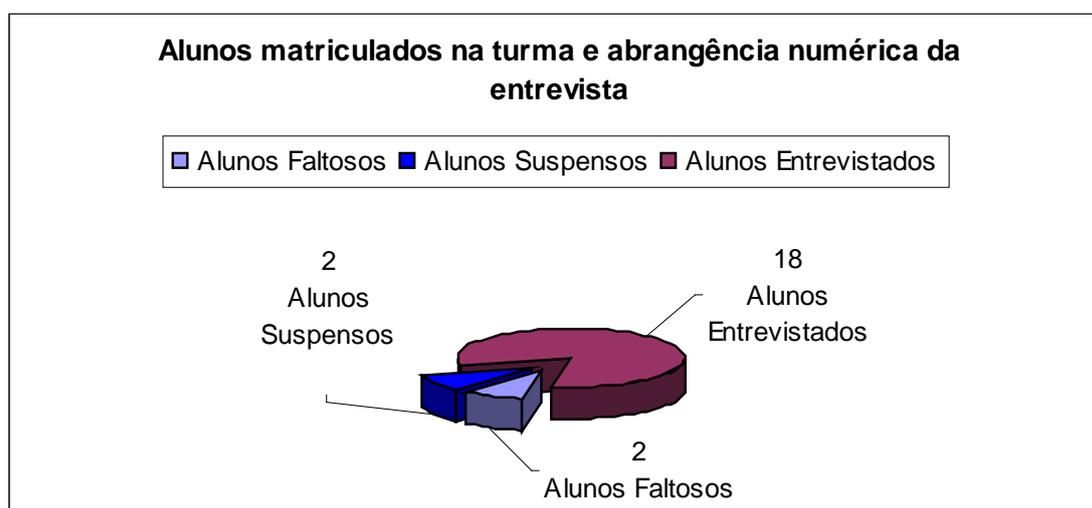
As transcrições completas das entrevistas das 18 crianças encontram-se nos apêndices de F à W, respectivamente.

A turma tem 22 alunos matriculados. Dois alunos não participaram da entrevista por terem sido suspensos das aulas por indisciplina na semana

anterior. Os outros dois alunos não participaram de nenhuma aula em que a pesquisadora esteve na escola. Segundo a professora, por motivos de força maior as crianças não estavam participando das aulas há mais de quinze dias.

O gráfico 3 a seguir permite uma melhor visualização da abrangência da entrevista realizada:

**Gráfico 3 – Alunos matriculados na turma e abrangência numérica da entrevista.**



Da turma, pode-se dizer que 81,81% dos alunos foram entrevistadas.

A primeira pergunta feita às crianças foi a sua idade, permitindo um conhecimento da faixa etária da turma. A tabela 1 apresenta as idades das crianças:

**TABELA 1 – Faixa Etária das Crianças.**

Idade	8 anos	9 anos	10 anos	11 anos	Total
Número de alunos	8	9	-	1	18

A segunda pergunta objetivava conhecer o local de moradia das crianças. Embora a escola seja localizada na Asa Norte uma boa parte das crianças mora no entorno de Brasília no Distrito Federal – DF, ou fora do DF, o que leva a pensar que há uma grande diferença no poder aquisitivo e até cultural das famílias dos alunos. A seguir, a Tabela 2:

**TABELA 2 – Cidades onde as Crianças Moram**

<b>Local de moradia</b>	<b>Quantidade de Crianças</b>	<b>Percentual Aproximado</b>
<b>Asa Norte</b>	9	50%
<b>Asa Norte – Aldeia<sup>7</sup></b>	2	11%
<b>Cidade Ocidental – GO</b>	1	5,5%
<b>Granja do Torto</b>	2	11%
<b>Lago Norte</b>	1	5,5%
<b>Sobradinho</b>	1	5,5%
<b>Planaltina</b>	1	5,5%
<b>Varjão</b>	1	5,5%
<b>TOTAL</b>	18	100%

<sup>7</sup> Aldeia é um movimento social com o objetivo de acolher crianças em situação de vulnerabilidade social e pessoal, foi em 13 de Outubro de 1968 que foi fundada a pessoa jurídica Aldeia SOS de Brasília, mas só em 1971, iniciou a construção das 05 primeiras casas, que quase dois anos depois estavam prontas para acolher as primeiras crianças. Após 10 anos de fundação da cidade, a Aldeia SOS de Brasília lidera o atendimento de crianças e adolescentes na modalidade de Casas Lar, ficando conhecida e reconhecida socialmente como a melhor instituição.

<http://www.aldeiasinfantis.org.br/conheca/onde-estamos/brasil/pages/default.aspx>

Acessado em 03/12/2009.

A terceira pergunta era se a criança brincava. As 18 crianças afirmaram que brincam. Algumas enfatizaram que brincam muito. Na tabela 3 a seguir respostas que enfatizaram o ato de brincar:

**TABELA 3 – Se as Crianças Brincam.**

<b>Criança</b>	<b>Respostas da pergunta “Você brinca?”.</b>
<b>Kauã</b>	Fez que sim com a cabeça. “Muito”.
<b>Olívia</b>	“Brinco, bastante.”

O intuito da pergunta era verificar se as crianças se percebiam brincando. Esta pergunta pode ser considerada pela pesquisadora como o canal de acesso às crianças. Durante a entrevista, quando esta pergunta era feita as crianças rapidamente sorriam, relaxavam e ficavam mais tranqüilas em relação ao fato de serem entrevistadas.

As respostas afirmativas das crianças e algumas enfáticas, ratificam a afirmação já citada anteriormente de “...todas as crianças em todo o mundo, mesmo nas mais terríveis condições de dificuldades, pobreza e proibição, brincam (Lobo apud Aroeira, 1996, p. 75)” (SANTOS, 2008a, p.107-108).

O brincar faz parte do universo infantil. E essa constatação é evidente entre as crianças entrevistadas nessa pesquisa.

A quarta pergunta era se a criança gostava de brincar. Foi pedido que as crianças justificassem suas respostas. Dezesete crianças responderam que sim, porém, uma respondeu que gostava “mais ou menos”. A tabela 4 apresenta as principais justificativas para a pergunta.

**TABELA 4 – Por que as Crianças Gostam de Brincar.**

<b>Por que gosta de brincar? Por que...</b>	<b>Número de respostas</b>
...é divertido	10
...é legal	2
...distrai	2
...as crianças gostam	1
...é livre	1
...aprende novas brincadeiras	1
...não sei	1

A resposta mais repetida pelas crianças é de que gostavam de brincar porque é divertido. Para um melhor entendimento, em destaque as resposta mais relevantes na TABELA 5:

Tabela 5 – Respostas mais relevantes referentes à Tabela 4.

Criança	Pergunta 4 - Você gosta de brincar?	Por quê?
<b>Gabriela</b>	Gosto.	<p><i>Porque é legal, porque distrai, porque a gente aprende brincando...</i></p> <p>Aprende? O que?</p> <p><i>Aprende que... Que não pode ficar parado. Criança tem que brincar quando tu é criança...</i></p> <p>E quem foi que disse isso pra você?</p> <p><i>Ninguém, eu que penso porque quando a gente é adulto, às vezes a gente nem pode brincar mais e quando é criança pode.</i></p>
<b>Helena</b>	"Uhum" (Sim)	<p><i>Porque é divertido, é uma coisa que a gente pode fazer só que não é coisa de adulto, a gente pode brincar só que não com responsabilidade. Uma coisa mais livre.</i></p>
<b>Olívia</b>	Adoro	<p><i>Assim eu me distraio mais, às vezes. Às vezes eu acho tão legal e às vezes chato. Às vezes tem umas pessoas que eu brigo e querem acabar com o jogo, aí é chato.</i></p>
<b>Isadora</b>	Mais ou menos.	<p><i>Porque toda vez que eu vou brincar eu me machuco.</i></p>

A resposta da Gabriela foi significativa para a pesquisadora uma vez que abrange vários aspectos e benefícios do brincar. Infere-se que as constatações da criança advém de sua experiência e reflexão, ainda que construída com ajuda de outras pessoas. Ela afirma que aprende brincando e que é próprio da infância brincar.

No entanto, ela faz uma afirmação que deve ser vista como um alerta à escola, à família e à sociedade como um todo ao dizer que adulto muitas vezes

não pode mais brincar. Infere-se que os adultos com os quais a criança entra em contato não brincam muito. De fato, embora tenha havido um progresso na concepção do brincar, na sociedade hodierna, ainda há pouco espaço para que os adultos brinquem. Entretanto, o adulto deve resgatar sua pulsão lúdica, especialmente os educadores.

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento (Santos, 1997).

A partir das reflexões da autora, entende-se que a ludicidade também é uma necessidade do adulto e que seus benefícios também os abrangem. A prática pedagógica e profissional também deve ser refletida sob este mesmo aspecto. Os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem são naturalmente lúdicos. À indagação feita pela pesquisadora no referencial teórico desse trabalho, se esta premissa é levada em consideração na prática educativa, infere-se que esta não é uma realidade na turma pesquisada.

A quinta pergunta era onde a criança brincava e tinha a intenção de identificar os locais onde elas têm para brincar e se a escola está incluída no rol de localidades. A escola foi a mais citada pelas crianças e em seguida a própria casa, conforme a TABELA 6:

**TABELA 6 – Onde as Crianças Brincam.**

<b>Onde brinca? Localidades:</b>	<b>Quantidade de crianças</b>
Escola	12
Casa	10
Quadra onde mora embaixo do bloco ou parquinho	7
Casa de parentes	2
Clube	1
Igreja	1
Trabalho da Mãe ou Pai	1
Passeios	1

Estas respostas reforçam a responsabilidade da instituição escolar em propiciar momentos de brincadeira às crianças. Em contrapartida, a partir dos dados apresentados nos gráficos 1 e 2 nota-se que embora seja a escola o principal local para as crianças brincarem, pouco tempo é dedicado à brincadeira.

Piaget afirma que o jogo é um caso típico das condutas negligenciadas pela instituição escolar tradicional:

(...) O jogo é um caso típico das condutas negligenciadas pela escola tradicional, dado o fato de parecerem destituídas de significado funcional. Para a pedagogia corrente, é apenas um descanso ou o desgaste de um excedente de energia. Mas esta visão simplista não explica nem a importância que as crianças atribuem aos seus jogos (p. 158). (PIAGET, 1975, p 158 in CÓRIA\_SABINI, 2004, p. 40).

Piaget critica severamente as escolas que adotam um sistema tradicional de ensino em que o jogo não está presente na rotina das crianças como um meio de desenvolvimento, mas como uma forma de gastar seu excedente de energia e preencher horários vagos na rotina.

A sexta pergunta era onde as crianças aprenderam as brincadeiras que sabem. A intenção era identificar os locais em que há disseminação das brincadeiras e se a escola é citada como um local em que as crianças identificam a possibilidade de aprender novas brincadeiras.

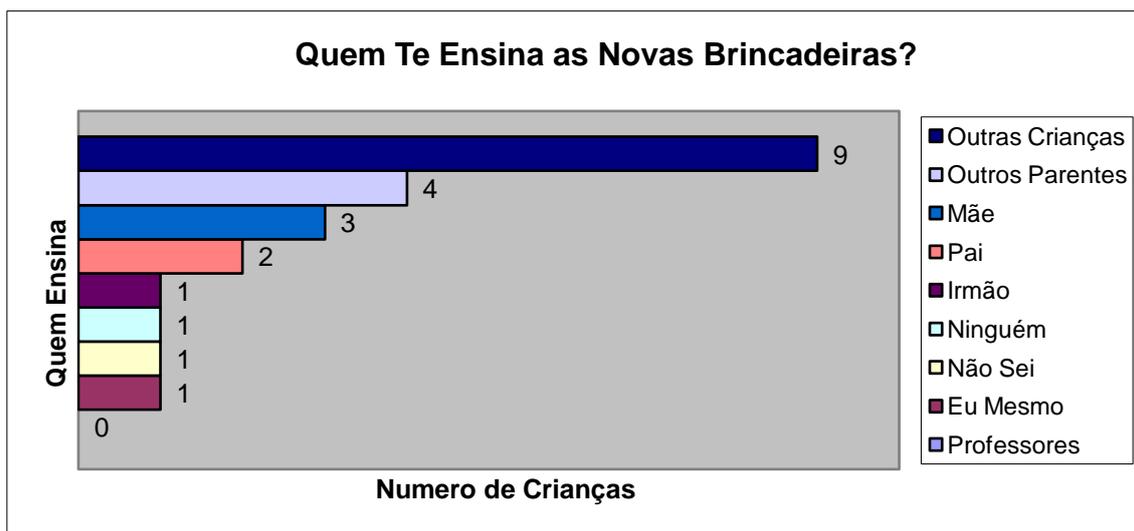
Tabela 7 – Onde as Crianças Aprenderam as Brincadeiras.

Onde aprendeu as brincadeiras?	Número de respostas.
Na escola	8
Em casa	7
Casa familiares	2
Na rua de casa	2
Na tribo	1
Igreja	1
Televisão	1
Brincando	1

Apesar de não ser intencionalmente, planejado e supervisionado, conforme a TABELA 7, a escola é o local mais citado pelas crianças, mais uma vez ressaltando o papel da escola e sua responsabilidade em ser transmissora e difusora da cultura do brincar. Deduz-se que a transmissão da cultura do brincar se dá na escola visto que é um dos locais de maior convivência entre as crianças. Essa premissa confirma-se nas respostas da pergunta seguinte.

Na sétima pergunta era quem ensinava as *novas* brincadeiras às crianças. O alvo da pergunta era saber quais as fontes que as crianças têm para a aprendizagem de novas brincadeiras e saber se os professores estão inclusos no rol de respostas. Conforme o gráfico 4 a seguir, a principal fonte está nas próprias crianças e em seguida pessoas da própria família.

Gráfico 4 - Quem te ensina as novas brincadeiras?

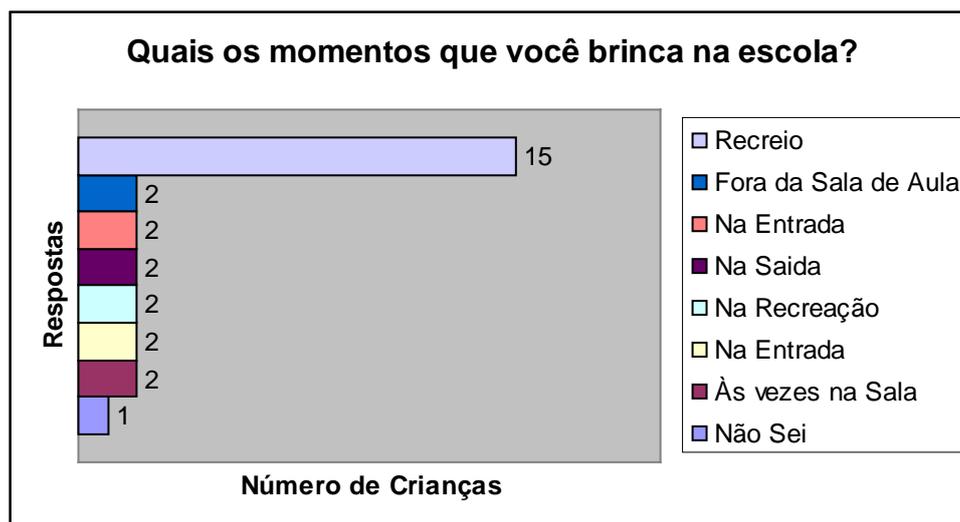


Observa-se que o professor não é citado pelos alunos, evidenciando que ele não tem sido um efetivo agente transmissor da cultura do brincar. Nota-se também que o convívio da criança com outras é de suma importância, já que é neste contato que tem se dado o ensino e aprendizagem das novas brincadeiras. Mais uma vez, a escola é evidenciada, pois é um dos principais locais de convívio entre as crianças.

Na vivência dessas crianças, pode-se inferir, a partir das respostas, que os familiares ensinam as brincadeiras às crianças, transmitindo-as de geração em geração, e estas são socializadas com outras crianças no ambiente escolar. O ciclo de ensino e aprendizagem das brincadeiras inclui principalmente familiares e crianças, mas não professores. A escola é importante nesse processo já que é um dos principais locais de convivência e socialização das crianças, apesar de não contribuir intencionalmente com a transmissão da cultura do brincar.

A oitava pergunta era “Quais os momentos você brinca na escola?”. As respostas foram as seguintes, conforme o GRÁFICO 5:

Gráfico 5 – Quais os momentos que você brinca na escola?

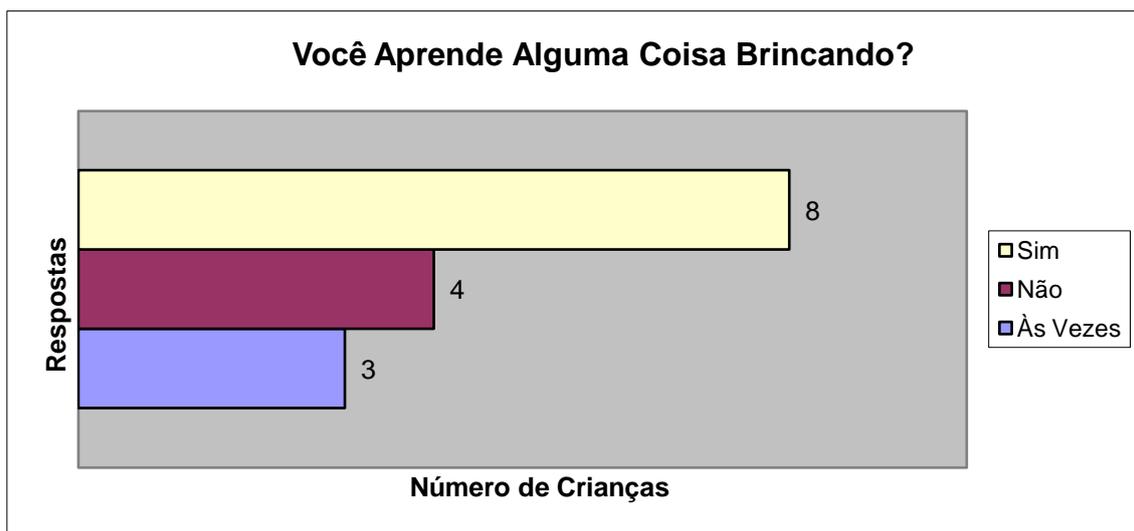


Vê-se no Gráfico 5, que o momento mais citado pelas crianças é hora do recreio. Exceto as categorias “Às vezes na Sala” e “Não Sei”, as outras estão relacionadas a momentos fora de sala de aula – na entrada e na saída, mostrando que a referência para o momento de brincar está ligada justamente ao fato de não estar em sala de aula. É clara a diferenciação que as crianças fazem entre brincar e estar em sala de aula. Desta forma, pode-se concluir que para a transmissão dos conteúdos e atividades em sala de aula não é feita com brincadeiras ou de forma lúdica.

A nona pergunta era se a criança aprende alguma coisa brincando. Tinha como objetivo identificar se as crianças reconheciam os benefícios do ato de brincar.

Conforme o gráfico 6 a seguir, identificou-se que a maior parte das crianças disse que sim.

Gráfico 6 – Você Aprende Alguma Coisa Brincando?



No quadro abaixo, foram selecionadas algumas das principais respostas:

**Quadro 6 – Principais respostas sobre a pergunta do Gráfico 6**

Criança	Respostas à pergunta “Você aprende alguma coisa brincando?”	
<b>Beatriz</b>	Sim	<p>Você aprende alguma coisa brincando?</p> <p><i>Aprendo</i></p> <p>Aprende o que?</p> <p><i>Aprendo a ser adulta. Aprendo a ser mãe brincando de boneca. Aprendo um monte de coisa.</i></p>
<b>Quintana</b>	Sim	<p>Você aprende alguma coisa com as brincadeiras?</p> <p><i>Um pouco, mas não é assim. A gente aprende a se defender do mundo com as brincadeiras.</i></p> <p>Você acha que você pode aprender brincando?</p> <p><i>Não. Quer dizer, sim.</i></p> <p>Por que?</p> <p><i>Tem umas brincadeiras que são adequadas que a gente pode aprender. Tipo assim. A tia... Teve uma aula da tia anterior, que antes nem era a tia de agora, que a gente fez até uma torre e a tia pediu pra desenhar uma torre aí quase ninguém sabia, aí tinha um bocado de tampinha aí a gente fez uma torre com as tampinhas e ainda fez brincando, né?</i></p>

A resposta da Beatriz chamou muita atenção da pesquisadora por afirmar que com a brincadeira ela aprende a “ser adulta” a “ser mãe brincando de boneca”. Fica claro que a criança retrata na brincadeira aquilo que ela um dia quer ser, preparando-se para fatos vindouros, ainda que este ato não seja intencional.

Conforme citado no referencial teórico desse trabalho, o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança. Ele passa a assumir um papel de

representação para ela, que o difere de outros objetos. O brinquedo passa a ser o companheiro das aventuras imaginárias e reais das crianças. Com ele a criança pode vivenciar e representar certas realidades (KISHIMOTO, 2008, p. 18). Para que seja entendido melhor o conceito de representação, sugere-se a explicação a seguir:

Uma representação é algo presente no lugar de algo. Representar é corresponder a alguma coisa e permitir sua evocação, mesmo em sua ausência. O brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-lo. (Idem)

Com essa característica, a criança pode, por meio do brinquedo, experimentar-se, vivenciar situações futuras, como ao representar o papel de “mamãe” na brincadeira de “mamãe e filhinha”, assumindo certas responsabilidades do papel desempenhado no brincar e elaborando sua forma de agir sem compromissos formais com a realidade. Desta forma, a criança antecipa e vivencia situações que não são próprias de sua idade, permitindo que ela se experimente e elabore comportamentos diversos em reação às situações vividas e, possivelmente, vindouras.

A representação que a criança faz da realidade, permite que ela participe do meio social. O brinquedo tem também a função de ser ponte para que a criança se insira e seja inserida no mundo social. Para Harres e col., citados por SANTOS (2008a, p. 79-80) “é brincando que o ser humano se torna apto a viver numa ordem social e num mundo culturalmente simbólico”. Isto se dá ao passo que a criança experimenta e vivencia as situações internalizando-as fazendo com que, futuramente, elas sejam seu referencial de um determinado papel na sociedade.

A resposta do aluno Quintana também chamou atenção da pesquisadora. O aluno elucida que tem brincadeiras que são apropriadas para aprender. Cita ainda um fato em que no ano anterior, com outra professora, foi usado em sala uma proposta lúdica para explicar um conteúdo que era de difícil assimilação para os alunos. Quintana ressalta que aprenderam brincando.

Esse fato exemplifica o que Kishimoto (2003, p. 19) chama de função educativa do jogo, já anteriormente mencionado. A função educativa deve ser acompanhada de sua função lúdica para que não se transforme em mais uma atividade imposta.

O equilíbrio entre as duas funções é o objetivo do jogo educativo. Entretanto, o desequilíbrio provoca duas situações: não há mais ensino, há apenas jogo, quando a função lúdica predomina ou, o contrário, quando a função educativa elimina todo hedonismo, resta apenas o ensino (KISHIMOTO, 2003, p. 19).

O equilíbrio entre essas duas funções parece ter sido experimentado por Quintana no ano anterior. Todavia, durante a realização dessa pesquisa, observou-se somente o jogo usado em sua função lúdica em que houve momentos de brincadeiras livres, como no intervalo e nos momentos autorizados pela professora e em outros momentos prevaleceu apenas o ensino visando a aquisição de habilidades e competências.

As respostas dessas crianças evidenciam que elas entendem que há benefícios no brincar. Cada criança justifica de uma forma, mas no conjunto de respostas, tem-se uma abrangência grande em relação a esses benefícios. Enfatiza-se a possibilidade de aprender brincando, vivenciar situações de vida dos adultos, capacidade de entretenimento, distração e leveza. As respostas corroboram com a afirmação de Kishimoto (2008, p. 96) sobre os benefícios do brincar.

O jogo por ser livre de pressões e avaliações (...), cria um clima de liberdade, propício a aprendizagem e estimulando a moralidade, o interesse, a descoberta e a reflexão. Sabemos que as experiências positivas nos dão segurança e estímulo para o desenvolvimento. O jogo nos propicia a experiência do êxito, pois é significativo, possibilitando a descoberta, a assimilação e a integração com o mundo por meio de relações e vivências.

Pode-se afirmar que as crianças compreendem dentro de suas capacidades que o brincar é muito importante em seu desenvolvimento. Ao contrário do que poder-se-ia imaginar, a criança não tem uma visão simplista sobre o brincar.

## Capítulo V

### Considerações Finais

A educação lúdica é uma atividade complexa que tem como resultado vários benefícios para o sujeito envolvido em quaisquer esferas do processo de ensino e aprendizagem. Ao brincarem as crianças repensam, recriam, adquirem novas habilidades, abre espaço para a experimentação, superam barreiras físicas, emocionais, cognitivas, psíquicas, sociais e culturais.

A educação lúdica integra uma teoria profunda e uma prática atuante (Almeida, 2000, p. 31-32) e tendo em vista essa gama de potencialidades do brincar e a necessidade de uma prática intencional, esse trabalho teve como finalidade identificar e analisar se crianças do 3º ano do Ensino Fundamental vivenciam em seu cotidiano escolar atividades lúdicas como meio viabilizador do processo de ensino e aprendizagem.

A partir das observações em sala de aula e das entrevistas com os alunos, a pesquisadora pode afirmar que houve o uso de atividade lúdicas com as crianças como ver filme, ter tempo, ainda que mínimo, destinado à brincadeira livre, o horário do intervalo e a brincadeira na quadra de esportes. Apesar de as crianças brincarem na escola, isso ocorreu especialmente fora de sala de aula e desassociado ao processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, em nenhum momento houve o uso da atividade lúdica em sua função educativa como facilitador do processo de ensino e aprendizagem na prática pedagógica.

Constatou-se ainda que, a partir da apresentação e discussão dos dados, as brincadeiras livres autorizadas pela professora foram usadas em sua função lúdica. Ainda assim, esses momentos de brincadeira careceram de orientação e supervisão.

Averiguou-se também que os alunos tem uma educação predominantemente tradicional não levando em consideração a condição natural da ludicidade do ser humano. Na realidade da escola observada, o brincar ainda é uma um caso típico das condutas negligenciadas pela

instituição escolar, conforme afirmava Piaget (1975, p 158 in CÓRIA\_SABINI, 2004, p. 40).

Conclui-se também que as entrevistas com os estudantes ratificaram o observado e evidenciou que as crianças tem entendimento sobre os benefícios do brincar para o seu desenvolvimento e contribuição para o alargamento da aprendizagem. Assim sendo, há a necessidade de uma olhar mais crítico que considere as opiniões e as percepções das crianças que em suas capacidades de apreender o mundo que a cerca reconhecem benefícios elementares da atividade lúdica.

Por fim, por se tratar de um estudo complexo que envolve as relações múltiplas do ser humano, faz-se necessário o maior aprofundamento em estudos sobre o referido tema, abrindo espaço para novas pesquisas e reflexões.

## Prospectiva Profissional

Hoje eu tenho várias atividades e desempenho muitos papéis no meu dia-a-dia que tomam conta da minha rotina.

Sou filha, irmã mais nova, irmã mais velha, esposa, sobrinha, tia, madrinha, afilhada, nora, cunhada, prima... Sou amiga, de muitos amigos e pertenço ativamente em minha comunidade paroquial.

Apesar de essa ser uma “prospectiva profissional”, penso que vale ressaltar esses vários papéis que assumo diariamente, ao passo que partir deles sou constituída e constitui-se em mim uma profissional e meu profissionalismo.

Sou estudante na Universidade de Brasília e do Curso Superior de Teologia onde faço um curso de aprofundamento.

Tenho três atividades “profissionais” distintas que acabam de preencher, quase por completo, os meus horários.

Trabalho em uma escola particular como Professora de Ensino Religioso – para tal, tenho o Credenciamento para Professores de Ensino Religioso. Dou aulas do 6º ao 9º do Ensino Fundamental II. Posso dizer com muita sinceridade que gosto muito desse trabalho. Nele uno duas coisas muito importantes para a minha vida: a evangelização e a educação. Neste trabalho posso educar para a vida abordando a face transcendental e religiosa do ser humano. Nele ensino e aprendo, evangelizo e sou evangelizada por meio da educação. Sou realizada nesse meu trabalho.

Em uma segunda escola particular desempenho o mesmo papel de Professora de Ensino Religioso. A realidade das escolas são completamente diferentes, no entanto em ambas adquiro experiência e me aperfeiçoo como profissional da Educação. Nessa escola também dou aulas no Ensino Fundamental II, especificamente nos 6º e 8º anos ( na escola, ainda chamado de 7ª Série).

Há muitos anos pertenço a Pastoral Catequética na minha comunidade religiosa, no Santuário São Francisco de Assis. Nesse ano, por indisponibilidade de horários, não pude continuar trabalhando diretamente com as crianças. Dessa maneira, para continuar servindo de acordo com a

necessidade da Pastoral, sou catequista coordenadora da Eucaristia II – última etapa no preparo para a Primeira Comunhão.

Para meus planos futuros, que se iniciam em meu presente, aspiro retornar a essa Universidade para fazer o mestrado na área de educação aprofundando o tema desse trabalho de conclusão de curso.

Quero concluir um curso de inglês e aprofundar nos estudos Teológicos, Bíblicos e se possível, musicais.

Pretendo continuar como professora de Ensino Religioso e como Catequista por quanto tempo Deus quiser e permitir.

Em busca de uma estabilidade profissional e financeira, almejo prestar concursos, preferencialmente na área da Educação.

Quando houver oportunidade e condições, desejo concluir o meu curso de Psicologia que foi interrompido na metade.

Quero ainda desempenhar plenamente o meu papel de mãe e planejo ter filhos assim que eu estiver mais estabilizada financeira e profissionalmente.

Contudo e apesar de todos os meus planos, estou sempre aberta aos Planos do Altíssimo.

## REFERÊNCIA

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

ANTUNES, Celso. **O jogo e a educação infantil: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir**. 5ª Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

BATTRO, Antônio M. **Dicionário terminológico de Jean Piaget**. São Paulo: Pioneira.1978.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1980.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus,1986.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho: pais bons o bastante**. Rio de Janeiro: Campus, 1988. 22ed.

**BIAGGIO, Ângela M. Brasil em Psicologia do Desenvolvimento, Petrópolis, Vozes, 1976,**

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente - **Lei Federal 8.069/1990**.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Marcelo de. **As alegrias da escola: por uma escola mais lúdica**. BsB, Faculdade de Educação- UnB, 1998. (dissertação de Mestrado)

BRITO, Marcelo de. **Sobre a alegria e o lúdico na função docente**. Revista Linhas Críticas da Faculdade de Educação/unb, vol.8, número 14, p. 35 a 48,2002

BROUGÈRE, Giles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

BRUHNS, Heloisa Turini. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas, São Paulo:Papirus,1993.

BOOTH, Wayne C., COLOMB Gregory G., WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAILLOIS, **Os jogos e os homens, a máscara e a vertigem**. Lisboa, Portugal: Cotovia, 1990.

CÓRIA\_SABINI, Maria Aparecida. **“Jogos e brincadeiras na educação infantil”**. Regina Ferreira de Lucena. Campinas, SP. Papirus, 2004.

ENQUITA, Mariano. **A face oculta da escola**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 7ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

FREIRE, J.B. **O jogo: entre o riso e o choro**. Campinas, Autores Associados, 2002.

FREIRE, J. B. . **Fundamentos do jogo**. CEAD/UnB. 2005. (Mimeo)

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GIORDAN, A. in **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Org. Edgar Morin. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. 11. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

LUZURIAGA, Lorenzoz. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1986.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Animação**. Campinas: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. in Moraes, R. (org.). **A sala de aula como espaço para o jogo do saber**. 9ed. Campinas: Papirus, 1995.

Maturana, H. e Verden-Zöller, G. **Amor y juego: fundamentos olvidados de lo humano**. Santiago: Editorial Instituto de Terapia Cognitiva, 1994.

MORIN, Edgar. **O Método III – O conhecimento do conhecimento**. Portugal: Publicações Europa-América, , 1996.

MORIN, Edgar (Org). **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do Brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NOVAES, Luiza Helena Vinholes Siqueira. **Brincar é saúde: o alívio do estresse na criança hospitalizada**. 2. Ed. Pelotas: Educat, 2006.

PASSOS, Kátia. **O lúdico essencial e o lúdico instrumental - o jogo na aula de educação física escolar**. Rio de Janeiro: PPGEF/ UGF, 1995. (dissertação de mestrado).

PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade. Análise sócio histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente**. Porto alegre: Artes médicas, 1995.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia, ensaios**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

\_\_\_\_\_. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonhos, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1969.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 13ed. São Paulo: Cortez, 1994.

RAPPAPORT, C.R. **Modelo piagetiano**. In RAPPAPORT; FIORI; DAVIS. **Teorias do Desenvolvimento: conceitos fundamentais** SP: EPU 1981. Vol. 1

RETONDAR, Jeferson José Moebus. **Teoria do jogo: a dimensão lúdica na existência humana**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre: EST/ESEF, 1994.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O ludico na formação do educando**. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (2008a). **A ludicidade como ciência**. 2.ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SANTOS, Luis dos ,**Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 90 - Noviembre de 2005**). <http://www.efdeportes.com/> Acesso em 20/02/2008

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (2008b). **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche**. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCHILLER, Friederich. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

STEINER, Rudolf. **A arte da educação-I**. São Paulo: Antroposófica, 1990. 9ed

VYGOTSKY, L.. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1989

ZJDSZNAJDER, Luciano. **A travessia do Pós-moderno. Nos tempos do vale-tudo**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

TERRA, Maria Regina. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget**.(artigo) em <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005>. Acessado em 25/02/2008.

Brincadeiras tradicionais musicais: análise do repertório recomendado pelo Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil / MEC” de Monique Andries NOGUEIRA / UFG - <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0711t.PDF> - Acessado em 22/03/09.

<http://www.cdof.com.br/recrea22.htm>, ver sobre conceito, acessado em 07/11/09

[http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/neusa/conc\\_de\\_ludico.html](http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/neusa/conc_de_ludico.html), acessado em 07/11/09.

<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/wordbook/print.php?entryID=2352>, acessado em 07/11/09.

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4723.pdf>, ver termo Pulsão lúdica, acessado em 07/11/09.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A – Primeiro dia de observação.

Observação da rotina escolar.

Escola Classe 316 Norte

Série: 2 série

Turno: Vespertino

Turma: C

Professora: Juliana

Dia 16/11/09 – Segunda Feira.

Em sala, 13 alunos.

Legenda:

Professora / Professora 1 – É a professora titular da turma.

Professora 2 – É a professora da Biblioteca.

Hoje.

Os alunos foram dispensados da aula às 16h extraordinariamente por causa do evento de Formatura do PROERD<sup>8</sup> dos alunos da 4ª série.

---

<sup>8</sup> Programa Educacional de Resistência às drogas.

É um programa de caráter social preventivo, posto em prática pela Polícia Militar, junto aos alunos do 5º ano que encontram-se na faixa etária de 09 a 12 anos de idade e dos adolescentes do 7º ano, na faixa etária de 12 a 14 anos de idade. O programa é aplicado nas escolas da rede de ensino público e privado, através do esforço cooperativo entre Polícia Militar, Escola e família, oferecendo atividades educacionais em sala de aula, que inserem em nossas crianças e adolescentes a necessidade de desenvolver as suas potencialidades, ajudando a preparar para o futuro uma geração consciente do exercício de sua cidadania.

O PROERD também oferece um curso específico à família, é desenvolvido em 5 (cinco) encontros, uma vez por semana, durante 2 (duas) horas. Tem como objetivo capacitar os pais a ajudarem os seus filhos a fazerem escolhas positivas. São discutidas informações relacionadas com fatores de risco e proteção, rede de apoio, resolução de conflitos, técnicas de comunicação, entre outros.

## Descrição das atividades do dia

Início da aula 13h30.

Fui levada á sala onde faria as observações e a professora me recebeu muito bem.

Explicou que primeiro eles fazem uma oração e cantam umas musiquinhas.

Cantaram umas 7 musicas que falava sobre as personagens bíblicas.

13h45

A professora falou que eles iriam à biblioteca e do respeito que deveriam ter com a Professora Patrícia da biblioteca que já era uma senhora e estava cansada, portanto, eles não deveriam fazer bagunça. Os alunos, não gostaram muito quando a professora anunciou que iriam para a biblioteca. Fizeram então um combinado de “deixar a tia Patrícia bem feliz!”

13h53

Fizeram fila do lado de fora da sala para ir á biblioteca que fica na sala ao lado.

13h58

Com todos os alunos sentados no chão para ouvir história, a professora da Biblioteca – professora 2 - inicia falando quem é a autora da história e os questiona da seguinte maneira: “Quem é o autor?”; “O que é uma história real e história irreal?”. As crianças não conseguiram responder os questionamentos da professora 2 e ela fala “Pelo visto, vocês não estão entendendo nada!”. Ela então inicia a história.

Durante a história as crianças riram e pareciam estar gostando. Quando surgia uma nova palavra a professora 2 tentava explicar seu significado, como enxame e penetra (aquele que entra na festa sem ser convidado). Quando uma criança foi deitando no chão para ouvir a história a professora brigou brava e o mandou sentar direito.

Ao final da história a professora pergunta quem gostou e qual a diferença desta história e de outras que já foram contadas. Os alunos respondem que a diferença esta no uso de rimas e poesia para contá-la.

14h12

Professora 2 fala que podem ir para as mesas redondas, pegar os livros que estão em cima para lerem.

Quando questionado pela professora 2 se não ia pegar um livro para ler, um aluno diz que não quer ler. Ela então diz que se ele continuar perturbando a aula ele vai para fora de sala. Imediatamente a senhora assistente da professora 2 acusou o menino de

nunca fazer nada em sala. As duas começaram a brigar com ele e a professora 2 o tirou de sala.

-Nota da Observadora: A criança não fez nada para ser colocada para fora de sala. Antes, ao ver que o aluno não estava interessado pela leitura, a professora 2 deveria tê-lo estimulado e não o rotulado como um “aluno que não faz nada”.

Quando a Professora 2 retornou a sala depois de levar o aluno para fora da sala se justificou com a assistente dizendo que ele não podia atrapalhar os outros alunos e afirmou “Não quero nem saber!”.

14h20

Assistente chama um a um dos alunos para receber o livro que foi levado para casa na semana anterior e para registrar o que vai ser levado nesta semana.

Chama a atenção dos alunos que conversam: “É para ler não é para brincar” e “Se fizer barulho vou mandar todo mundo para sala”.

14h36

Um aluno quis ler os gibis que estava em um cesto no chão. A assistente intervém dizendo que não era a hora de ler gibis. Depois outros alunos se aproximam do cesto de gibis e a professora 2 da biblioteca e sua assistente dizem que não é para mexer. A professora diz “Gibi é lá fora, na hora do recreio...” e ameaça novamente “... vou mandar vocês para sala mais cedo”.

14h49

Ao comando, a turma se junta na porta da biblioteca para voltar para sala de aula.

14h53

Em sala de aula, a professora 1 dos alunos os trata com carinho ao usar expressões como “Meus lindos...”.

A professora explica aos alunos que, após o lanche, eles irão confeccionar um livro sobre a vida do músico Toquinho e canta um pedaço da música Aquarela para que os alunos o identifiquem pela música.

14h56

A professora pede que os alunos, de 2 em 2, vão ao banheiro lavar as mãos para esperar o lanche. Enquanto isso, ela pergunta sobre a história que eles ouviram na biblioteca: qual o nome da história? – e as crianças respondem “Festa no céu”; quais as personagens, qual a personagem principal e qual a moral da história.

15h02

A senhora que trabalha na Cantina chega na sala oferecendo o lanche de leite com sucrilhos. As crianças pegam o copo e começam a lanchar.

Durante o lanche uma criança fala um palavrão e a professora chama atenção: “Olha a falta de respeito!”.

15h11

A professora avisa que os alunos que quiserem melhorar a letra podem trazer um caderno de caligrafia que ela passa exercícios.

15h20

Conversei brevemente com a professora sobre a minha pesquisa monográfica.

A professora disse que é formada em Letras e tem pós-graduação. Está cursando Pedagogia e que trabalhou em outros lugares mas que está em sala de aula por “opção” por que realmente gosta.

15h27

Os alunos, obedecendo à professora, pegaram algumas cadeiras e levaram para o pátio para ajudar na arrumação para a formatura do PROERD dos alunos na 4ª Série.

15h29

A professora coloca no quadro e pede que os alunos anotem o dever de casa:

- Trazer uma revista
- Cola
- Tesoura sem ponta
- Lápis de cor
- Lápis de escrita
- Borracha

Em seguida ela explica que este material servirá para a atividade do dia seguinte e que como não deu tempo, eles iriam começar o livro do Toquinho no outro dia.

15h40

A professora diz aos alunos que podem guardar o material escolar.

Os alunos guardam o material e conversam entre si.

15h47

A Professora pede aos alunos que varram a sala com a vassoura que fica atrás da porta e pedem que esvaziem o lixo da sala jogando-o no lixo maior no pátio.

15h51

A professora chama os alunos para pegarem o material para aguardar a saída.

16h

Toca o sinal e professora e alunos vão embora.

Horário das atividades:

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
13h30	Chegada dos alunos a sala, oração e músicas.
13h53	Biblioteca
14h12	Leitura individual na biblioteca
14h51	Retorno a sala
15h02	Chegada do lanche
15h29	Anotar o dever de casa
15h40	Arrumar o material para ir embora
16h00	Toca o sinal do final da aula.

**APÊNDICE B – Segundo dia de observação.**

Observação da rotina escolar.

Escola Classe 316 Norte

Série: 2 série

Turno: Vespertino

Turma: C

Professora: Juliana

Dia 17/11/09 – Terça-Feira.

Em sala, 16 alunos.

Legenda:

**Professora / Professora 1 – É a professora titular da turma.**

**Professora 2 – É a professora da Biblioteca.**

Hoje.

A principal atividade foi a de pintar os desenhos para compor o livro sobre a vida de Toquinho.

Descrição das atividades do dia

Início da aula 13h30.

Aos alunos, como de costume, fizeram a oração antes de começar a aula e cantaram músicas com temas religiosos.

Depois a turma foi separada em grupos de 4 alunos cada.

Duas crianças foram encarregadas de juntar as tampinhas de refrigerante que estavam no chão.

A professora anuncia que a atividade será a de recortar 20 figuras que mais chamem a atenção da criança.

13h56

A professora pede que peguem a revista que foi pedida no dever de casa do dia anterior para iniciar a atividade. Quase ninguém trouxe a professora sai da sala para tentar arrumar revistas na coordenação.

14h02

A professora retorna a sala com as revistas, distribui e diz que é para “recortar 20 figuras que gostar”.

A atividade é iniciada.

14h14

Algumas crianças já saem do lugar, se distraem, conversam, brincam e riem entre si e continuam recortando. A professora permanece sentada em sua mesa organizando suas atividades.

14h28

Alguns alunos já levantam de suas mesas, andam pela sala e olham a revistas uns dos outros.

14h43

A professora diz que quem terminou de cortar as 20 figuras poderiam levar para que ela colocassem em um saquinho e guardasse.

14h49

Professora pede que quem acabou de recortar ajude a recolher o lixo do chão.

14h54

As crianças pegam baldes para recolher o lixo do chão. Outra criança pega a vassoura para varrer a sala.

14h58

Professora pede para que os alunos que trouxeram guardarem a revista e quem usou a revista da escola devolvam para a “tia”.

15h03

Inicia a próxima atividade de confeccionar o livrinho.

A professora pergunta quem lembra o autor da história, qual o nome da música – os alunos respondem “Aquarela” e quem sabe cantar.

Ela conversa com os alunos perguntando se eles não se sentiam importantes por estarem escrevendo um livro e conta que quando ela escreveu o seu primeiro livro na escola ela se sentiu muito importante.

Os alunos respondem a professora dizendo que não estão se sentindo importantes e que as pessoas dirão que eles não sabem fazer histórias.

Professora diz que o livrinho do Toquinho e os álbuns da Ciência em Foco<sup>9</sup> serão expostos na Feira.

15h12

A Professora 2 da Biblioteca, entra em sala para dar um aviso e diz que os livros da Biblioteca estão sendo danificados pelos alunos e que eles devem tomar mais cuidado.

15h17

A Professora 1 fala da limpeza do livro que eles escreverão. Fala que eles devem tomar cuidado com as folhas das atividades, diz ainda que deve ser feito com “capricho e carinho”. Ela ainda diz que toda a nossa vida deve ser feita assim. Fala sobre a frase “Ordem e Progresso” contida na Bandeira Nacional e explica que onde há ordem há progresso.

Fala de outro cuidado que devem ter: lavar as mãos antes de começar a escrever o livro.

15h26

A professora pede que as crianças, de 2 em 2 vão lavar as mãos.

15h28

Um alunos faz a oração antes do lanche e os outros repetem.

15h30

A senhora que trabalha na cantina chega com o lanche.

15h37

Enquanto as crianças lancham a professora fala que quando o sinal do término do recreio bater elas deveriam lavar as mãos ir ao banheiro e beber água, pois quando estivesse em sala, fazendo o livro, ela não deixaria ninguém sair.

15h53

Uma criança pega um ioiô e se junta à outra para brincarem. Logo chegam duas crianças e outras 4 se aproximam.

---

<sup>9</sup> “O projeto é a concretização de uma das Políticas Setoriais de Educação da SEDF e tem como principal objetivo, promover a inclusão científica e tecnológica de crianças e jovens. Para tanto, adota uma metodologia atualizadora do ensino de ciências que alia aulas teóricas e práticas em um único ambiente: a sala de aula”. [http://www.se.df.gov.br/300/30001007.asp?ttCD\\_CHAVE=13390](http://www.se.df.gov.br/300/30001007.asp?ttCD_CHAVE=13390), acessado em 07/12/09.

15h55

Os últimos 4 alunos que se aproximam pegam um barbante para colocar no ioiô de outro colega e começam a brincar.

15h57

Toca o sinal para iniciar o recreio.

**Durante o recreio:**

- Crianças de outras séries aparecem com ioiôs. Parece ser a “mania” do momento. Algumas meninas também brincam com o ioiô.
- Uma criança grita: “Quem quer brincar de pique-pega?”. Muitos alunos correm e se juntam para combinarem as regras e iniciarem a brincadeira. Alunos de todas as séries participam.
- Apenas quatro crianças brincam no Totó/Futebol de mesa.
- As crianças correm o tempo todo, de um lado para o outro. Parecem um bando de andorinhas voando juntas no céu.
- Em um momento da brincadeira de pique-pega, os líderes convocam uma reunião para discutirem e adaptarem as regras. Reunião encerrada volta a brincar e correr. Os que foram pegos na brincadeira ficam sentados no banco e não podem sair de lá. Outras crianças ficam vigiando para que nenhum escape.
- Próximo ao final do recreio, duas crianças sentam-se ao lado da cesta de revistinha que é colocada do lado de fora a biblioteca durante o intervalo.

No recreio as crianças têm uma mesa de totó/futebol de mesa, uma mesa de pig-pong/ tênis de mesa sem rede, a cesta de revistinhas e a área para correr.

16h17

Toca o sinal para o termino do recreio. E as crianças correm para o banheiro ao bebedouro e para sala.

16h24

Em sala de aula a professora pede silencio e dá inicio a atividade de confecção do livrinho. Pede que as crianças façam com capricho e distribui folhas com frases da música Aquarela de Toquinho para que as crianças façam o desenho correspondente a frase. Primeiro receberam uma folha escrito “Em uma folha qualquer eu desenho um sol amarelo” e as crianças tinham que desenhar um sol amarelo. A medida que os alunos iam terminando, entregavam o desenho para a professora e recebiam outra folha co outra frase. Desenharam então, um sol amarelo, um castelo, um guarda-chuva, uma luva, um planeta, uma nuvem chovendo, um avião saindo da nuvem, um muro, um menino, só o avião, o vento, uma aquarela. Ao todo, foram mais de 10 desenhos.

17h50

Um aluno entrega um desenho para professora e recebe outro para fazer. O aluno faz cara de que já está cansado.

17h54

Uma criança de um grupo começa a cantar enquanto desenha “Que beijinho doce”<sup>10</sup> as outras crianças ouvem e cantam junto e a professora ajuda. Todos riem.

17h58

Uma criança começa a cantar Rip Rop e as crianças do seu grupo dizem que este tipo de musica é de malandro. Perguntam se ele quer ser malandro e dizem ainda que malandro tem uma vida ruim e fica fugindo da polícia, rouba e mata. O aluno que cantava disse que não queria falar sobre essas coisas e depois diz que malandro anda com arma na cintura e que eles não sabiam de nada, pois quem rouba é ladrão e quem mata é pistoleiro. A professora não interfere na conversa.

- Este aluno que cantou Rip Rop dá grande trabalho em sala de aula, sempre fazendo gestos obscenos, falando palavrão, sendo agressivo, intimidando os colegas e agredindo-os verbalmente e fisicamente.

A professora explicou-me que este aluno vive em uma casa de abrigo para crianças retiradas de suas famílias por não viverem em condições dignas. Segundo a professora a criança era/é usada pelo pai como “aviãozinho” para o tráfico de drogas e fala com intimidade sobre os vários tipos de drogas.

17h31

Outra criança começa a cantar musicas com temas religiosos e a professora e outros alunos acompanham.

17h35

Dois alunos levantam da mesa e começam a brincar de ioiô. A professora não chama atenção.

18h

A professora diz que quem acabou de pintar os desenhos pode guardar o material e pede que algum se prontifique a varrer a sala. Aos poucos a turma começa a se arrumar para ir embora. Nem todos os alunos terminaram de pintar todos os desenhos mas a professora diz que terminarão em outra aula.

18h05

As duas crianças que brincavam com o ioiô, agora brincam de se bater com o barbante do ioiô. A professora não intervém.

---

<sup>10</sup>Autor: Nhô Pai (João Alves dos Santos).

18h08

A professora começa a varrer e a organizar a sala. Os alunos todos fazem bastante bagunça falando auto, correndo em sala. A professora começa a se irritar.

18h16

Toca o sinal e as crianças e professora vão embora.

Horário das atividades:

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
13h30	Chegada dos alunos a sala, oração e músicas.
13h56	As crianças cortam 20 figuras da revista.
14h49	Limpar a sala.
15h03	Orientações sobre a confecção do livro.
15h30	Chegada do lanche.
15h57	Recreio.
16h17	Término do Recreio.
16h24	Confecção do livrinho com os desenhos.
18h00	Guardar o material e organizar a sala.
18h16	Toca o sinal do final da aula.

**APÊNDICE C – Terceiro dia de observação.**

Observação da rotina escolar.

Escola Classe 316 Norte

Série: 2 série

Turno: Vespertino

Turma: C

Professora: Juliana

Dia 18/11/09 – Quarta-Feira.

Em sala, 18 alunos.

Legenda:

**Professora / Professora 1 – É a professora titular da turma.**

**Vice-diretora – esta assumindo as funções da Diretora que esta afastada por motivos de saúde.**

**Orientadora pedagógica ou Educacional.**

Hoje.

O dia foi marcado por uma série de incidentes que desestabilizaram os alunos e a professora.

Descrição das atividades do dia

Início da aula 13h30.

Os alunos fizeram a oração e cantaram musiquinhas como de costume. Depois iniciaram atividade com o livro do Ciência em Foco.

13h50

A professora inicia uma experiência com os alunos sugerida no livro do Ciência em foco. Na experiência a professora faz duas misturas em dois recipientes. No primeiro

ela mistura gesso e água e no segundo, farinha e água e deixa a mistura descansar por alguns minutos.

Enquanto a mistura descansava, a professora passou a explicar sobre os estados físicos da matéria. Para tanto, perguntou se em Brasília nevava. As crianças responderam que não, mas disseram que na cidade tinha granizo. A professora explica então que no Sul do País, em algumas ocasiões neva. Ela pega o mapa do Brasil e mostra para as crianças onde é o Sul do Brasil.

13h58

A vice-diretora entra em sala e chama Vicente e pede o balão que ele pegou escondido da decoração da escola sem autorização. Ela fala com o aluno calmamente mas com autoridade e pega o balão.

14h02

A professora continua a atividade e retira do recipiente o gesso duro e mostra aos alunos que a mistura de água e farinha continua líquida.

14h06

A professora sente dificuldade para dar a aula por causa da indisciplina e pede para continuar dando a aula.

14h07

A professora chama atenção de Vicente que fica ao lado da mesa de um colega intimidando-o e acusando-o de ter colocado sua tesoura na mochila. O colega afirma que não fez isso, mas Vicente continua intimidando-o e pede para revistar sua mochila.

14h09

Vicente empurra o colega que está de pé tentando proteger seus pertences, agarra-o pela gola e depois revista sua mochila. A professora fica olhando e pede para chamarem a vice-diretora.

14h10

A vice-diretora entra em sala. A professora explica a situação. Vicente continua afirmando que o colega pegou sua tesoura. A vice-diretora fala que ele olhou a mochila do colega e não encontrou nada, mas ele continua afirmando que o colega pegou o objeto. A vice-diretora retira Vicente da sala de aula para conversar.

14h13

A professora fica chateada e fala para turma que arrumou a sala, arrumou tudo (preparou a aula) para depois ser desrespeitada em sala de aula.

Vicente retorna à sala e a vice-diretora tenta acalmar a turma e fala energicamente, mas de forma “carinhosa”.

14h16

Vicente levanta de sua cadeira e fica em pé ao lado da carteira do colega novamente intimidando-o com o olhar em silêncio. A professora vê a situação, mas não interfere.

14h19

A professora pede que os alunos peguem seus cadernos do ciência em foco.

14h22

A professora interfere na situação e diz a Vicente que ele está coagindo o colega.

14h24

A professora pede para chamar a Orientadora Educacional. Ela entra em sala, tem que levantar a voz e Vicente depois de resistir é retirado de sala novamente.

14h28

A professora começa a copiar no quadro o relatório da aula de ciência em foco realizada e pede que os alunos copiem.

Texto:

Aula 03

O que fez o cimento endurecer?

Nesta aula estudamos a transformação do estado físico da matéria.

Começamos o nosso experimento, colocando água em dois béqueres e de até 10 mL, pagamos 2 copos descartáveis e *numeremos-os* com os números 1 e 2. No como numero 1 colocamos água do béquer e adicionamos aos poucos duas colheres de sopa de gesso. Em seguida mexemos esta mistura com um palito de picolé e deixamos em repouso.

No como nº 2 colocamos a água do béquer 2 e adicionamos aos poucos duas colheres de sopa de farinha.

Em seguida mexemos e a mistura com o palito de picolé e também deixamos em repouso.

No final da aula observamos os dois copos e observamos que a mistura de gesso estava dura, podendo tirá-la do copo. Mas, já a mistura de farinha de trigo, continuou mole não podendo ser retirada.

Vimos que o resultado das misturas *ficaram* diferente no final.

Desenho (Para desenhar a experiência):

14h51

Vicente retorna à sala.

15h58

Vicente aparece com mais dois balões. A professora vê e não fala nada.

15h04

A professora sai da sala e Vicente vai para frente da turma põe o balão cheio na barriga e deixa esvaziar dizendo que esta com dor de barriga e todos gritam e riem.

15h05

A professora volta para sala.

15h09

A Orientadora Educacional volta à sala e pergunta se há algum problema.

A professora fala que foi Vicente. A orientadora retira pela terceira vez Vicente de sala e recolhe a linguinha (liga de borracha) do colega que estava com Vicente bagunçando.

15h12

A turma estava em silencio. A professora disse que quem terminou deveria passar para a próxima parte da atividade: recortar e colar o desenho no caderno – desenho referente à experiência.

15h17

A professora pergunta se pode apagar a primeira parte do quadro para poder passar outro texto no quadro. Assim, começa a escrever sobre o ciclo da água.

Texto:

O ciclo da água pode ser descrito da seguinte maneira:

A água que se encontra na superfície do planeta em rios, lagos, ares e reservatórios evapora devido o aquecimento proporcionado pelo Sol.

Ao evaporar, a água líquida transforma-se em vapor de água, que se acumula no ar atmosférico. Ao atingir camadas mais altas da atmosfera, o vapor de água se condensa transformando-se nas gotículas de água líquida que formam as nuvens.

As gotas de água, das nuvens vão se juntando e aumentam de tamanho, até que a movimentação do ar não é mais suficiente para manter a água em suspensão e as gotas caem retornando à superfície. É a chuva.

15h20

Chega o lanche. A professora pede para guardarem o material. Os alunos começam a pegar o lanche.

15h25 – 15h28

Neste período a professora me convidou para sentar ao lado de sua mesa e começamos a conversar.

Ela me explicou que na sala tem 6 casos de alunos difíceis:

- O Vicente já foi expulso de uma escola e tem envolvimento com a criminalidade. Mora em uma casa de abrigo afastado dos pais.

- Mateus também mora em uma casa de abrigo, sua mãe tem 12 filhos e é interna no presídio.

- Um outro aluno chega em sala de aula com cheiro de xixi e sujo. A família não cuida da criança.

- Lu é uma índia e sofre com o choque de culturas. Segundo a professora, ela, num processo inconsciente, recusa-se a aprender a ler pois tem medo de ser devolvida à tribo para ensinar os outros índios a ler e escrever.

- Os pais de Vinícius levaram uma professora para a justiça pois ela disse que a criança tinha necessidades especiais.

Ela também disse que os meninos em sala de aula falam palavrões para as meninas, e as agarram, beijam e passam a mão nelas a força.

A professora afirmou que em alguns momentos fica contando o tempo para ir embora. Quando chega em casa não “agüenta” ver as suas duas filhas.

15h58

Inicia o recreio.

Durante o recreio:

- As crianças brincaram de Pique-pega.

- Duas meninas brincavam com uma boneca.

- Uma menina senta ao meu lado e diz que é mais seguro ficar perto de mim. Depois ela levanta e um colega a empurra e ela pede para parar e depois sai correndo chorando.

16h16

Toca o sinal para o termino do recreio.

16h20

Em sala as crianças continuam a copiar o texto sobre a chuva. A turma esta mais calma. Vicente e Mateus não estão em sala.

16h57

A professora pede que os alunos organizem as carteiras em fileiras.

17h05

Os alunos que já acabaram de copiar começam a levantar das carteiras. Um aluno começa a varrer a sala. Neste momento Vicente e Mateus já estão novamente em sala de aula.

17h09

A turma esta mais bagunçada.

17h22

A professora diz aos alunos que podem pegar as tampinhas de refrigerante para brincar.

As tampinhas ficam na sala de aula em uma prateleira dentro de baldes transparentes separados por cores.

Dois alunos vão brincar com as tampinhas e começam a empilhá-las formando um muro.

17h34

Neste momento as outras crianças também se interessam pela brincadeira e se juntam para formar um grande muro de tampinhas empilhadas.

Duas meninas interrompem a brincadeira das outras e destroem a muralha que estavam fazendo, as crianças brigam com as duas meninas e depois voltam para a brincadeira para reconstruir a muralha.

17h36

Duas meninas brincam de andoleta, mas rapidamente param.

17h41

Descrição das brincadeiras em sala:

Um grupo de meninas conversa em um canto da sala

Duas crianças ajudam a professora e nos intervalos brincam de andoleta.

Um criança pega uma quantidade de tampinhas e brinca sozinha em um canto da sala rodeado de cadeiras.

Um outro grupo de 6 crianças brinca construindo a muralha de tampinhas. Quando uma criança atrapalha a brincadeira deles, eles brigam e protegem a muralha.

17h48

A professora pede que as crianças guardem as tampinhas.

Uma criança chuta a muralha de tampinhas, as que estavam no grupo se assustam, mas logo começam a espalhar e todas passam a jogar e pisar nas tampinhas. Inicia assim, uma guerra de tampinhas. **Quase fui atingida por algumas.**

As crianças que estavam brincando com as tampinhas eram de diferentes grupos dentro da sala. Crianças que quase nunca se falavam estavam brincando juntas e crianças que sempre estavam juntas brigavam entre si se uma atrapalhava a brincadeira de todos.

A palavra de ordem da professora para guardar as tampinhas deu início a uma bagunça descontrolada e generalizada. A turma toda se envolveu.

17h51

A professora coloca Mateus para fora da sala de aula a força e fecha a porta enquanto ele fica do lado de fora batendo e chutando a porta para entrar. A professora fica encostada na porta para o aluno não entrar. As outras crianças se juntam à professora e empurram a porta.

Depois a professora para de pressionar a porta e vai para perto de sua mesa. Depois diz às crianças que podem parar de empurrar a porta.

17h53

Quando as crianças soltam a porta, Mateus entra na sala furioso batendo, dando soco e chutando os outros alunos sem olhar, simplesmente batendo em todos que estavam a sua volta.

A professora grita, mas os alunos não obedecem e continua a confusão.

17h54

As crianças jogam tampinha umas nas outras. A professora pede, mas as crianças não param.

17h57

A turma esta descontrola. Os alunos brigam entre si. Uns fazem guerrinha de tampinhas e outros tentam arrumar a sala. A briga passa a ser entre os que bagunçam e os que querem organizar.

Uma aluna é acertada por uma tampinha no olho o começa a chorar. A professora a abraça em silencio e enquanto a segura também se protege do momento.

Mais crianças começam a chorar, se abraçam e se refugiam se abraçando e chorando perto da professora. A professora olha a situação desconsolada.

17h59

A vice-diretora entra em sala e tira Vicente novamente da sala de aula.

18h01

A professora pede que parem de tentar arrumar a sala e sentem nas carteiras. Neste momento tem aluno escondido entre os armários para proteger da bagunça.

A professora começa a recolher as tampinhas.

18h02

A professora diz que está decepcionada com a turma toda, e não só com Vicente, Mateus e Gustavo.

18h03

Um grupo de crianças, estarecidas, discutem entre si e “relembra” os acontecimentos: “Fulano bateu em sicrano...”, “Eu sou inocente, estava catando tampinhas!”.

18h05

Uma criança sentou em sua cadeira, escondeu o rosto e começou a chorar. Ele era uma das crianças que mais tacou tampinhas e bagunçou na sala, mas agora chora.

Os alunos mais comportados ainda tentam arrumar a sala e tentam tirar as tampinhas que estão embaixo do armário de ferro.

18h09

A professora se aproxima do aluno que chora e pergunta por que está chorando. Ele diz que ficou com medo. A professora se afasta e não fala nada, por que ele era uma das crianças que mais estavam bagunçando. Outros alunos tentam conversar e acalmar o que chora.

18h12

A professora olha para a turma e desconsolada suspira...

18h15

A menina que foi acertada no rosto com uma tampinha ainda chora de soluçar. As amigas ainda tentam consolar.

18h17

Toca o sinal para encerrar a aula. As crianças e a professora saem de sala e vão embora.

Na saída, a menina que chorava ainda chora na porta da escola.

Horário das atividades:

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
13h30	Chegada dos alunos a sala, oração e músicas.
13h50	Realização da experiência do Ciência em foco
14h28	Professora passa no quadro o relatório da experiência para copiarem
15h12	As crianças pegam a folha para recortar e colar no caderno.
15h20	Chega o lanche na sala.
15h58	Inicia o recreio.
16h20	Professora passa outro texto no quadro para copiarem
17h05	Professora e alunos tentam organizar a sala
17h22	As crianças pegam as tampinhas para brincar
17h48	Professora pede que guardem as tampinhas. Inicia a bagunça em sala.
18h17	Toca o sinal do final da aula.

**APÊNDICE D – Quarto dia de observação.**

Observação da rotina escolar.

Escola Classe 316 Norte

Série: 2 série

Turno: Vespertino

Turma: C

Professora: Juliana

Dia 19/11/09 – Quinta-Feira.

Em sala, 17 alunos.

Hoje.

Os dois alunos que mais fizeram bagunçam no dia anterior não foram a aula porque estão suspensos.

Descrição das atividades do dia

Início da aula 13h30.

Os alunos fizeram a oração e cantaram musiquinhas.

14h00

A professora passa um texto no quadro sobre a vida de Toquinho e pede que os alunos copiem na folha que ela deu e que irá compor o livrinho.

Texto:

Toquinho

Toquinho nasceu em 6 de julho de 1946.

Seu nome verdadeiro é Antônio Pecci Filho.

Quando menino, ele não crescia muito, por isso sua mãe dizia que ele era seu “toquinho de gente”. O carinho de mãe virou apelido e ficou Toquinho para o resto da vida. O menino cresceu, virou homem, artista famoso e continuou sendo chamado Toquinho.

Ele começou a estudar piano aos quatorze anos. Toquinho surpreendeu a professora de violão pela sua facilidade em aprender o instrumento. Toquinho se apaixonou pelo violão.

E decidiu que seria músico para o resto da vida.

Ele tem mais de 350 canções gravadas com uma porção de parceiros e amigos pelo mundo todo. Aquarela, por exemplo, foi gravada no Brasil, Itália, América Latina e Japão.

Seu parceiro mais importante foi Vinícius de Moraes, com quem trabalhou por onze anos, até 1980, quando morreu Vinícius. Eles fizeram mais de uma centena de música juntos.

Depois da morte de Vinícius, Toquinho continuou a fazer música para crianças.

14h35

Quem terminou de copiar o texto continuou fazendo os desenhos que não foram terminados na aula de terça-feira.

15h26

A professora pede que guardem o material embaixo da mesa para aguardarem a chegada do lanche.

15h27

A turma faz a oração para agradecer e o lanche chega.

15h55

Toca o sinal para o recreio e todos saem da sala.

No recreio:

- Um grupo de crianças pega um balão que estava enfeitando o pátio por ocasião da formatura do PROERD das crianças da 4ª série.

- Um menino sozinho brinca no totó/futebol de mesa e depois outro chega para jogarem.

- Uma criança brinca com um ioiô.

- Um grupo de crianças brinca de girar em torno do próprio eixo para ficar tonto.

- Algumas crianças balançam o mastro para hastear a da Bandeira Nacional e depois saem correndo em pânico dizendo que ela vai cair. Quando o mastro para de balançar, elas voltam correndo e balançam novamente. Um monitor aparece e intervém na brincadeira, dispersando as crianças.

- Hoje observei que as crianças brincaram menos de pique pega do que nos outros dois dias.

16h18

Toca o sinal de término do recreio.

16h22

Com os alunos já em sala, a Vice- Diretora da escola entra em sala para parabenizar os alunos pelo bom comportamento durante o recreio e os incentiva a continuarem melhorando o comportamento.

Chega a TV com aparelho de DVD para assistirem ao filme.

16h26

A professora pergunta se eles se lembram da história de José (personagem bíblico do Antigo Testamento que foi vendido como escravo pelos irmãos invejosos). A professora diz que assistiram ao filme que conta a história de sua vida.

O filme é iniciado.

17h14

Observo que os alunos prestam atenção no filme encantados sem se mover.

17h20

Uma ou outra criança se distrai brevemente e depois volta a fixar o olhar na televisão.

17h39

Acaba o filme e as crianças logo em seguida fazem fila para sair de sala e participar junto com as outras turmas da “Hora Cívica” em lembrança ao Dia da Bandeira – dia 19 de novembro, hoje.

Duas alunas de outra série leram duas poesias feitas por uma professora sobre a Bandeira do Brasil. Ao final, cantam o Hino Nacional.

17h49

A professora e os alunos retornam para sala.

18h00

A professora fala sobre o filme e pede que as crianças falem com alguém da família sobre a história de José.

18h02

A professora pede que guardem o material e pede que façam fila para ir para “recreação”.

A recreação é a hora em que as crianças podem brincar no gramado dentro da escola em frente a entrada. Eles vão para a recreação porque se comportaram. É o horário livre das crianças.

18h03

No gramado, imediatamente definiram entre si quem eram os pegos e começaram a brincar de pique pega. O pique era subir na cerca da escola.

18h15

Tocou o sinal e a professora e alunos foram embora.

Horário das atividades:

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
13h30	Chegada dos alunos a sala, oração e músicas.
14h00	Copiar o texto sobre a vida de Toquinho
14h35	Terminar de fazer os desenhos para o livrinho
15h26	Guardar o material para o lanche
15h55	Recreio
16h22	Em sala, inicia o filme.
17h39	Hora Cívica
17h49	Retorno à sala
18h03	As crianças vão para o pátio externo para brincar.
18h15	Toca o sinal para ir embora.

## APÊNDICE E – Quinto dia de observação.

Observação da rotina escolar.

Escola Classe 316 Norte

Série: 2 série

Turno: Vespertino

Turma: C

Professora: Juliana

Dia 20/11/09 – Sexta-feira.

Em sala, 15 alunos.

Hoje.

Os dois alunos que mais fizeram bagunçam na quarta-feira não foram a aula porque continuam suspensos.

Descrição das atividades do dia

Início da aula 13h30.

Os alunos fizeram a oração e cantaram musiquinhas.

13h55

A turma faz fila e vai para o pátio coberto da escola para assistir ao teatro de fantoches do Grupo de Teatro Defensores do Planeta do Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal- SLU<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> O grupo de teatro de fantoches “Defensores do Planeta” foi criado em 2006, com o objetivo de manter o meio ambiente limpo. O trabalho começou a ser desenvolvido nas escolas, pois a quantidade de resíduos jogados em salas de aula, nos refeitórios e nos banheiros é muito grande.

Foi nesse momento que o grupo de orientadores decidiu fazer uma exposição de trabalhos artesanais confeccionados com materiais recicláveis e criou um teatro de bonecos chamado “Defensores do Planeta”. O grupo é formado por 8 servidores do SLU.

14h00

Inicia o Teatro de fantoches.

As crianças acompanham a história atentamente e participativas.

14h32

Termina o teatro e logo depois as crianças voltam para sala de aula.

14h39

Em sala de aula a professora pergunta o que eles viram no teatro e qual a mensagem passada. Os alunos respondem corretamente e ela ainda pergunta "O que podemos fazer para proteger o planeta?". As crianças dão suas sugestões.

14h41

A professora pede que os alunos que não terminaram os desenhos na aula anterior (do livro do Toquinho) façam uma fila ao lado de sua mesa para pegar a folha e continuar a atividade.

15h25

Chega o lanche na sala. A professora pede que guardem a tarefa e os materiais embaixo da carteira e peguem o lanche.

No período do lanche uma criança brincou com um ioiô.

15h45

A professora afirma que hoje, mesmo sendo sexta-feira, não haverá o momento do filme por que já viram filme no dia anterior. Diz também que ainda tem que terminar o livro do Toquinho.

15h57

Toca o sinal para o recreio.

- Um menino mais velho brinca com um skate.
- Uma menina desenha durante o recreio.
- Uma criança brinca com ioiô.
- Duas crianças brincam na mesa de totó/futebol de mesa.

- A turma da segunda série – a turma observada – pôde ir brincar na quadra fora da escola. Todas as crianças ficam brincando juntas de descer o “morrinho” da quadra escorregando na grama. Uma Senhora que é responsável pela portaria acompanha as crianças.

16h16

A senhora que acompanha as crianças chamam-nas para ir embora porque elas estão rolando no chão e há o perigo de se cortarem com cacos de vidro no chão.

16h18

Toca o sinal para o término do recreio.

16h27

A professora dá novamente os desenhos para as crianças terminarem de pintar.

17h00

Por volta deste horário observo que as crianças que terminaram toda a seqüência de desenhos para pintar pegam o caderno de matemática e continuam uma atividade que estava incompleta. A atividade do caderno de Matemática é escrever de 1 à 1000.

17h36

A professora pede para as crianças fazerem fila para assistirem no pátio coberto a apresentação de talentos dos meninos da 4ª série e as meninas da 3ª série.

As duas turmas de alunos apresentam danças.

18h10

As crianças voltam para sala e guardam os materiais.

18h14

Toca o sinal para o termino da aula.

Horário das atividades:

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>
13h30	Chegada dos alunos a sala, oração e músicas.
13h55	As crianças fazem fila para ver o teatro.
14h35	Na sala as crianças pintam os desenhos do livro do Toquinho
15h26	Chega o lanche na sala.
15h57	Inicia o recreio
16h18	Sinal para ir para sala. Retorno da atividade de pintar os desenhos.
17h36	Apresentação de dança das crianças da 3ª e 4ª série.
18h10	Volta para sala e arrumação dos materiais escolares.
18h14	Toca o sinal para ir embora.

**APÊNDICE F – 1 Entrevista – Anderson.**

Qual seu nome?

Anderson.

Quantos anos você tem?

Oito

Onde você mora?

No Varjão.

Você brinca?

Brinco, né?

Você gosta de brincar?

Gosto.

Porque você gosta de brincar?

Quando termina o dever, eu brinco lá na sala.

E porque que você gosta de brincar?

Não sei

Onde você brinca?

Na hora do recreio, na sala...

Onde mais você brinca? Só aqui na escola?

Não, em casa.

E de que que você mais gosta de brincar?

De futebol quando eles vão para a quadra brincar de futebol.

O que você mais gosta então futebol?

É.

Onde você aprendeu as brincadeiras?

Como assim tia? Quando eu vou para a quadra.

Quando você vai para a quadra você aprende com quem?

Com os meninos a brincar

Com as outras crianças?

É

Quem te ensina novas brincadeiras?

Tem um menino lá onde que eu moro que me ensinou outras brincadeiras.

Então outra criança te ensina...

“Aham”

Você brinca aqui na escola?

Brinco

Qual a diferença em brincar na sua casa e brincar aqui na escola?

É que aqui na escola só pode brincar na hora do recreio e na sala é fazer dever. E em casa pode brincar.

Então a sala é lugar de fazer dever e você só brinca na hora do recreio, e em casa que você pode brincar.

É

Então os momentos que você brinca aqui na escola, quais são?

Na hora do recreio, às vezes na sala...

Na sala você brinca de quê?

Não sei, eu só brinco. Eu faço avião...

Você faz aviãozinho...

É

O que mais você faz na sala de aula que você brinca?

Faço dobradura, faço barco...

Barco e o que mais que você faz que você falou?

Faço sapo.

Sapo?

É, que fica pulando assim

De dobradura?

É

Qual é o momento do dia na escola que você mais gosta?

Na sala quando a tia passa dever

O que você mais gosta quando ela passa dever?

É, não sei pra que brincar... e depois se machuca o menino quebrou o dente dele correndo

Você não sabe porque brincar já que machuca, né? E o menino quebra o dente correndo...

Ele quebrou!

Então o que você mais gosta é de ficar dentro sala de aula estudando?

É

E com quem você brinca?

Amigos

Só com os amigos?

É

Com o professor você brinca?

Brinco

E com seus pais, com seus familiares, você brinca?

“Aham”

Você aprende alguma coisa brincando em sala de aula?

Não. Só quando a tia passa dever que eu aprendo.

Só quando a tia passa dever que você aprende, brincando você não aprende em sala de aula não?

Não!

Você acha que você pode aprender brincando?

Não.

Porque não?

Porque quando você brincar e aí você não fazer o dever aí tipo assim você não sabe porque tá brincando e quando a tia passar a continha de vezes na prova e você não saber você erra tudo!

Você gostaria de aprender as coisas que a professora ensina em sala de aula brincando?

Não, brincando não.

**APÊNDICE H – 2 Entrevista – Beatriz.**

O seu nome é?

Beatriz.

Quantos anos você tem?

Nove

Onde você mora?

Em Sobradinho.

Você brinca?

(sorrindo) Brinco!

Brinca muito?

Muito.

Você gosta de brincar?

Gosto.

Por que você gosta de brincar?

Porque é divertido!

Onde você brinca?

No meu quarto e no quintal da minha casa.

Do que você mais gosta de brincar?

Barbie.

Onde você aprendeu as brincadeiras?

Na casa da minha avó e na minha casa também.

Com quem que você aprende?

Com a minha avó e com a minha mãe.

Quem te ensina as novas brincadeiras?

Meus colegas daqui da escola.

Você brinca aqui na escola?

Brinco na hora do recreio e na hora da entrada também.

Só nessas duas horas que você brinca?

(fez que sim com a cabeça)

Qual a diferença de brincar em casa e brincar aqui na escola?

É que lá em casa meu irmão não gosta de brincar comigo e aqui na escola tem muitas pessoas para brincar

Aí você tem um monte de gente para brincar aqui em casa não. Em casa você brinca...

Sozinha

Em que momentos você brinca aqui na escola?

No recreio

Só no recreio?

(fez que sim com a cabeça)

Qual o momento do dia na escola que você mais gosta?

Hora da saída e da entrada

Por que?

é porque na entrada... é quando eu saio de casa, eu saio de casa sem fazer nada né? Eu só almoço e venho e tomo banho. Aí e quando eu saio eu posso brincar em casa de TV

Então você gosta de ir para casa?

É

Do tempo que você fica aqui na escola, do que você mais gosta?

Das minhas colegas.

Você tinha me dito da outra vez que gosta mais da hora que vai pra sala de aula...

É

Por que?

Porque eu gosto da hora da entrada porque eu gosto de escrever é que meus dedos eles gostam de escrever

Você gosta de escrever?

“Uhum”

Com quem você brinca?

com a Eduarda

É uma colega sua daqui da escola?

“Uhum”

Você brinca com seus pais, seus professores, amigos?...

Só com os amigos.

Com os pais não?

Não

Com os professores também não?

Não

Só com amigos?

É

E você brinca dentro de sala de aula?

Não.

Não, de nada?

Não

Você aprende alguma coisa brincando?

Aprendo

Aprende o que?

Aprendo a ser adulta. Aprendo a ser mãe brincando de boneca aprendo um monte de coisa

Você tinha me falado que aprende a ser adulto?

É, também.

Você acha que pode aprender brincando?

Não

Aprender dentro sala de aula brincando?

Não

Por que não pode aprender brincando?

Não sei... sala não é lugar de brincar

Você gostaria de aprender brincando?

“Aham”

Por que que você gostaria?

Porque ia ser mais divertido...

**APÊNDICE H – 3 Entrevista – Catarina.**

Qual é o seu nome?

Catarina.

Quantos anos você tem?

Oito

Onde que você mora?

No Mestre D'Armas, lá em Planaltina.

Você brinca?

“Uhum”

Você gosta de brincar?

Gosto.

Por que?

Porque eu acho divertido.

Onde você brinca?

Na minha casa, aqui na escola, quando eu vou passear...

Em todos esses lugares você brinca...

(fez que sim com a cabeça)

Do que você mais gosta de brincar?

pega-pega

Onde você aprendeu as brincadeiras?

Lá na minha escola...

Lá onde? Aqui?

É. É quando eu vim para cá.

Quando você veio pra essa escola que você aprendeu a brincar de pega-pega...

“Uhum”.

Com quem você aprendeu?

Aprendi com a Lorrana, com a Eduarda, a Ana e a Lisandre.

Essas são suas amigas?

(fez que sim com a cabeça)

Quem te ensina novas brincadeiras?

O meu irmão. Agora ele está me ensinando brincar.

Ele é mais velho que você?

Ele tem dez anos.

Você brinca aqui na escola?

“Uhum”

De que você brinca aqui na escola?

Pega-pega e esconde-esconde

E qual a diferença de brincar na sua casa e brincar aqui na escola?

Porque ela em casa eu só tenho meu irmão para brincar e a que na escola tenho vários amigos para brincar

Em que momento aqui na escola você brinca?

Na hora do recreio

Só na hora do recreio?

“Aham”.

Qual momento do dia que você passa aqui na escola que você mais gosta?

Na hora de estudar.

A hora de estudar é a que você mais gosta?

“Uhum”

Por que que você gosta mais dessa hora?

Porque eu aprendo e eu tenho mais atenção.

Quais as pessoas com quem você brinca?

Muitas pessoas. Todo dia alguma pessoa diferente.

Mas são seus amigos?

“Uhum”

Você brinca com seus pais?

Brinco, às vezes.

E com seus professores você brinca?

Não.

Em sala de aula você brinca?

(fez que não com a cabeça)

Por que?

Porque se eu não prestar atenção na aula quando eu vou passar de ano eu vou reprovar.

E você aprende alguma coisa brincando?

Não.

Não aprende nada brincando?

Não

Você acha que você pode aprender brincando?

Não.

Você acha que não daria certo então: brincar e aprender...

Não.

Você gostaria de aprender brincando?

Não

Por que?

Porque a gente aprende só besteiras, sabe? A gente não aprende direito...

Então brincando você só aprende besteira, você não aprende coisas boas não?

(sim com a cabeça)

Mas você gostaria de aprender coisas boas brincando?

“Uhum”

**APÊNDICE I – 4 Entrevista – Daniel.**

Qual o seu nome?

Daniel.

Quantos anos você tem?

Nove.

Onde você mora?

Na Ocidental.

Na Cidade Ocidental?

(sim com a cabeça)

Você brinca?

Brinco.

Você gosta de brincar?

Gosto.

Por que você gosta de brincar?

Porque é divertido, a gente se diverte muito.

Onde você brinca?

Na areia... no parquinho...

Areia e parquinho de onde?

Daqui do Plano.

Daqui?

(sim com a cabeça)

Aonde que é isso?

É num parquinho bem aqui perto da escola. Sem ser o daqui, é outro.

No parque perto da escola...

É, só que é um pouquinho longe... mais ou menos.

Onde mais você brinca?

No salão da minha mãe... no bloco B...

Aqui na escola, você brinca?

Brinco.

De que que você mais gosta de brincar?

...

Pode pensar...

De totó.

De totó que você mais gosta de brincar?

Totó, basquete, correr aqui na escola...

Onde que você aprendeu as brincadeiras?

Na rua... aqui no colégio...

Com quem que você aprendeu?

Com os meus amigos.

Seus amigos que te ensinam mesmo...

“Uhum”

Quem te ensina novas brincadeiras?

Meus amigos.

Seus pais te ensinam?

Também! Meus pais... meus primos, meus tios

Seus professores te ensinam...

Sim.

Você brinca aqui na escola?

Brinco.

De que você brinca aqui na escola?

Totó, basquete, correr, de computador, né? E outras coisas também.

Qual a diferença de brincar em casa e brincar aqui na escola?

Porque em casa tem mais espaço, aí gente pode brincar com os nossos cachorros, pode brincar na rua e aqui a gente não pode que mais perigoso.

Em que momentos você brinca aqui na escola?

A partir das 4 horas que é o recreio e aí “vo” e brinca.

Aí você brinca só no recreio?

No recreio e na saída e na entrada também.

Qual momento do dia que você mais gosta aqui na escola?

Dia de terça

Por que você mais gosta da terça?

É porque a gente tem aula de computação... e de sexta também que a gente tem quadra dia de sexta.

Sexta-feira é quando vocês vão pra quadra...

É terça e sexta. A gente gosta de brincar. Terça eu tenho aula de informática e sexta eu tenho quadra no recreio.

Mas do dia, por exemplo, hoje você veio para cá e vai passar a tarde toda aqui, qual é a hora que você mais gosta?

Do recreio, agora depois do recreio...

Agora é o que? A hora do lanche?

É, toda hora eu gosto.

Com quem você brinca?

Com o Gustavo, com as meninas as minhas amigas, os meus amigos que são Gustavo Henrique, Gustavo Chagas, Lucas Assis, Johnny e outras pessoas...

São todos seus amigos esses que você falou?

Todos

E você brinca com os seus pais?

Também.

E você brinca com seus professores?

Às vezes quando eles querem...

Você brinca dentro sala de aula?

Mais ou menos.

Mais ou menos é o que?

Não (com risos)

Pode falar não tem problema não...

É, eu brinco às vezes

Você brinca de que?

De ficar conversando, de adedonha, Pedra-papel-tesoura, só...

Você brinca com seus amigos disso...

É. Quando a professora deixa, né?

Quando a professora deixa..

É porque tipo a gente terminou aí eu to perto do amigo meu ou ele tá lá atrás e tem cadeira sobrando daí eu vou e fico lá.

E você aprende alguma coisa brincando?

Mais ou menos.

O que você aprende brincando?

Algumas coisas boas e ruins.

O que?

Tipo brincadeira de polícia e ladrão não é bom porque isso só vai trazer o mal para gente de e pique-pega e outras brincadeiras são boas porque a gente não tem que ficar brincando fingindo que a gente está com arma essas coisas...

E você acha que você pode aprender alguma coisa brincando?

Ué... às vezes sim, às vezes não.

Dentro de sala de aula, você acha que você pode aprender os conteúdos que a professora passa brincando?

Não.

Por que?

Porque se eu ficar brincando aí eu não vou fazer dever, eu não vou terminar o dever e posso nem fazer uma parte.

Mas você acha que os conteúdos poderiam ser ensinados e vocês poderiam aprender brincando?

Não. É... mais ou menos porque tipo se a tia tá fazendo e brincando com a a gente, a gente respondendo prestando atenção em trabalhar aí sim a gente pode aprender mas agora a gente conversando e não prestando atenção e aí gente não pode aprender.

E se tivesse jogos que ensinassem os conteúdos que a professora passa?

Aí sim!

Você acha que daria certo?

Daria certo!

Você gostaria de aprender as coisas brincando?

Nem tudo.

Nem tudo?

É porque a gente não aprende brincando às vezes...

**APÊNDICE J – 5 Entrevista – Ester.**

Qual que é o seu nome?

Ester.

Quantos anos você tem?

Nove.

Onde você mora?

Ali na 416.

Você brinca?

“Uhum”.

Você gosta de brincar?

Gosto.

Por quê?

Porque a gente se diverte.

Onde você brinca?

No colégio, no parquinho, em casa... No clube.

Do que você mais gosta de brincar?

De boneca.

Onde você aprendeu as brincadeiras?

Aqui na Asa Norte.

Mas você sempre morou aqui na Asa Norte?

“Uhum”.

Com quem?

Com as minhas amigas.

Quem te ensina novas brincadeiras?

Às vezes a minha mãe ou as minhas primas.

Com quem que você brinca?

Com as minhas amigas.

Com seus pais, você brinca?

“Uhum”

Com seus professores?

Sim.

Com quem você mais brinca?

Com o meu irmão.

Você brinca aqui na escola?

Brinco.

Brinca de que?

De pique-pega, pique-esconde e às vezes boneca que a gente traz.

Qual a diferença de brincar em casa e brincar aqui na escola?

É que em casa você brinca tipo com o irmão e aqui na escola a gente brinca com várias pessoas.

E qual que é a diferença da brincadeira que você brinca em casa e brinca aqui?

Lá em casa é por causa que eu brinco assim quietinha e aqui eu brinco correndo.

Em que momentos você brinca na escola? Em quais horários?

Na hora do recreio e quando eu termino o dever.

Qual momento do dia na escola você mais gosta?

Quando eu vou pra biblioteca.

Você mais gosta é de ir pra biblioteca? Por que?

Porque lá tem livros legais e eu fico lá...

Você brinca dentro da sala de aula?

“Uhum.”

Brinca de que?

De várias coisas... É brinco de correr atrás dos meninos...

Dentro de sala de aula?

(fez que sim com a cabeça)

Você aprende alguma coisa com as brincadeiras?

“Uhum.”

O que você aprende?

Aprende a... Ah... Esqueci.

Você já aprendeu alguma coisa brincando?

“Uhum”

O que você aprendeu?

A falar palavrão. É com as meninas que são safadas... (?)

Você acha que dentro de sala de aula você poderia aprender brincando?

Não.

O que a professora ensina em sala de aula, você acha que você não pode aprender brincando... Por que?

Porque quando eu brinco eu não fico prestando atenção...

Quando você brinca, que você quer dizer é quando você faz bagunça?

É.

Aí você não presta atenção?

“Uhum”.

Você acha que a professora poderia ensinar os conteúdos e vocês poderiam aprender os conteúdos brincando? Ou não, só passando no quadro que você poderia aprender?

Só passando no quadro...

Só passando no quadro e copiando, só assim que você pode aprender...

(fez que sim com a cabeça)

Você gostaria de aprender os conteúdos que a professora passa brincando?

Não.

Por que?

Porque eu acho chato porque depois alguém vem me perguntar e aí eu não sei...

Mas “brincando” que eu to falando não é fazendo bagunça. Você acha que vocês poderiam aprender com jogos, com brincadeiras, do mesmo jeito que você aprendeu palavrão brincando você acha que você pode aprender o conteúdo que a professora ensina brincando também?

“Uhum.”

Pode?

(fez que sim com a cabeça)

Você gostaria que fosse assim?

(fez que sim com a cabeça)

Por que você gostaria?

A gente se diverte mais...

**APÊNDICE K – 6 Entrevista – Fabiana.**

Qual que é o seu nome?

Fabiana.

“Fabiana”. Bonito seu nome, sabia?

Obrigado!

Quantos anos você tem?

Oito.

Onde você mora?

Na Asa Norte.

Você nasceu aonde?

Não sei não tia.

Você não sabe?

(fez que não com a cabeça)

Você é índia?

Sou.

E qual é a sua tribo?

Ah, tia, esqueço o nome...

Tem muito tempo que você saiu da sua tribo?

“Uhum”

Você saiu com quantos anos?

Acho que foi oito...

E quantos anos você tem hoje?

Onze.

E você lembra das coisas da sua tribo?

Eu lembro...

Você gostava de lá?

“um um” (não)

Por que?

Porque é muito ruim.

Por que?

Não gosto não.

E você mora aqui com quem?

Com a (nome de um parente)

Você brinca?

Brinco.

De que você brinca?

De Barbie e no computador.

Você gosta de brincar?

Gosto.

Por quê?

Porque as crianças gostam.

Do que você mais gosta de brincar?

No computador.

Onde você aprendeu as brincadeiras?

Aqui e em casa.

Quando você morava na tribo você aprendeu as brincadeiras?

É.

De que que você brincava lá na tribo?

Eu esqueci o nome...

De que que você brinca em casa?

No computador e “eu desce” e brinca no parquinho.

E você brinca aqui na escola de que?

De alguma coisa que as meninas gostam.

Com quem você aprendeu as brincadeiras?

Aqui ou em casa?

Todas as brincadeiras que você sabe, você aprendeu com quem? Em casa você aprende com quem?

Com a (?) no computador e aqui as brincadeiras... com as meninas.

Quem te ensina novas brincadeiras?

Amigas e... as minhas amigas!

Você aprendeu brincadeiras novas com os professores?

Não.

Com quem você brinca?

Com as meninas e com os meninos.

Você brinca com os seus pais?

Não.

Com seus professores?

Não.

Qual a diferença de brincar em casa e brincar aqui na escola?

Como assim, tia?

Você brinca das mesmas coisas em casa e aqui?

É.

Tudo igual, do mesmo jeito?

Não, diferente.

O que que é diferente?

Eu não brinco em casa, eu brinco no parquinho. Aqui e em casa eu brinco no computador também.

Em que momentos você brinca na escola? Em quais horários?

Na hora do recreio.

Qual momento do dia na escola você mais gosta?

Hora de sair.

O que você mais gosta é a hora de ir embora?

É.

Você brinca dentro da sala de aula?

Às vezes (?)

Brinca de que?

De conversar.

Você já aprendeu alguma coisa com as brincadeiras?

(fez que não com a cabeça)

Você acha que dentro de sala de aula você poderia aprender brincando?

No recreio pode.

Você aprende alguma coisa quando você brinca no recreio?

Não.

O que a professora ensina em sala de aula, você acha que você pode aprender brincando?

Pode.

Como que poderia aprender brincando?

Acho que não, tia...

Brincando que eu to falando não é bagunçando. Você acha que aquele conteúdo que a professora ensina você poderia aprender com jogos e com brincadeiras?

“Uhum”

Como que você poderia aprender?

Com jogo... não, acho que não.

Não poderia aprender brincando?

Não.

Você gostaria de aprender os conteúdos que a professora passa em sala de aula brincando? Você gostaria de aprender a tabuada com jogos?

Acho que sim.

Por que?

Porque (...)

Você lembra das brincadeiras que você brincava lá na tribo?

Acho que não tia...

Que que você fazia lá?

...

Não gosta de falar de lá?

Não... era ruim.

**APÊNDICE L – 7 Entrevista – Gabriela.**

Qual que é o seu nome?

Gabriela.

Quantos anos você tem?

Oito anos.

Onde você mora?

Aqui na Asa Norte.

Você brinca?

Brinco.

Você gosta de brincar?

Gosto.

Por que?

Porque é legal, porque distrai, porque a gente aprende brincando,...

Aprende? O que?

Aprende que... que não pode ficar parado, criança tem que brincar quando tu é criança...

E quem foi que disse isso pra você?

Ninguém, eu que penso porque quando a gente é adulto, às vezes a gente nem pode brincar mais e quando é criança pode.

Onde você brinca?

Na escola, em casa, na casa dos meus tios, da minha mãe

Onde você aprendeu as brincadeiras?

Na escola, na minha casa, na minha igreja... só.

Com quem você aprendeu?

Com meus colegas, com a minha mãe, com minhas primas, lá na igreja com meus amigos.

Com as colegas daqui da escola?

(fez que sim com a cabeça)

Quem te ensina novas brincadeiras?

Os colegas que eles inventam e daí eles ensinam pra mim. Colegas da escola, da igreja, minhas primas

Com quem você brinca?

Com minhas primas, com meus colegas da escola e com meus colegas da igreja.

Você brinca com seus pais?

Às vezes.

Com seus professores?

Também às vezes.

Você brinca aqui na escola?

Brinco na hora do recreio.

Brinca de que?

Pique-alto, pique-pegas, é... pique-cola, as brincadeiras que a gente faz assim de mão com as meninas.

Qual a diferença das brincadeiras que você brinca em casa e aqui na escola?

A diferença é que aqui na escola é umas brincadeiras e lá em casa é outras...

Como assim?

Por exemplo, aqui a gente brinca de pique-alto, pique-cola, aí lá em casa a gente brinca de outra coisa, não brinca disso, a gente inventa outra brincadeira.

Como o que que você já inventou?

“Coca-cola” é o nome da brincadeira, a gente brinca de popeye, não brinca das brincadeiras que a gente brinca na escola.

Em que momentos você brinca aqui na escola?

Na hora do recreio.

Qual o momento do dia aqui na escola que você mais gosta?

Eu gosto do filme.

E em dia que não tem filme, qual a hora da rotina que você mais gosta?

Quando a gente tá pintando... o recreio.

Por que?

Porque a gente pode brincar no recreio, pode se divertir...

Dentro de sala de aula não pode?

Só pode quando a professora fala que pode.

Você brinca dentro de sala de aula?

Não.

Você aprende alguma coisa com as brincadeiras?

Só aprendo com as brincadeiras que não é de mau gosto.

E você aprende coisas boas?

“Uhum”

O que você já aprendeu brincando?

Tem a brincadeira do pique-cola, ela ensina a gente a não mentir porque a gente vai falar a idade, a gente tem que falar a idade certa e a gente não mente, não pode mentir. Tem mais brincadeiras que ensina a gente a não mentir, tem brincadeiras que a gente não pode ter falsidade...

Você acha que aquele conteúdo que a professora ensina você poderia aprender brincando? Tem alguma brincadeira que poderia ensinar o conteúdo que a professora passa em sala de aula?

Eu acho que não...

Por que que não?

Porque eu acho que não tem nenhuma brincadeira que a gente pode escutar o conteúdo que a professora tá passando.

Você gostaria de aprender os conteúdos que a professora passa em sala de aula brincando, com jogos, com brincadeira?

Gostaria.

Por que?

Porque ia ser mais interessante.

**APÊNDICE M – 8 Entrevista – Helena.**

Qual que é o seu nome?

Helena.

Quantos anos você tem?

Oito.

Onde você mora?

Lago norte.

Você brinca?

Sim

Você gosta de brincar?

“Uhum” (Sim)

Por que?

Porque é divertido, é uma coisa que a gente pode fazer só que não é coisa de adulto, a gente pode brincar só que não com responsabilidade. Uma coisa mais livre.

Onde você brinca?

Na minha casa, na escola.

De que que você mais gosta de brincar?

“piquenerd” (?)

Como que é isso?

É uma brincadeira que tipo assim, as meninas tá “pêgas” e todas as meninas têm que pegar os meninos. Aí quando pega todos os meninos, o meninos que pegam as meninas depois.

Onde você aprendeu as brincadeiras?

A Bel, a irmã da Dani, que tava brincando e depois a gente pediu pra ela e ela deixou...

Com quem mais você aprende brincadeiras?

Com todo mundo da sala.

Quem te ensina novas brincadeiras?

A Bel e a Daniele. Elas são minhas amigas daqui da escola.

Você aprende brincadeiras novas com seus pais e seus professores?

(...)

Você brinca com quem?

Eu brinco com todo mundo da sala.

Com quem mais?

Eu brinco com meus irmãos, com meus primos.

Com seus pais, você brinca?

Às vezes.

Com seus professores, você brinca?

“Uhum”, A minha professora do prézinho, todos os dias a gente brincava com ela.

E a professora que você tem hoje, você brinca com ela?

“Uhum”

Você brinca dentro da sala de aula?

Às vezes.

De que que você brinca dentro da sala de aula?

De correr dentro da sala... não tem aquele armário lá? A gente fica subindo lá em cima...

Você aprende alguma coisa com as brincadeiras?

“Uhum”

O que você aprende?

Muitas coisas, por exemplo, quando o Johnny tava correndo, ele caiu, aí a gente tava brincando de pegar o Vinícius e puxar ele no chão assim e o Vinícius levantou com cara de chão, todo sujo. Aí depois e também a gente tava passando pelos matos ali aí, a tia Silvia falou que a gente não podia porque senão ia ficar tudo pisado os matinhos que iam nascer.

E você aprendeu o que com isso?

Que não pode ficar passando por ali, que não pode ficar puxando o Vinícius pelo chão...

Você acha que aquele conteúdo que a professora ensina você poderia aprender brincando?

Não.

Brincando não é a mesma coisa que bagunçando. Você acha que os conteúdos que você está aprendendo lá, poderia aprender com algum jogo, com alguma brincadeira?

Sim.

Você gostaria que fosse assim?

Gostaria.

Por que?

Porque a brincadeira é muito divertido e legal, a gente adora brincadeiras.

E como você acha que poderia aprender assim?

A gente poderia fazer experiências em casa.

**APÊNDICE N – 9 Entrevista – Isadora.**

Qual que é o seu nome?

Isadora.

Quantos anos você tem?

Nove

Onde você mora?

Granja do Torto.

Você brinca?

Sim

Você gosta de brincar?

Mais ou menos.

Por que?

Porque toda vez que eu vou brincar eu me machuco.

Onde você brinca?

Algumas vezes aqui na escola e algumas vezes lá na rua da igreja.

De que que você mais gosta de brincar?

De pular corda.

Onde você aprendeu as brincadeiras?

Com a minha irmã. Em casa.

Quem te ensina novas brincadeiras?

Meus amigos daqui.

Você aprende brincadeiras novas com seus pais?

Sim.

Com seus professores?

Aprendo.

Você brinca com quem?

Com minha irmã e com meus amigos de sala.

Você brinca com seus pais?

Às vezes.

Você brinca com seus professores?

Muito raro

Qual a diferença das brincadeiras lá da sua casa das brincadeiras daqui da escola?

Aqui eu corro e lá eu não corro muito.

Em que momento você brinca aqui na escola?

Na hora do recreio.

Só na hora do recreio?

É, e na sala.

Você brinca como dentro da sala de aula?

Eu brindo da adedonha, eu brinco de... eu acho que é só adedonha.

Qual o momento do dia que você passa aqui na escola que você mais gosta?

Da hora do recreio.

Por que?

Porque eu posso brincar mais.

Você brinca dentro da sala de aula?

Quando a tia deixa, eu brinco.

De que?

Adedonha.

Você aprende alguma coisa com as brincadeiras?

Acho que sim.

O que?

Eu aprendo a ser saudável.

Por que?

A brincadeira me deixa saudável e eu aprendo a ser saudável.

Você acha que você pode aprender brincando dentro de sala de aula?

Não.

Brincando não é a mesma coisa que bagunçando. Você acha que os conteúdos que a professora passa dentro de sala de aula você pode aprender brincando?

Eu acho que não.

Por que?

Porque na brincadeira a gente se diverte mais com as palavras, mas se a professora passar um dever de matemática, a gente não aprende.

Você gostaria de aprender os conteúdos que a professora passa brincando?

Sim.

Por que?

Porque ia ser mais divertido aprender brincando.

**APÊNDICE O – 10 Entrevista – João.**

Qual que é o seu nome?

João.

Quantos anos você tem?

Oito

Onde você mora?

SQN 312

Você brinca?

Brinco

Você gosta de brincar?

Gosto

Por que?

Porque é divertido, Às vezes a gente conhece novas brincadeiras.

Onde você brinca?

Na minha casa, na casa dos meus primos, nas festas, aqui.

De que que você mais gosta de brincar?

De futebol

Onde você brinca de futebol?

Debaixo do bloco e também na quadra e na quadra daqui da escola.

Onde você aprendeu as brincadeiras que você sabe?

Com meu irmão, com meu pai, com meus primos.

E aonde foi isso, na sua casa, na sua escola?

Aqui na escola, na minha casa e na casa dos meus primos.

Quem te ensina as novas brincadeiras?

Meu pai, meu irmão e com os meus primos.

Com quem você brinca?

Com meus coleguinhas, com meu irmão, com meus primos, com meu pai também.

Você brinca aqui na escola?

Brinco.

De que?

De pique-nerd, pique-alto, pique-pega, pique-esconde, bobinho e uma brincadeira que a gente mal inventou, que tem que fugir e uma pessoa joga a bola na gente e se encostar, tá com a pessoa, tipo pique-pega, mas só que com a bola.

Qual a diferença das brincadeiras lá da sua casa das brincadeiras daqui da escola?

Aqui na escola é um pouco mais espaçoso que na minha casa.

Em que momentos você brinca aqui na escola?

Na hora do recreio.

Só na hora do recreio?

E quando a tia fala que tem recreação.

Qual o momento do dia que você passa aqui na escola que você mais gosta?

Hora do recreio.

Por que?

Porque eu fico brincando que é o que eu mais gosto de fazer.

Você brinca dentro da sala de aula?

Não.

Por que não?

Porque eu sou um menino educado, meus pais falam pra não brincar dentro da sala também.

Você aprende alguma coisa com as brincadeiras?

Mais ou menos. Às vezes que eu aprendo e às vezes não. Primeiro, que quando eu cresci já deu prática porque meu irmão bateu na cabeça com o iô-iô.

Que mais que você aprende brincando?

No futebol e no basquete tem que tá atento com a bola e se for goleiro tem que tá ainda mais que a bola que vão jogar pra você defender ou fazer gol.

Você acha que você pode aprender brincando dentro de sala de aula?

Não.

Brincando não é a mesma coisa que bagunçando. Você acha que os conteúdos que a professora passa dentro de sala de aula você pode aprender com alguma brincadeira?

Mais ou menos.

Por que?

Porque eu nunca tentei isso.

Você gostaria de aprender desse jeito?

Gostaria

Você gostaria de aprender brincando, com jogos, com brincadeiras, gostaria? Por que?

Porque ia ser mais divertido, e eu ainda aprender a brincar com outras coisas.

**APÊNDICE P – 11 Entrevista – Kauã.**

Qual que é o seu nome?

Kauã.

Quantos anos você tem?

Oito

Onde você mora?

Não sei... Na Asa Norte.

Você brinca?

(Fez que sim com a cabeça) Muito.

Você gosta de brincar?

Gosto

Por que?

Porque é divertido.

Onde você brinca?

Dentro do pátio da escola, lá em casa, quando a gente desce pra brincar...

De que que você mais gosta de brincar?

Pique-alto.

Onde que você aprendeu as brincadeiras?

Aqui na escola.

Com quem você aprendeu?

Com uns amigos meus.

Quem te ensina as novas brincadeiras?

Minha amiga Daniele.

Você aprende brincadeiras novas com os seus pais?

“Uhum”

Com a professora?

Não.

Com quem que você brinca?

Com os meus amigos daqui da escola. E brinco pouco com os meus pais.

Você brinca com os seus professores?

Não.

Você brinca aqui na escola?

Brinco.

De que?

De pique-alto, pique-nerd, pique-pega, queimada... só.

Qual a diferença das brincadeiras lá da sua casa das brincadeiras daqui da escola?

Lá na minha casa eu brinco muito menos tempo que aqui na escola.

E você faz o que em casa?

Fico brincando pouco, brincando com o meu irmão...

Em que momentos você brinca aqui na escola?

Na hora do recreio.

Só na hora do recreio?

Sexta-feira quando tem quadra também...

Qual o momento do dia que você passa aqui na escola que você mais gosta?

Do recreio.

Por que?

Porque é mais divertido.

Você brinca dentro da sala de aula?

Às vezes.

De que você brinca?

De correr.

Você aprende alguma coisa com as brincadeiras?

Não.

Você acha que você pode aprender brincando?

Acho que não.

Você acha que os conteúdos que a professora passa dentro de sala de aula você pode aprender brincando?

Não.

Você gostaria de aprender desse jeito?

Não.

Por que?

Porque desse jeito a gente não ia aprender quase nada.

Brincando você não poderia aprender quase nada então?

“Uhum...”

**APÊNDICE Q – 12 Entrevista – Lucas.**

Qual que é o seu nome?

Lucas.

Quantos anos você tem?

Nove

Onde você mora?

Na aldeia SOS (?)

Você brinca?

Brinco.

Você gosta de brincar?

“Uhum”

Por que?

Porque é legal.

Onde você brinca?

Eu brinco na hora do recreio.

Só aqui na escola que você brinca?

Lá em casa também.

Onde mais você brinca?

... (longa pausa) às vezes eu brinco na sala de aula, quando eu termino minha atividade.

De que que você mais gosta de brincar?

De futebol.

Onde que você aprendeu as brincadeiras?

Aqui na escola.

Com quem você aprendeu?

Com os meninos.

Quem te ensina as novas brincadeiras?

Às vezes eu sei umas e às vezes os meninos da sala me ensinam.

Você aprende brincadeiras novas com os seus pais e com os professores?

Eu aprendi com os meus pais também. Com a professora não.

Com quem que você brinca?

Eu brinco com o Johnny, com a Luiza, com a Eduarda... com meus colegas lá da sala.

Você brinca com os seus pais?

“Uhum”. Só quando eles têm tempo...

Você brinca com os seus professores?

Não.

Com quem mais você brinca?

Eu brinco com meus primos.

Qual a diferença das brincadeiras lá da sua casa das brincadeiras daqui da escola?

... (longa pausa) Lá eu brinco de círculo, de montar na cama. E aqui eu brinco de futebol, de volei, não de volei não! De basquete...

Em que momentos você brinca aqui na escola?

Só na hora do recreio e lá na sala às vezes quando eu termino de fazer minha tarefa

Qual o momento do dia que você passa aqui na escola que você mais gosta?

A hora do recreio.

Por que?

Porque “nóis” fica correndo, fica brincando, na sala de aula que não deixa!

Na sala de aula você faz o que?

Eu faço um bocado de atividade. E às vezes eu faço dobradura.

Você brinca dentro de sala de aula?

“um um” (não). Só depois que eu faço minhas tarefas que a tia passa.

De que você brinca?

Eu brinco de imitar as meninas.

Você aprende alguma coisa com as brincadeiras que você faz?

“Uhum”

O que você aprende?

A não a machucar os meninos.

Como é que você aprende isso brincando?

É que tem vez que a tia fala antes de a gente brincar que se um machucar não vai mais brincar.

Você acha que você pode aprender brincando? Você acha que dentro de sala de aula você pode aprender brincando?

“um um” (não)

Aquele conteúdo que a professora ensina dentro de sala de aula você pode aprender brincando, com jogos?

Não. Só se a gente brincar de professor, no recreio.

Por que que você não pode aprender brincando?

Porque na brincadeira os meninos não ficam quietos, ficam bagunçando.

Você gostaria de aprender esses mesmos conteúdos com brincadeiras e com jogos?

“Uhum”

Por que?

Porque é legal! Nós vamo aprendendo, mas não é muito bom porque os meninos ficam bagunçando aí não dá de brincar. Só se os meninos ficá quieto.

**APÊNDICE R – 13 Entrevista – Marcos.**

Qual que é o seu nome?

Marcos.

Quantos anos você tem?

Oito

Onde você mora?

Granja do Torto

Você brinca?

Sim

Você gosta de brincar?

Gosto

Por que?

Porque é divertido.

Onde você brinca?

Em casa, na escola, na hora do recreio...

De que que você mais gosta de brincar?

De bicicleta.

Onde que você aprendeu as brincadeiras?

Em casa.

Com quem você aprendeu?

Minha tia.

Quem te ensina as novas brincadeiras?

Meu tio.

Com quem que você brinca?

Com meus primos e meus colegas Lucas, a Lourrane o (?)

Você brinca com os seus pais?

Eles não têm tempo...

Você brinca com os seus professores?

Não.

Você brinca aqui na escola? De que?

Sim, de pique-alto, pique-pega...

Qual a diferença das brincadeiras lá da sua casa das brincadeiras daqui da escola?

Em casa em brinco de bicicleta e carrinho e aqui eu brinco de pique-alto e pique-nerd

Em que momentos você brinca aqui na escola?

Na hora do recreio.

Qual o momento do dia que você passa aqui na escola que você mais gosta?

Terça porque a gente vai pra quadra. E do recreio.

Por que?

Porque eu acho que é divertido.

Você brinca dentro de sala de aula?

Não.

Por que?

Porque eu gosto mais de estudar do que brincar dentro de sala de aula.

E você acha que não pode brincar e estudar ao mesmo tempo?

Posso.

Você aprende alguma coisa com as brincadeiras que você faz?

Não.

Você acha que você pode aprender brincando?

Não

Aquele conteúdo que a professora passa lá no quadro você pode aprender brincando, com jogos?

Não.

Você acha que não tem nenhum jogo que possa ensinar o que a professora ensina?

Tem.

Quais?

Por exemplo bloco dourado que é de fazer conta, cruzadinha...

Então você acha que existem brincadeiras que podem ensinar o que a professora ensina...

“Uhum”

Você gostaria de aprender as coisas que a professora passa brincando?

Não.

Por que?

Porque não dá pra ficar brincando e escrevendo...

Você gostaria de aprender os conteúdos que ela passa com brincadeiras?

Não.

Por que?

Porque não vai ser legal ficar brincando sem escrever.

**APÊNDICE S – 14 Entrevista – Natã.**

Obs.: Esta é um das crianças que mais observei bagunçando, xingando, conversando e depois chorando por que a sala estava muito bagunçada e barulhenta.

Entrevista:

Qual que é o seu nome?

Natã.

Quantos anos você tem?

Nove

Onde você mora?

... por aqui...

Você brinca?

“Uhum”

Você gosta de brincar?

Gosto

Por que?

Porque eu gosto de brincar de pique-esconde, jogar de totó, jogar qualquer coisa...

Mas por que que você gosta de brincar?

Porque é muito legal. Eu fico brincando lá, tava todo mundo brincando e só faltava eu, aí eu busquei a bola de totó, eu e o Daniel da turma da manhã.

De que você mais gosta de brincar?

Jogar totó, jogar basquete e só.

Com quem você brinca?

Eu e o Marcos, da outra sala. Sala 7.

Quem te ensina as novas brincadeiras?

Só eu mesmo... meus amigos me ensinaram, meus irmãos, sei lá...

Você brinca com o seu pai?

Brinco.

E com a sua mãe?

Não. Ah, sim! Brinco sim, e com meu irmão e minha prima foi lá em São Luís e ela sentiu saudade de mim. O nome dela é Deca (?) ela tem 10 anos vai fazer 11.

Você brinca com os seus professores?

Não. Eles não são criança, eles são adultos!

Mas seu pai brinca com você... ele é criança ou adulto?

Adulto. Ele é alto, ele é gordo, a barriga dele é bem grande, assim, aí fica uma barriga grande.

Você brinca na escola? De que?

Brinco. Sei lá... de pique-esconde, pique-pega, qualquer coisa...

Qual a diferença das brincadeiras lá da sua casa das brincadeiras daqui da escola?

Eu brinco aqui em casa e aqui na escola.

São as mesmas brincadeiras na sua casa e aqui na escola?

Eu fico jogando no PS2 e no computador. Aqui eu só gosto de brincar com meus amigos, de espiar um o outro.

Em que momentos você brinca aqui na escola?

Qualquer coisa.

Em qual hora você brinca aqui na escola?

Não sei.

Qual o momento do dia que você passa aqui na escola que você mais gosta?

Brincar, jogar, fazer dever... Fazer dever e estudar e brincar também.

Você brinca dentro de sala de aula?

Não. Só lá fora no recreio.

Você aprende alguma coisa brincando?

Eu aprendo a estudar, quando eu vou virar adulto, eu vou ganhar uma namorada, carro, ganhar uma casa, a minha namorada também, a barriga dela tá cheia porque ela vai ganhar, vai nascer o meu filho, um menino, que se chama Mateus.

Então você aprende o que com a brincadeira?

Qualquer coisa.

Você acha que você pode aprender brincando?

Sim.

Por que?

Porque eu faço muito legal lá, eu fico brincando de pique-pega, pique-esconde, tudo isso, com muito mais!

E você aprende alguma coisa fazendo isso?

Sim.

O que?

Brincar! Estudar, fazendo “os dever”... já sei! Já sei brincar de pique-esconde, pique-pega, é... que tá com você, tá comigo, sei lá!

O conteúdo que a professora ensina e passa no quadro você acha que pode aprender com jogos, brincadeiras?...

Posso!

Como?

Se eu brincar mesmo, se eu não ficar fazendo nada o dever, a tia vai dar outra suspensão pra mim aí eu já era, aí eu vou embora e não volto na escola nunca mais...

Você não quer voltar pra escolar nunca mais? Não gosta de vir pra cá?

(não com a cabeça)

Por que?

Porque faz uns gritos bem grande, faz uma briga e umas batida, que xinga um do outro, aí eu não gosto de ficar aqui.

Você faz isso também?

Não.

Eu fico até com medo disso aí, de o Mateus e o Vinícius sempre fica brigando, fica batendo...

Você gostaria de aprender os conteúdos que a professora passa lá no quadro com brincadeiras?

Sim.

Por que?

Eu só gosto de brincar com meu irmão, jogar o King Kong, jogar barquinho e avião...

**APÊNDICE T – 15 Entrevista – Olívia.**

Qual que é o seu nome?

Olívia.

Quantos anos você tem?

Oito anos

Onde você mora?

Na Asa Norte

Você brinca?

Brinco, bastante.

Você gosta de brincar?

Adoro

Por que?

Assim eu me distraio mais, às vezes. Às vezes eu acho tão legal e às vezes chato. Às vezes tem umas pessoas que eu brigo e querem acabar com o jogo, aí é chato.

Onde você brinca?

Eu brinco debaixo do bloco, na escola, na hora do recreio, lá fora da escola, dentro de casa... acho que só.

De que você mais gosta de brincar?

Natação.

Onde você aprendeu as brincadeiras que você sabe hoje?

Com a minha mãe, com meus colegas do prédio, da escola, às vezes até na televisão.

Quem te ensina as novas brincadeiras?

Minha mãe.

Com quem que você brinca geralmente?

Geralmente é com as minhas amigas do colégio (cita muitos nomes) mas mais com as meninas que com os meninos porque eles ficam sempre batendo um no outro.

Você brinca com seus pais?

Não. Às vezes, só com o meu pai porque a minha mãe ela fica trabalhando. Eu brinco com o meu pai de dar cambalhota junto com ele. Às vezes até eu furo, eu acho que eu já furei o colchão de ar.

Você brinca com os seus professores?

Não sei, acho que sim. Se for conversar, eu converso, mas brincar não.

Você brinca na escola? De que?

Brinco. Às vezes pique-pega, pegar os garotos, às vezes os garotos pegam as garotas, mas tem umas brincadeiras que os garotos fazem que é muita (?) uma vez saí porque às vezes piora a situação aí eu não fico muito perto de algumas pessoas porque minha mãe não deixa ou eu que não quero mesmo.

Qual a diferença das brincadeiras lá da sua casa das brincadeiras daqui da escola?

Aqui eu não brinco muito porque aqui tem umas brincadeiras que eu não gosto muito. Lá no prédio eu corro mais, eu faço muito mais coisa do que aqui na escola eu não brinco muito.

Em que momentos você brinca aqui na escola?

No recreio e quando tá lá fora. Só assim porque na hora da aula eu não brinco só aí quando sai dos limites. Eu só converso assim mas eu não gosto muito de brincar.

Qual o momento do dia que você passa aqui na escola que você mais gosta?

Quando tem passeio.

E durante o dia que você passa aqui?

Estudar.

Por que você mais gosta do momento de estudar?

Porque às vezes quando eu estudo, eu acho que é legal. E estudando bastante, pode até me passar de ano. Isso que eu quero.

Você brinca em sala de aula?

“um um” (não). Às vezes só conversa um pouquinho, quando a professora deixa, às vezes eu converso sem tá na hora mas eu sempre to no meu limite, calma, tranquilidade e fazendo o dever. Às vezes só dou uma conversinha

Você aprende alguma coisa brincando?

Às vezes sim, às vezes não.

O que você aprende com a brincadeira?

A brincar bastante, a respeitar também, né? Nas brincadeiras, a não dedurar no pique-esconde... não sei que mais...

Você acha que você pode aprender brincando?

Depende da brincadeira.

Como assim?

Se for uma brincadeira boa e depende do tipo da brincadeira aí eu aprendo, às vezes não, mas geralmente eu acho que não só aprendo mesmo estudando.

O conteúdo que a professora ensina e passa no quadro você acha que pode aprender com jogos, brincadeiras?

Não, mas tem alguns projetos que a professora passa que é de brincadeira, às vezes deixa brincar e a gente aprende e às vezes sai do limite a gente um dia fez até guerra de tampinha. Foi bem assim jogaram todas as tampinhas e começaram assim a brincar de tampinha...

Você gostaria de aprender os conteúdos que a professora passa lá no quadro com brincadeiras, com jogos?

Às vezes porque às vezes eu não gosto de escrever mas eu prefiro brincar e geralmente eu prefiro escrever do que brincar porque eu to doidinha pra passar de ano sempre!

**APÊNDICE U – 16 Entrevista – Pedro.**

Qual que é o seu nome?

Pedro.

Quantos anos você tem?

Nove

Onde você mora?

Na aldeia

Você brinca?

Brinco.

Você gosta de brincar?

Futebol.

Por que?

Pra divertir.

Onde você brinca?

Na quadra lá da aldeia, aqui na escola.

De que você mais gosta de brincar?

Futebol

Onde você aprendeu as brincadeiras que você sabe hoje?

Na televisão, eu via os jogos lá e comecei a jogar, lá na minha casa.

Quem te ensina as novas brincadeiras?

Ninguém.

Com quem você aprende as brincadeiras? Aqui na escola você aprende as brincadeiras?

Eu aprendo com o menino (... ?)

Você brinca na escola? De que?

Brinco. De correr e totó.

Quais são as pessoas que você brinca?

Meus amigos da minha sala.

Você brinca com seus pais?

Não. Só com minha mãe de vez em quando.

Você brinca com sua professora?

Não.

Qual a diferença das brincadeiras lá da sua casa das brincadeiras daqui da escola?

Em casa é só futebol. Aqui jogo totó e corro.

Em que momentos você brinca aqui na escola?

No recreio.

Qual o momento do dia que você passa aqui na escola que você mais gosta?

Ficar no recreio porque eu gosto de brincar.

Você brinca em sala de aula?

Brinco de dinheiro. Brinco na aula todos os dias.

Você aprende alguma coisa brincando?

Não. Só com o futebol que eu aprendo a tomar a bola e fazer o gol.

Você acha que você pode aprender brincando?

Não.

Por que?

Brincando? Posso.

Como você pode aprender brincando?

Brincando sem bater nos outros e sem derrubar.

O conteúdo que a professora ensina e passa no quadro você acha que pode aprender com jogos, brincadeiras?

Eu gosto de continha.

Você poderia aprender continha com jogos e brincadeiras?

Não.

Por que?

Só posso aprender continha com brinquedo de continha.

Você gostaria de aprender todo o conteúdo brincando, jogando, se divertindo?

Não.

Por que?

Porque tem dever pra fazer.

Você prefere aprender fazendo o dever do que brincando e jogando...

É.

**APÊNDICE V – 17 Entrevista – Quintana.**

Qual que é o seu nome?

Quintana.

Quantos anos você tem?

Nove

Onde você mora?

Asa norte

Você brinca?

Brinco.

Você gosta de brincar?

Gosto

Por que?

Porque é legal, às vezes a gente tipo assim a gente não tem atividade de casa aí dá uma vontade de brincar, a gente não fica com ninguém, aí dá vontade de brincar.

Onde você brinca?

Tem o prédio vizinho, às vezes eu vou lá porque lá tem um monte de meninos e às vezes eu brinco em casa e mesmo e com o meu pai eu brinco de Playstation.

Onde mais você brinca?

No bloco I

De que você mais gosta de brincar?

Pique-esconde e Playstation 2

Onde você aprendeu as brincadeiras que você sabe hoje?

Aqui na escola.

Com quem você aprendeu as brincadeiras que você sabe?

Com quase todo mundo da escola, com os professores, com os colegas.

Quem te ensina as novas brincadeiras?

Com meu pai, com minha mãe. Minha mãe até passa as brincadeiras que só os adultos se lembram mas na infância deles eles brincavam tipo mesmo peteca, essas brincadeiras aí assim eu brinco.

Com quem você brinca?

Com meu pai, com minha mãe, com os meus colegas, o Artur, o Heitor, um monte de pessoas lá.

Na escola você brinca de que?

Na escola geralmente eu brinco de pique-pega, pique-esconde, pique-alto.

Qual a diferença das brincadeiras lá da sua casa das brincadeiras daqui da escola?

A diferença é que lá na minha casa, as pessoas de lá a gente não é muito assim unidos, ne? Aqui na escola a gente é muito mais unidos e a gente não se vê só no final de semana quanto nos outros dias.

Mas você brinca das mesmas brincadeiras?

Sim, às vezes. Às vezes a gente brinca de pique-alto e lá na minha casa a gente não brinca de pique-alto. Só uma vez que eu brinquei lá mas eu não brinco mais a não ser aqui na escola.

Em que momentos você brinca aqui na escola?

Na hora do recreio.

Qual o momento do dia que você passa aqui na escola que você mais gosta?

Na hora da aula.

Por que?

Porque a gente aprende e a aula já é o nosso futuro, nosso ensino é o nosso futuro.

\

Você brinca em sala de aula?

Mais ou menos. Eu não brinco, eu só converso um pouco. Brincar assim de chamar atenção eu não brinco não.

Você aprende alguma coisa com as brincadeiras?

Um pouco, mas não é assim, a gente aprende a se defender do mundo com as brincadeiras.

Você acha que você pode aprender brincando?

Não. Quer dizer, sim.

Por que?

Tem umas brincadeiras que são adequadas que a gente pode aprender. Tipo assim a tia teve uma aula da tia Luciana que antes nem era a tia Ju, que a gente fez até uma torre e a tia pediu pra desenhar uma torre aí quase ninguém sabia, aí tinha um bocado de tampinha aí a gente fez uma torre com as tampinhas e ainda fez brincando, né?

O conteúdo que a professora ensina e passa no quadro e no livro você acha que pode aprender com jogos, brincadeiras?

Não.

Por que?

Porque senão não teria graça a aula. A aula é mesmo assim, exemplo: a aula é feita pra aprender mas com as brincadeiras a gente pode até se atrapalhar um pouco.

Você acha que nem sempre dá pra aprender brincando?

É, nem sempre algumas vezes sim umas não.

**APÊNDICE W – 18 Entrevista – Renan.**

Qual que é o seu nome?

Renan.

Quantos anos você tem?

Nove

Onde você mora?

Asa norte

Você brinca?

Brinco.

Você gosta de brincar?

“Uhum”

Por que?

Ué, ficar fazendo nada em casa...

Mas por que você gosta de brincar, você acha o que de brincar?

Não sei, se divertir...

Onde você brinca?

No parquinho

Onde mais você brinca?

Só lá e debaixo do prédio.

Aqui na escola, você brinca?

Brinco.

De que você mais gosta de brincar?

Futebol

Onde você aprendeu as brincadeiras que você sabe hoje?

Eu? Brincando mesmo.

Quem te ensinou?

Amigos de perto de casa, quando eu morava com a minha mãe também...

Quem te ensina as novas brincadeiras?

Não sei.

Com quem você brinca?

Tem uns meninos no bloco e no parquinho.

Você brinca com as crianças daqui também?

Brinco.

Com seus pais, você brinca?

Sim, um pouco.

E com sua professora?

Um pouco também.

Qual a diferença das brincadeiras lá da sua casa das brincadeiras daqui da escola?

Porque no parquinho tem muito lugar pra se esconder, aqui tem aqui no recreio, lugar alto tem pouco lá porque é areia, banco de pessoa sentar.

Então você acha que tem mais lugar lá do que aqui?

Não, aqui tem mais.

Em que momentos você brinca aqui na escola?

No recreio, na hora de sair e na hora de entrar, quando eu to lá fora.

Qual o momento do dia que você passa aqui na escola que você mais gosta?

Do recreio.

Por que?

Porque a gente brinca... Passa quase a tarde toda fazendo dever.

Você brinca em sala de aula?

Não.

Por que?

Não sei, a professora passa dever e a gente vai brincar?

Você aprende alguma coisa com as brincadeiras?

Aprendo, tipo brincar com pique-pega não vai brincar tipo com arma

Você acha que você pode aprender brincando?

Não.

Por que?

Porque quando a gente brinca a gente só aprende algumas coisas. Na sala de aula a gente aprende mais.

O conteúdo que a professora ensina e passa no quadro e no livro você acha que pode aprender com jogos, brincadeiras?

Não.

Por que?

Porque com a brincadeira a gente não vai estudar, a gente vai brincar e aqui a gente estuda.

Brincar é diferente de estudar, é isso?

É.

Você gostaria de aprender o conteúdo todo brincando?

Não.

Por que?

Não sei.

Você não gostaria de aprender a tabuada brincando, a escrita correta das palavras com jogos...

É também joga no (ping soma?) de conta aí aprende um pouco também.

Mas você gostaria de aprender aqueles conteúdos que a professora passa lá brincando?

Não.

Por que?

Brincando lá já, a gente aprende brincando. Fazendo conta a gente já aprendeu aqui no colégio, aqui a gente aprende mais coisas novas do que lá.

## ANEXOS

### **ANEXO 1 – Roteiro para entrevista estruturada com os alunos.**

Perguntas:

1-Qual a sua idade?

2-Onde você mora?

3 Você brinca?

4 Você gosta de brincar? Porque?

5 Onde você brinca?

6 Onde você aprendeu as brincadeiras que você sabe hoje?

7 Quem te ensina as novas brincadeiras?

8 Quais os momentos que você brinca na escola?

9 Você aprende alguma coisa brincando?

## ANEXO 2 – Solicitação de autorização à regional de ensino do Plano Piloto para observação e coleta de dados.



Universidade de Brasília  
Departamento de Teorias e Fundamentos

MEMO S/N-EE-FE/2008



Faculdade de Educação  
Área de Educação Especial Inclusivo

Brasília, 12 de novembro de 2009.

À Regional de Ensino do Plano Piloto  
Com cópia para a Escola Classe 316 Norte  
Da Secretaria de Estado de Educação do DF

NESTA

Assunto: Encaminhamento para observação de coleta de dados para realização de trabalho de final de curso.

Prezados Senhores,

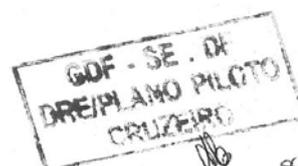
Vimos por meio desta pedir o encaminhamento/ autorização para que a aluna Nancy Gobbo Lins Guimarães, aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (Matrícula 04/18234), realize sua pesquisa de campo, parte integrante e necessária para realizar seu trabalho de conclusão de curso na escola classe da 316 norte, pertencente à esta Regional.

Agradecemos e nos colocamos à disposição de V.Sa.

Atenciosamente.

Carla Castro

Professora Responsável pelo Projeto 05: trabalho de final de curso  
Área de Educação Especial Inclusiva



2028301

### ANEXO 3 – Autorização da diretoria regional de ensino do Plano Piloto e Cruzeiro



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL  
SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO PÚBLICA  
DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO DO PLANO PILOTO E CRUZEIRO  
NÚCLEO DE MONITORAMENTO PEDAGÓGICA



#### AUTORIZAÇÃO

AUTORIZAMOS Nancy Gobbo Lins Guimarães

ENDEREÇO: SON 316 Bl. G aptº 103.

TELEFONE: 3797-1865 / 8125-3628 RG: 2143399 - SSP-DF

PROCEDENTE DA FACULDADE: Universidade de Brasília - UnB.

PARA REALIZAR:

VISITA  PESQUISA  ENTREVISTA  QUESTIONÁRIOS

QUE SERÁ REALIZADO NA INSTITUIÇÃO DE

ENSINO: 316 Norte. COM OBJETIVO DE: Fornecer dados

para pesquisa monográfica.

NO PERÍODO DE 16 / 11 / 09 A 30 / 11 / 09.

#### TERMO DE COMPROMISSO

Eu, Nancy Gobbo Lins Guimarães, comprometo-me a não fotografar, filmar ou oferecer alimentos aos alunos sem a devida autorização do responsável pela Instituição.

Ciente: Nancy Gb. Guimarães

Brasília, 12 de Novembro de 2009.

GDF - SE. DF  
DRE/PLANO PILOTO  
CRUZEIRO

Carimbo/Assinatura  
DRE/PPC - NMP

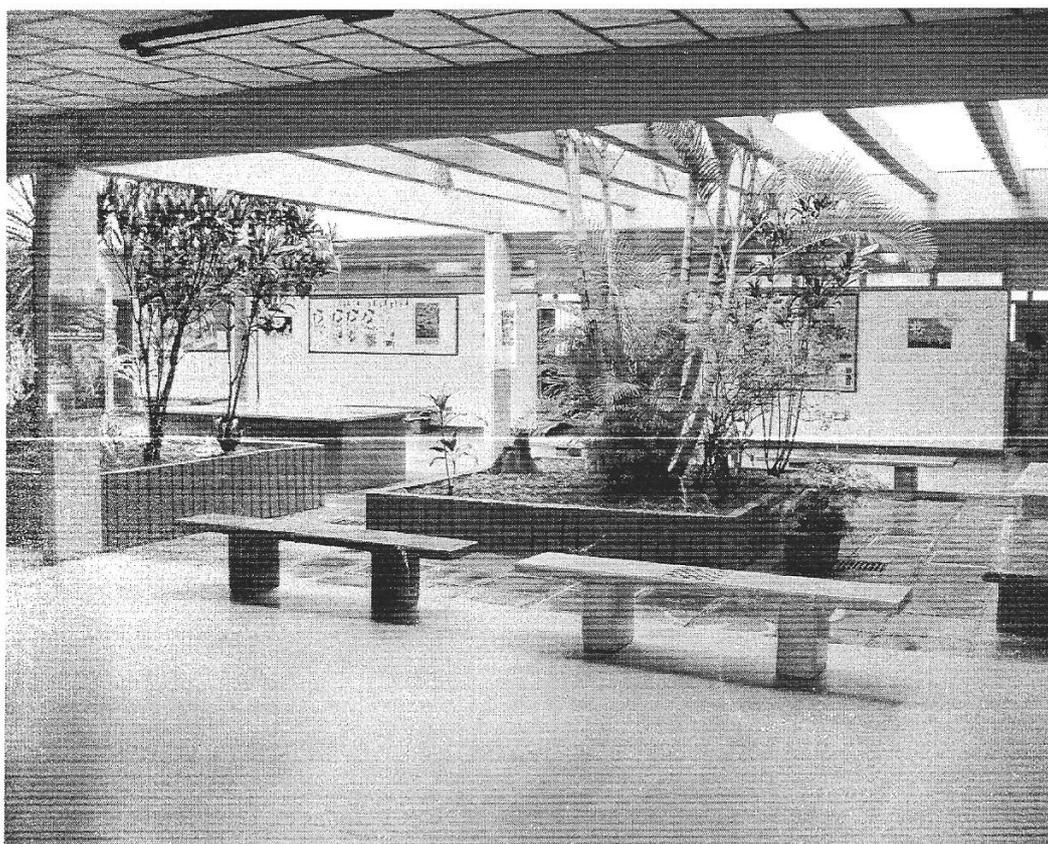
INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Sônia Aparecida de Carvalho  
Escola Classe 316 Norte  
Vice-Diretora - Matr.: nº 20.260-6  
DDDF 04 de 07 Janeiro 2009

**ANEXO 4 – Projeto Político Pedagógico.**

**DIVERSIDADE**

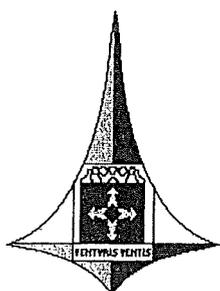
**EM MEIO AMBIENTE**



**Escola Classe**

**316 Norte**

*Escola Classe*  
**316 Norte**  
**2009**



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

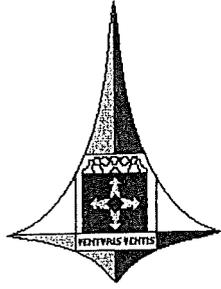
SECRETARIA DE ESTADO DE  
EDUCAÇÃO

SUBSECRETARIA DE SUPORTE  
EDUCACIONAL

DRE DO PLANO PILOTO E DO  
CRUZEIRO

ESCOLA CLASSE 316 NORTE

2009



**GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL**

**Secretaria de Estado de Educação**

**Subsecretaria de Educação Básica**

**Diretoria Regional de Ensino do Plano Piloto e Cruzeiro**

**GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL**

José Roberto Arruda

**SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL**

José Luiz da Silva Valente

**SUBSECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

Eunice de Oliveira Ferreira Santos

**DIRETORA DE ENSINO FUNDAMENTAL**

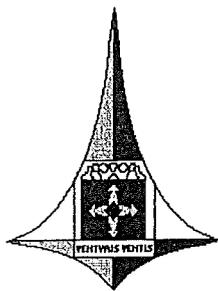
Marilia Gonzaga Martins Souto de Magalhães

**DIRETORA DA REGIONAL DE ENSINO  
DO PLANO PILOTO E CRUZEIRO**

Leila de Fátima Pavanelli Martins

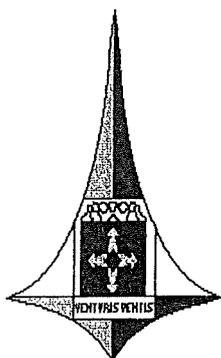
**DIRETORA DA ESCOLA CLASSE 316 NORTE**

Marilda Guimarães Marques Pereira



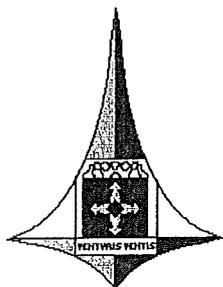
## SUMARIO

01	Introdução	5
02	Apresentação	7
03	Histórico da Instituição	9
04	Função Social da Instituição	12
05	Missão	15
06	Diagnóstico	15
07	Objetivo Geral	21
08	Objetivo Específico	21
09	Princípios Norteadores	23
10	Organização Curricular	26
11	Organização Administrativa	29
12	Recursos Didáticos-Metodológicos	30
13	Características da Escola	31
14	Avaliação	38
15	Referências Bibliográficas	39



## ÍNDICE DE ANEXOS

Anexos	Titulos	Pg.
01	Pesquisa da realidade e das necessidades da escola (alunos) .....	43
02	Pesquisa da realidade e das necessidades da escola (servidores) .....	44
03	Pesquisa das necessidades da escola (pais) .....	45
04	Plano de atividades da APM .....	46
05	Projeto Horta Pedagógica .....	50
06	Projeto Literatura .....	56
07	Projeto Laboratório de Informática .....	62
08	Projeto Pedagógico "EU NA ESCOLA" .....	68
09	Diversidade Social e Cultural nos Contos de Fadas.....	73
10	Pequenos Projetos.....	77
11	Planta da Escola .....	78



## INTRODUÇÃO

A Proposta Pedagógica da Instituição – Escola Classe 316 Norte tem como objetivo dar a conhecer a síntese de seus planejamentos, ideais, objetivos para ações a serem realizadas durante o ano letivo de 2008.

Partindo dos pressupostos da gestão compartilhada, a com construção da Proposta Pedagógica da Instituição envolveu os segmentos constitutivos da escola em reflexões que conduziram a diagnósticos diversos com o objetivo de identificar dificuldades, potencialidades, necessidades e recursos disponíveis.

Esta proposta apresenta o pensamento do grupo no que diz respeito a sua função dentro da comunidade em que está inserida, reconhecendo as mudanças sociais, tecnológicas e econômicas num mundo globalizado, reconhece o fim da instituição como sendo humanística e científica, social, moral e ética para a formação da sociedade contemporânea.

Procura apresentar o histórico da escola com toda a riqueza que lhe é peculiar enquanto instituição promotora de educação pública, como escola inclusiva com avanços significativos na área da inclusão e como representação de ensino de qualidade.

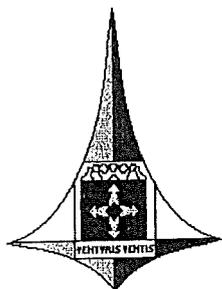
No diagnóstico procuramos relacionar as necessidades preeminentes encontradas através da observação, do diálogo e de questionários realizados e a partir das informações coletadas elaboramos propostas que visam a adequação das ações da escola ao alcance dos objetivos almejados.

Os princípios norteadores são baseados em Diretrizes e Parâmetros Nacionais, inclusive na versão preliminar novíssimo Currículo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, e no pensamento de teóricos e filósofos da educação. O processo ensinar-aprender está fundamentado na prática da experiência onde o aluno é o autor da sua aprendizagem. Quando o sujeito percebe o seu saber respeitado e valorizado ele é capaz de aceitar outros saberes de igual modo, tornando-se a aprendizagem significativa para a sua vida. Decorre deste processo a aquisição de habilidade e o desenvolvimento de competências que formarão um cidadão crítico, criativo, reflexivo, participativo e com autonomia de pensamento e de ação. Um ser que acredita em si mesmo e no poder de sua realização.

Procurou-se apresentar a organização administrativa e curricular, bem como os recursos disponíveis a concretização das idéias propostas. Acrescentamos o que

pretendemos em relação a avaliação da aprendizagem e institucional, seus pressupostos e resultados para a recondução de rumos tanto pedagógicos como administrativos visando a melhoria da qualidade de ensino.

Por fim, anexamos documentos como os questionários realizados, projetos em realização e a planta da escola.



## APRESENTAÇÃO

### **Preparo de um mundo melhor**

A escola Classe 316 Norte tem uma proposta clara, baseada nos princípios de Seriedade, Competência e Dedicção, que são vivenciados pelo aluno no dia-a-dia escolar.

Projeto pedagógico consistente tem como fundamento desenvolver o senso crítico, a curiosidade, a criatividade, a solidariedade, o respeito, a responsabilidade e a expressão de idéias, respeitando, claro, cada faixa etária.

A escola Classe 316 Norte acredita que tem o dom de ajudar a melhorar a vida de cada um e de melhorar o mundo para todos para alcançar a excelência na gestão compartilhada ela realiza um trabalho coletivo e dinâmico no qual as partes envolvidas tem conhecimento de todas as informações relevantes, afim de que possam planejar, agir em conjunto e tomar decisões em prol do processo ensino-aprendizagem. Este trabalho só é possível porque há participação efetiva de toda a comunidade escolar ao processo

O objetivo de nossos trabalhos é preparar o aluno social, criativo, crítico e responsável. Esta gestão permite aos pais, alunos e servidores uma participação efetiva na construção de uma escola de qualidade a qual todos acreditamos.

A Escola classe 316 Norte no ano de 2005 foi uma das melhores classificadas no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, CLASSIFICADA COM MÉDIA 5,3. No ano de 2007 apresentou uma queda na média passando para 5,5.

A meta projetada para o ano de 2009 é média 6,0.

A gestão Compartilhada está realizando um trabalho efetivo para alcançar este objetivo que é uma das prioridades da escola.

A Lei 11.114 de 16 de maio de 2005 estabeleceu como obrigação dos pais ou responsáveis a matrícula das crianças a partir dos seis anos de idade no Ensino Fundamental, aprovando a antecipação da escolaridade obrigatória no Brasil, que passa de 8 para 9 anos, o que acompanha uma tendência mundial já concretizada

em grande parte dos países da Europa e da América do Sul, como Argentina e Chile. A Inclusão de crianças de seis anos de idade já estava prevista na Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 – a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) -, e é uma das metas da educação fundamental no Plano Nacional de Educação (PNE).

Na prática, isso significa que Estados e municípios brasileiros serão obrigados a oferecer educação a todos as crianças a partir dos seis anos de idade. A Lei de 2005 também esclarece que o prazo estabelecido para adaptação a essa nova regra vai até 2010.

### **Por que o Ensino Fundamental a partir dos 6 anos?**

O objetivo é assegurar a toda criança tempo mais longo de convívio escolar, maiores oportunidades de aprendizado e, com isso, uma formação mais ampla. No entanto, não se trata de transferir para as crianças de seis anos os conteúdos e atividades da tradicional primeira série, mas de conceber, mas de conceber uma nova estrutura de organização dos conteúdos em um Ensino Fundamental de nove anos, considerando o perfil de seus alunos. Isso significa que os processos educativos precisam ser adequados à faixa etária das crianças ingressantes para que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental aconteça sem rupturas traumáticas para elas.

### **Como a escola se integra nesse processo?**

A mudança envolve todas as escolas brasileiras, tanto públicas quanto privadas, e poderá ser tratada, principalmente durante o processo de implantação, de maneira diferente pelas várias instituições (devido ao período de transição e cuja regulamentação é feita pelos Conselhos de Educação de cada estado brasileiro). Entretanto, para as escolas que já têm a Educação Infantil e o Ensino Fundamental implantados, isso não significa fazer apenas modificação de nomenclatura, mas de organizar uma proposta de ensino própria para as crianças dessa idade e respectiva série.

### **Que material é utilizado para essa nova série? Qual o conteúdo pedagógico desse primeiro ano?**

O parecer 18/05 alerta para que não se perca a identidade pedagógica dessa etapa educacional – último ano da educação infantil (legislação anterior) ou ano inicial do ensino fundamental (nova legislação). Isso significa a universalização da educação para crianças a partir de 6 anos no âmbito do Ensino Fundamental. Havendo mais tempo para ensinar, a escola terá mais condições de planejar seu trabalho, propiciando experiências pedagógicas e culturais mais significativas.

Na Escola Classe 316 Norte foi implantada a partir do ano de 2009, o Bloco Inicial de Alfabetização – BIA, programa criado pela Secretaria de Educação em 2005 que passou a ser gradativamente na Rede Pública nos três primeiros anos, com crianças de 06 anos,

Em nossa escola temos 02 organizações concomitantes:

- Uma, em séries para Ensino Fundamental de 08 anos;
- Implantação gradativa do Ensino Fundamental de 09anos.

O BIA é integrado pelos 03 primeiros anos do Ensino Fundamental de 09 anos (1º ano ao 3º ano do Ensino fundamental).

Com o BIA pretendemos que os alunos ampliem sua capacidade de aprender, tendo em vista a aquisição de conhecimentos, competências e habilidades bem como a formação de atitudes e valores. Visa ainda, garantir a criança a partir dos 06 anos a aquisição da alfabetização/letramento na perspectiva de ludicidade e do seu desenvolvimento global.

A implementação do BIA baseia-se na formação continuada dos professores, trabalho coletivo com reagrupamento e trabalho com projeto interventivo.

Além disso, o trabalho pedagógico nas 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental de 8 anos, em extinção progressiva, ou 4º e 5º ano de Ensino Fundamental de 9 anos, e a implantação gradativa de seus princípios teórico-metodológicos são: letramento à ludicidade, formação continuada de professores, à avaliação formativa dos alunos a partir da qual podem ser realizados reagrupamentos e projetos interventivos, desenvolvimento das quatro práticas de alfabetização (leitura e interpretação, análise lingüística, sistematização para o domínio do código e prática de produção de textos)

Porque modificar a Proposta Pedagógica?

A Proposta Pedagógica deve ser revista sempre porque assim como mudam todas as coisas no mundo, o público da escola e a função que ela deveria assumir também mudaram.

Vencer a resistência à mudança e ancorar-se na esperança é tarefa imprescindível para que a escola enfrente, de maneira corajosa os problemas que lhe são colocados.

A Proposta Pedagógica não deve apenas estar colocada no papel e sim ser um projeto constituído por todos que atuam diariamente na unidade escolar e que considere as questões relativas ao currículo, ao planejamento, à avaliação e a organização e funcionamento da escola como instituição social. Ser um trabalho coletivo, segundo Fusari, é aquele realizado por um grupo de pessoas que tem compromisso com a democratização da educação escolar no país: diretores, coordenadores, professores, funcionários, alunos membros do Conselho Escolar e demais representante da comunidade.

A Proposta Pedagógica oferece subsídios para que a escola possa enfrentar problemas como evasão escolar, retenção, e consiga solucioná-los de forma a obter o máximo possível de qualidade do ensino e de aprendizagem..

A Proposta Pedagógica vai além dessas funções, ela devera contribuir para dar respostas às demandas do coletivo da Instituição Educacional, por meio de mecanismos que produzam resultados de eficiência e eficácia, visando à melhoria da qualidade do ensino.

### **Suportes teóricos da proposta**

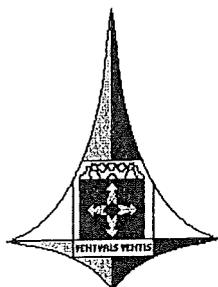
A Proposta Pedagógica que nos dá o principal suporte é o Construtivismo Sócio-Interacionista, que nos permite estar atentos, não somente ao nível de desenvolvimento real da criança – o que ela já é capaz de fazer sozinha – mas também ao seu potencial ainda em fase de amadurecimento, estimulando-o permanentemente através de atividades criativas e lúcidas, realizadas sempre que possível em grupo.

Todavia isto não nos tem impedido - até por uma questão de autenticidade e liberdade de ação pedagógica – de, sempre que se faz necessário, nos abrirmos a outras idéias, ou mesmo as da Escola Tradicional, desde que sejam estas as que melhor atendam as especificidades e determinados conteúdos.

Desta maneira temos conseguido, o mais seriamente possível, atingir todos os importantes objetivos traçados pela Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ou seja, desenvolver no aluno a capacidade de aprender, a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, criando e respeitando valores, além de aproveitar todas as oportunidades possíveis no sentido de fortalecer os vínculos com a família, os laços de solidariedade humana e de respeito entre as pessoas.

Assim sendo, preocupados em dar maior flexibilidade ao nosso trabalho, os Planos de Ensino inicialmente elaborados por nossos professores são permanentemente avaliados e reformulados sempre que há necessidade, o que é feito por ocasião das reuniões de planejamento, realizadas semanalmente, nas quais sempre há debates e troca de experiências, não só entre os docentes da escola, mas algumas vezes com especialistas previamente convidados. Esta atitude de permanente “vigília” acreditamos tem tornado os nossos planejamentos muito mais vivos e, lhes dado cada vez melhor qualidade.

Conforme vimos expondo, nossa Proposta Pedagógica pretende, sobretudo, formar indivíduos mais criativos, independentes, com disposição para tomar iniciativas próprias e fazer pesquisa, mas que ao mesmo tempo acreditam que o conhecimento deve ser feito através da interação e da cooperação entre as pessoas e em uma sociedade mais fraterna e menos competitiva.

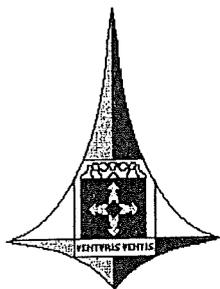


## HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO

A Escola Classe 316 Norte foi inaugurada em 23 de fevereiro de 1984. Desde esta época tem procurado ampliar o atendimento a criança, a princípio, apenas com comprometimento físico, atualmente, outras características fazem parte da realidade dos alunos que compõem a Escola.

A Escola Classe 316 Norte tem um histórico de trabalho organizacional e pedagógico relevante na comunidade. Tem desenvolvido projetos que visam atender a crianças com características específicas e vem, através dos anos, se adequando para incluir em suas classes, alunos com Necessidades Educacionais Especiais, trabalhando o currículo de maneira enriquecedora, criativa e inovadora, voltado para a realidade do aluno, procurando acompanhar o processo acelerado de transformações tecnológicas, sociais e culturais.

A escola tem um quadro de profissionais comprometidos com a educação e com a qualidade da aprendizagem. Profissionais da carreira Assistência e da carreira Magistério, trabalham incessantemente para a manutenção da qualidade dos aspectos físicos, administrativos e pedagógicos. Esta busca pela realidade está refletida no sucesso educacional e profissional dos alunos egressos e nas avaliações institucionais, tendo alcançado, em 2005, o primeiro lugar na Prova Brasil.



## FUNÇÃO SOCIAL DA INSTITUIÇÃO

*“A Educação Básica tem por finalidade desenvolver a educação,, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”*

*Art. 22 da Lei nº 9.394/96 – LDB  
Lei e Diretrizes e Bases da Educação Nacional*

A final, para que serve a escola?

Esta indagação faz parte do mundo desde os tempos primórdios. Certamente os pais gregos se perguntavam para que serviam os pedagogos, os ginásios, as escolas de filosofia; a posse, por parte dos romanos, das leis e da arquitetura já construída no mundo da época e aperfeiçoada com força e solidez redimensionaram a função do ensinar e aprender; as transcrições dos escritos bíblicos nos mosteiros e as tentativas de preservar conhecimentos históricos para que escapassem das guerras e das destruições ocorridas na história da humanidade; o “Ilusionismo” conduzem a reflexão que hoje se faz a respeito da função social da escola e porque não igualar ao termo a função social da educação.

Indagar porque uma nação educa o seu povo? Ou, porque o povo deve ser educado? Não caberia mais nos dias atuais. Excluiremos desta reflexão as questões sobejamente conhecidas das intenções escusas do Estado de como até aqui, as políticas educacionais tem sido preparadas, apresentadas e realizadas para proporcionar ao mercado de trabalho a mão de obra barata, promovendo a “mais valia” para o setor empresarial. Centremos a reflexão para a formação do cidadão que se quer construir, pautando nosso pensamento no verdadeiro direito inalienável do ser humano, e direito de igualdade para receber a formação e poder tornar-se um ser crítico, reflexivo, consciente, que, de posse da autonomia constituída e dos saberes adquiridos, saiba fazer sua inserção na sociedade e no mundo do trabalho.

Mais que nos tempos passados a escola deve estar refletindo a respeito da sua formação diante da sociedade que dela se serve. Deve refletir em cima dos valores de direitos humanos sem excluir as especificidades características da

formação de cada nação, num contexto global, e garantindo as especificidades que devem ser mantidas em questão de nacionalidade.

Com esta preocupação, a educação brasileira conta hoje, com as Diretrizes Nacionais, com os Parâmetros Curriculares Nacionais e, em nível estadual, com currículos que se diversificam, mas, que não perdem a unidade entre eles.

É neste contexto de grandes diferenças, de um mundo globalizado que a escola precisa, mais que nunca, estar centrada de identidade, de autonomia e de consciência a respeito da escola que pretende realizar. Neste contexto consideramos que cabem sim, reflexões que direcionem a prática pedagógica da escola para a construção de um ser que esteja apto a conduzir a sua aprendizagem,

sabedor das necessidades e das oportunidades que a sociedade globalizada lhe oferece.

Esta sociedade globalizada apresenta cultura diferenciada, comunicação on line, produção vertiginosa do conhecimento, novos saberes que acrescentam a cada segundo nos mais diversos meios de busca para se conseguir a informação que se quer. Portanto, a escola, hoje, precisa preparar o ser humano para interagir com novas tecnologias sem deixar de ser ele mesmo, construído valores éticos, familiares, escolares, enfim no mundo do trabalho ou do lazer.

Ao considerar as diferenças da nossa sociedade a escola da rede pública do Distrito Federal tem um grande desafio pela frente. Fazer ressurgir a escola que se preocupa, antes de tudo, em formar o cidadão que tenha como base um caráter sólido, onde os valores interiorizados possam considerar o ser humano enquanto suas necessidades básicas, enquanto suas necessidade de auto-estima, de ser diferente, com potencialidades e com históricos de vida diferentes que se reúnem num mesmo espaço para produzirem o seu próprio conhecimento.

Considerar o saber anterior do aluno e direcionar o fazer pedagógico para que resulte em aprendizagem significativa, é primordial à educação que se quer para a atualidade. Trazer o contexto do que acontece no dia-a-dia para questionamentos em diálogos aberto na sala de aula auxiliam o aluno a ver, sentir, agir e a refletir na vida e na sociedade que quer construir.

Considerar o ser, seus anseios, expectativas, suas multi-inteligências, permitindo-lhe o desenvolvimento de habilidades e o alcance de competências que possibilitem a construção da autonomia não podem dispensar a visão de que a educação deve, antes de qualquer aspecto, servir de pilar, de coluna sólida para sustentar as mudanças constantes e aceleradas da sociedade atual.

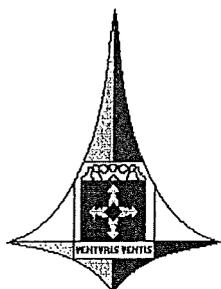
Fomentar um projeto pedagógico que visualize uma escola que tenha como função primordial ensinar o aluno a aprender deve ser a ênfase da educação. Aprender a ser, enquanto ser humano inserido numa sociedade que espera dele participação, criatividade e compromisso com o bem estar de todos; aprender a conviver, percebendo-se como parte integrante do sucesso pessoal é da sociedade, consciente da importância de sua atuação; aprender a fazer, reconhecendo em si a competência de sua atuação; aprender a fazer, reconhecendo em si a competência para o fazer acontecer em sua vida e na dos demais que pertencem ao seu ciclo de vivência. Enfim, um projeto que possibilite ao aluno aprender a aprender no

sentido mais amplo do significado de aprendizagem, onde as barreiras são observadas como fonte propulsora para um fazer diversificado que encontra espaço nas mais variadas maneiras para que algo seja realizado.

O projeto para que esta escola aconteça deve se preocupar com a formação continuada do professor e dos demais profissionais envolvidos neste fazer, a comunidade escolar deve estar imbuída de compromissos tal que consiga vencer obstáculos e avançar em busca daquilo que acredita, deve buscar autonomia para realizar os seus objetivos, não obstante as dificuldades que venham a surgir.

Se quisermos construir cidadãos felizes, participativos, críticos, conscientes e autônomos de uma escola que promova a participação, o diálogo onde a criticidade encontre espaço à criatividade para a formação de conceitos elaborados através da própria descoberta e, em consequência a tudo isto, a formação da autonomia no pensar e no agir.

Uma escola dinâmica, cheia de estrelinhas com seus brilhos próprios que compõem o céu deste imenso Universo.



## MISSÃO

Promover uma educação de qualidade valorizando a construção de uma consciência para o exercício da cidadania e buscando conhecimentos que ampliem o saber e a formação humana, dessa forma atendendo as diversidades.

## DIAGNÓSTICO

A Escola Classe 316 Norte está localizada na Super Quadra Norte 316 – Área Especial. Os alunos que a compõem são crianças de 5-6 anos a 10-11 anos, incluindo poucos casos de defasagem etária por questões diversas e não mais que 15% em média, são residentes na quadra ou nas suas proximidades. A maior parte dos alunos é oriunda das cidades do entorno e condomínios, principalmente na direção de Sobradinho e Planaltina.

A IE conta com profissionais da carreira magistério e da carreira assistência qualificados para atuarem no atendimento a crianças das séries iniciais, alguns professores têm qualificação para o atendimento a Alunos com Necessidades Educacionais Especiais – ANEE, e por ser a escola inclusiva, possui duas professoras de Apoio para atendimento na Sala de Recursos; conta com uma monitora para ajudar no atendimento aos alunos com NEE e com mais duas estagiárias. A escola dispõe de laboratório de informática com quinze computadores e três, sistema ligado à Internet Banda Larga, possui ainda sala de mecanografia com duas máquinas copiadoras, que produzem cópias de qualidade. A Biblioteca apresenta acervo com mais de dois mil livros adequados para a faixa etária, embora, já apresentem desgaste pelo manuseio. Atualmente a biblioteca conta com duas professoras em processo de readaptação que têm auxiliado no projeto de leitura e na organização geral dos livros.

O corpo administrativo é o padrão da SEE-DF e conta com direção, vice-direção, supervisão administrativa, supervisão e coordenação pedagógica, secretário e auxiliar de secretaria. Na carreira assistência, a escola conta com quatro agentes de limpeza, excluindo uma que se encontra em LTS por tempo indeterminado, duas merendeiras, dois agentes de portaria e três vigias. Grupo

integrado mas, apresenta algumas dificuldades nos relacionamentos de maneira geral.

A escola tem necessidade de profissional para o Serviço de Orientação Educacional e de mais um professor para o laboratório de informática no turno vespertino. A direção tem envidado esforços junto a Regional de Ensino tentando conseguir a lotação desses profissionais e tem envidado esforços na busca de parcerias que colaborem com recursos para o benefício da escola. Com relação a recursos materiais como armários e estantes a escola tem tido dificuldades e enfrentado problemas para acomodar materiais dos professores e alunos.

Construir uma escola de qualidade, é mais abrangente que ter bons profissionais e equipamentos de última geração. Avançar na formação do aluno, integrando a comunidade escolar neste processo é que se torna um desafio de vanguarda. Entender o que a comunidade almeja quanto a educação de qualidade requer uma postura visionária, com leitura do mundo que se acredita, que se quer construir.

Para que se inicie a construção de um projeto compartilhado, faz-se necessário conhecer o que pensam todos os envolvidos no processo fim da Instituição Educacional, o que entendem e esperam que seja realizado com vistas a formação do aluno. É preciso conhecer o que se dispõe em termos de recursos físicos (espaço e materiais), qualificação profissional e organizacional; e, atualmente, até recursos financeiros, oriundos do Programa de Descentralização do Governo do Distrito Federal.

Devem, ainda, ser considerados aspectos sócio-econômicos e culturais que são valorizados pela comunidade que compõem a Escola Classe 316 Norte, quais competências estes alunos precisam desempenhar para que lhes seja assegurado a inserção na sociedade e que fará parte da opção pessoal na vida profissional. Escolha esta, que deverá estar sedimentada por saberes básicos e indispensáveis a um ser capaz de buscar e construir o próprio caminho, sabendo fazer escolhas que contribuam para a autonomia e o sucesso na vida.

As observações realizadas e as vivências no dia-a-dia da escola serviram como um primeiro despertar para o direcionamento de novas idéias. Ouvir a opinião dos vários segmentos através de diálogos abertos e claros correspondeu a outro processo da coleta de informações. E, por fim, foi realizado questionário escrito, documento onde os diversos segmentos puderam expressar suas críticas e expectativas a respeito do que entendem da escola de qualidade que se quer construir.

Pela dificuldade de reunir todos os pais e ouvi-los, o questionário foi enviado para que as famílias pudessem dar a conhecer o que esperam da escola para a formação dos seus filhos. Oportunizar que a comunidade escolar faça seus ideais conhecidos foi um passo que trouxe esclarecimentos de rumos a serem perseguidos e caminhos repensados conjuntamente.

Percebeu-se a necessidade de que, além de reparos na estrutura física da escola, seria preciso conhecer a nova proposta curricular da Secretaria de Educação – Versão Preliminar de 2008, para que o trabalho seguisse norteado pelo referencial nacional e local.

Segue anexo, formulários que serviram de base para reflexões por segmento e grupal.

Foram realizadas duas reuniões grupais com objetivos participativos e com o envolvimento de todos. Temos a certeza que muito há para ser construído, mas reconhecemos que grandes passos têm sido dados na direção da Gestão Compartilhada.

Alguns aspectos a seguir relacionados representam a síntese da coleta de informações e tornam-se, ao mesmo tempo, alvo a ser alcançado e a ser construído a curto, médio e longo prazo, devido a complexidade do alcance final do processo educacional.

*“Somos seres inacabados...”*

Paulo Freire

Somos seres em busca constante, em contínua construção. O tempo presente e as tecnologias que são desenvolvidas em ritmo vertiginoso, fazem-nos entender que por mais que acreditemos ter alcançado um conhecimento específico, observamos, cientificamente provado, que ele já está ultrapassado. O ritmo da tecnologia de informações e da produção de conhecimentos tornou-se inalcançável pelas sociedades e cada vez mais se fragmentam as linhas de pensamento. Cada especialidade sabe mais a respeito de um único aspecto que se interliga a outro aspecto “isolado” e, sem o complemento daquele, este não pode existir ou não pode produzir plenamente. Saberes distintos e variados, interligados pela única necessidade: formar o ser humano e proporcionar-lhe conforto, bem estar, destaque e uma série de aspectos que se fossem citados, preencheriam parte significativa deste projeto, tornando conscientes, nós, os construtores do mesmo, que jamais conseguiríamos alcançar tudo proposto, dito, ou almejado.

Portanto, sabedores de que esta proposta é “inacabada”, selecionamos algumas ações que poderão colaborar para um fazer pedagógico que contribua com a construção de seres autônomos, críticos, conscientes do papel individual na sua própria formação.

Considerou-se mais adequado, a princípio, relacionar necessidades mais preeminentes e em seguida informar possíveis soluções e encaminhamentos dados.

- **SALA DE LEITURA** – empréstimo de livros, leitura acompanhada pela professora regente, contagem de história e pesquisas e filmes pedagógicos.
- **VIDEOTECA** – catalogar vídeos e realizar campanhas para a aquisição de vídeos e DVD's atualizados.
- **AGENDA ESCOLAR** – padronizar a agenda da escola com desenhos e frases criativas dos alunos.
- **CONSELHO ESCOLAR** – oportunizar maior opinião e participação do Conselho nas tomadas de decisão da Instituição Educacional.

- **ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES-APM** – ampliar a atuação da APM na tomada de decisão e no controle dos gastos de recursos financeiros.
- **CADASTRO DA PROFISSÃO DOS PAIS** – construir um cadastro que possibilite maior entrosamento dos pais com as necessidades da escola e na busca de soluções.
- **SALA DE RECURSOS** – destina-se ao atendimento de alunos ANEE nas seguintes áreas:
  - Deficiência Mental
  - Deficiência Física
  - Deficiência Múltipla
  - Transtornos
  - Altas Habilidades

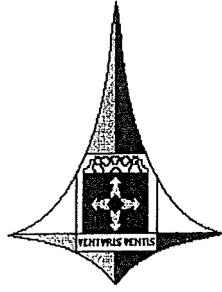
A Escola Classe 316 Norte possui 3 (três) turmas de integração inversa que são classes diferenciadas constituídas por alunos sem e com necessidades especiais, ainda não indicados na inclusão total prevista para alunos (Deficiência Mental, Deficiência Física E Deficiência Auditiva) e para aqueles que apresentam condutas típicas de síndrome. Essas classes são transitórias voltadas ao processo de socialização, alfabetização e aquisição de comportamentos adaptativos. Temos duas turmas de atendimento especializado, com comprometimentos de transtorno severo e deficiência down. Estes alunos tem currículo adaptado conforme previsto nas Diretrizes Nacionais para Educação Especial.

- **SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL** – buscar um profissional da área junto a SEE para promover o fortalecimento do Serviço e ampliar do atendimento a pais, alunos e professores.
- **SUPERVISÃO PEDAGÓGICA** - viabilizar as ações da supervisão com vistas a implantação do BIA, do CTC e demais projetos.
- **COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA** – Espaço destinado a estudos e planejamentos onde se trocam experiências. Sendo feito uma vez por semana coordenação coletiva.
- **LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA** – adquirir mesas apropriadas e revisar alguns computadores e reequipar com equipamentos mais atualizados, além de buscar a regularização junto ao MEC.
- **CURRÍCULO** - estudar o novo currículo da SEE-DF.C
- **INCLUSÃO** – oportunizar formação continuada ao professor. **SALA DE TROCA** - adaptar banheiro para alunos com 100% de dependência.
- **SECRETARIA** – dinamizar para atendimento contínuo, das 8:00 horas até as 18:30 horas e prontidão na entrega da documentação solicitada.
- **PARQUE INFANTIL** – realizar revisão geral nos brinquedos e renovar a areia do tanque.

- **CERCA DE ALAMBRADO** – concerto de espaços sem segurança.
- **COZINHA** – aquisição de equipamentos que possibilitem melhoria e rapidez na preparação e na qualidade da merenda.
- **SALA DOS SERVIDORES** - reorganização e adaptação de uma cozinha para preparação de alimentos, como planta original.
- **ÁREA EXTERNA** - Área de Serviço – troca dos tanques, colocação de cerâmica e piso e cobertura de parte da área.
- **MECANOGRAFIA** – Depósito de materiais pedagógicos. Reorganizar e dinamizar a sala para facilitar o acesso aos materiais.
- **ANTENA PARABÓLICA** – TV CULTURA - reativar, tornando disponível acessar as programações.
- **ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM** – propor mecanismos, projetos e oficinas pedagógicas que auxiliem na superação das dificuldades identificadas.
- **RECREAÇÃO** - construir projeto com alunos e coordenação para dinamizar as atividades durante o recreio e adequar um “campinho de futebol” na área interna da frente da escola.
- **EXCURSÕES CULTURAIS** – dar continuidade as atividades, de intercâmbio cultural com outras instituições.
- **ESPORTE** – oportunizar ginástica para a comunidade com profissionais da SEE e adaptar, no pátio da frente da escola um campinho de futebol para os alunos.
- **TROCA DE EXPERIÊNCIAS** – promover encontros entre escolas, EAPE, DRE, para ampliação de recursos e novas metodologias pedagógicas.
- **PARCERIAS** – promover com universidades e outras instituições.
- **PROJETOS EDUCACIONAIS** – articular os projetos da escola como produção educacional.
- **HORTA** - dar continuidade ao Projeto Horta como recurso incentivador e de consciência em relação a importância da alimentação para em crescimento e uma vida saudável.
- **COLETA SELETIVA DE LIXO** - adequar um espaço externo ao pátio para a acomodação dos sacolões de coleta.
- **LEITURA** – dinamizar o hábito da leitura e construir o prazer de ler.
- **BEBEDOURO** – instalar um bebedouro na área próximo ao pátio da frente da escola para facilitar à criança saciar a sede durante o período de espera.
- **PROJETO INTERVENTIVO** - Ocorre em horário contrário ao da aula do aluno, às segundas, terças e quintas-feiras, com duas horas de atendimento.
- **INTEGRAÇÃO DO GRUPO** – realizar vivências que promovam a integração entre pares, com o princípio fundamental na perspectiva de assegurar uma educação de qualidade.

Muitos dos aspectos aqui citados já receberam interferências por parte da comunidade escolar. Todos estão imbuídos do desejo de construir uma escola ideal, mas enfrentamos situações que originam polêmicas e insatisfações. Estas, por conseguinte, conduzem à reflexão, que tem despertado o grupo para questionamentos incessantes a respeito da prática pedagógica e administrativa e tem promovido a busca de caminhos alternativos, seguidos da aprendizagem de como fazer. Percebe-se que a coesão do grupo nas tentativas de realização do que foi planejado, converge para o sucesso conjunto, o que dá outro significado e solidez aos resultados alcançados.

De todas as experiências vivenciadas até o final do I bimestre, chegou-se a conclusão de que o reforço do trabalho em conjunto é que traz a união do grupo. A oportunidade de participação e de interferência no planejamento torna o profissional co-responsável pela realização das atividades propostas. Torna-o parte integrante do fazer acontecer, do alegrar-se com o êxito das atividades.



## OBJETIVO GERAL

Promover uma educação de qualidade valendo-se da interdisciplinaridade e de pedagogia diversificada que resultem em aprendizagens significativas e possibilitem a aquisição de saberes que contribuam para a formação moral, ética e social do aluno, que identifique e respeite a diversidade, que se reconheça como parte integrante dela, exercendo seu papel de agente transformador de maneira criativa, crítica e consciente.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

\_ Garantir o acesso e a permanência do aluno na escola com base nas leis vigentes do país.

\_ Promover aprendizagens significativas.

\_ Atender aos alunos com necessidades educacionais especiais, respeitando as especificidades de cada um, adequando currículo e metodologias que possibilitem o seu desenvolvimento global.

\_ Viabilizar os projetos vigentes (Horta, Sala de Leitura, Educação Ambiental, Laboratório de Informática).

\_ Promover propostas pedagógicas e intervenções educacionais para atender aos alunos com defasagem de aprendizagem visando melhor desempenho escolar e sua promoção.

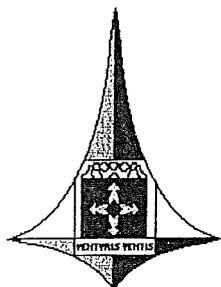
\_ Integrar a Comunidade Escolar.

\_Garantir para os profissionais da escola o acesso a informações institucionais.

\_Zelar do espaço físico da escola mantendo a higiene e a conservação do bem comum.

\_Viabilizar a formação continuada dos profissionais da escola.

\_Realizar avaliação periódica e ao final do ano letivo.



## PRINCÍPIOS NORTEADORES

*“O homem deve ser o sujeito da sua própria educação.  
Não pode ser o objeto dela.  
Por isso ninguém educa ninguém.  
A educação é a busca de si mesmo.”*

*Paulo Freire*

Para que o fazer da Instituição Educacional corresponda às expectativas de formação do aluno, faz-se necessário que a educação esteja alicerçada em princípios norteadores capazes de balizar as ações educativas de forma que se tornem suportes na construção do ser e que desenvolva competências para conquistar o seu espaço na sociedade.

A Constituição do Brasil reza a responsabilidade da família e da escola na formação do ser humano. A Lei de Diretrizes e Bases, nº 9.394/96 (LDB) regulamenta como deve ser pautada a Educação no país. O Ministério da Educação elaborou as Diretrizes Curriculares Nacionais, explicitadas nos Parâmetros Curriculares com princípios básicos para fortalecerem a unidade nacional em termos de educação. No Distrito Federal, o Currículo de Educação Básica das Instituições Educacionais Públicas do Distrito Federal, orientam como deve ser o fazer pedagógico com vistas a manter, assim como em nível nacional, uma unidade no padrão de ensino e na educação para a população.

Como foi citado anteriormente, a todo momento surgem novas tecnologias e novos conhecimentos, com isso, a necessidade de aprender se faz constante. Interiorizar esta dinâmica é fator preponderante para a construção do ser que se quer formar.

A educação no tempo presente não precisa de pessoas que saibam todo o conhecimento acumulado pela humanidade, embora lhe seja de direito ter acesso a ele. Saber buscar as informações que precisa pode ser considerado o maior legado da educação contemporânea. Compreender o seu espaço na sociedade, ter consciência de sua autonomia e conhecer as potencialidades que dispõe em si

mesmo e quanto aos recursos disponíveis onde possam ser acessados faz parte intrínseca do arcabouço que o aluno do século XXI deve portar.

A Instituição Educacional deve preocupar-se em preparar o aluno para aprender tornando-o apto a fazer escolhas, definindo de maneira firme e consciente o que melhor lhe convém. Forte o suficiente para conquistar os saberes que quer alcançar e que lhe serão convenientes para conquistar seus objetivos.

X Este aluno deverá tornar-se capaz de **aprender a ser**, desenvolvendo sua personalidade e agindo com autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Entendendo-se como parte integrante da sociedade que é autor do caminho que quer trilhar, portando deve construir sua história construindo também uma visão de mundo crítica em relação aos processos sociais, históricos e econômicos da sociedade em que vive e na qual terá que colocar-se enquanto agente produtivo de saberes diversos e do bem comum.

Para tanto, **aprender a conviver** com a diversidade é fator preponderante, ser capaz de conviver cultivando relações equilibradas, compreendendo o outro e realizando projetos em benefício da sociedade possibilita conviver com as mais variadas perspectivas e possibilidades de encontros e dilemas, sem deixar que sirvam de impedimento à realização dos objetivos.

A qualificação profissional requer um ser capaz de resolver problemas, trabalhar em equipe e desempenhar funções com competência. **Aprender a fazer**, portanto é aspecto primordial ao alcance do sucesso que o aluno deseja. A sociedade atual é altamente competitiva, impérios econômicos são construídos nas ações calculadas e articuladas com informações do próprio mercado, portanto, driblar as informações e tirar proveito delas compreende saber fazer.

Tirar proveito, como citado anteriormente, representa antes de mais nada, **aprender a aprender**, beneficiando-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida e revertendo em benefício para si e para o contexto social ou de trabalho em que vive.

Por tanto a escola, mais que nos tempos primórdios, precisa possibilitar que o aluno consiga, por meio de suas experiências, realizar descobertas e ressignificar os conhecimentos, construindo saberes significativos para si mesmo. Neste contexto, a aprendizagem promove à aquisição de habilidade que conduzem ao desenvolvimento de competências.

Ausubel, quando apresenta a teoria cognitiva da aprendizagem defende que as aprendizagens significativas representam um mecanismo de construção para novas informações apoiadas em conceitos relevantes pré-existent na estrutura cognitiva da pessoa, formando conceitos que propiciem a aquisição de habilidades e o desenvolvimento de competências, potencializando a capacidade de aprender e de autonomia do ser humano, portanto, a Instituição Educacional deve promover um espaço de qualidade com pedagogia diversificada que possibilite ao aluno colocar-se em confronto experimental direto de situações que despertem a criatividade e promovam a auto-confiança, fator preponderante para o alcance da autonomia, da formação de um ser participativo, crítico e criativo.

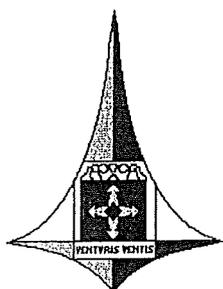
A instituição Educacional deve buscar, acima de tudo, o sucesso do aluno. Este sucesso está intimamente ligado a formação do auto-conceito, da auto-estima, e da autoconfiança. Um ser que recebe uma educação integral, preocupada em privilegiar o desenvolvimento das multi inteligências utilizando os mais diversos recursos, fazendo-se valer de vivências, de processos interdisciplinares, contextualizados, que tragam para dentro da sala de aula reflexões de situações reais, possibilitando o questionamento de tais assuntos, auxiliando na construção de um ser que possa agir através do seu próprio pensamento e que pautar suas ações tendo como princípio o respeito à dignidade humana.

Esta reflexão, que, se realizada num ambiente favorável, permitirá ao grupo a interiorização de preceitos éticos e morais inerentes à vida em sociedade. Privilegiar estes momentos no plano de aula significa oportunizar o desenvolvimento de ações que estimulem a criatividade, a curiosidade e a emoção, trazendo para si o sentimento do outro e como isto lhe chega em questão de direitos humanos.

Ao valer-se de temas transversais das mais variadas fontes e possibilidades, o aluno amplia sua visão de conhecimento do mundo, aprendendo a fazer uma leitura crítica das sociedades e das diversas manifestações artísticas e culturais existentes, resultando daí, o respeito pela diversidade.

Não pode, a escola do século XXI, esquecer-se de que a educação é um direito inalienável de todo o ser humano, em toda e qualquer situação, portanto a Instituição Educacional deve priorizar um tratamento de equidade para que todos alcancem sucesso interior, o que significa, estar apto a fazer escolhas conscientes do caminho que deseja seguir. A escola deve promover um espaço de criatividade, onde a liberdade de aprender esteja diretamente ligada ao respeito pela possibilidade de expressar-se de cada aluno, lembrando-se que a autoconfiança rompe as barreiras da timidez ou do constrangimento. Ao acreditar-se capaz o aluno realiza com satisfação a demonstração do conhecimento adquirido. Neste contexto, mesmo reconhecendo-se diferente tem a certeza de ter adquirido saberes que serão úteis no seu dia-a-dia, por isso, vence as dificuldades aparentes.

Para que a Instituição Educacional possa viabilizar esta educação de qualidade, os segmentos constitutivos da escola precisam estar integrados no mesmo ideal, e isto só é possível através da participação de toda a Comunidade Escolar num processo de Gestão Compartilhada. Esta gestão tem como objetivo maior o alcance da escola de qualidade que visa preparar alunos criativos, críticos, com autonomia no pensar, sem desconsiderar a responsabilidade pessoal das próprias ações, do seu compromisso com o meio em que vive. Num sentido mais amplo, torna-se também, co-responsável pelo sucesso da comunidade. Assim, a gestão compartilhada traz um novo momento para a educação pública no Distrito Federal. Gestão compartilhada no fazer pedagógico, na distribuição de recursos financeiros, na responsabilidade da administração do bem comum. Gestão esta, que permite aos pais, alunos e servidores estarem opinando e tendo a oportunidade de construir a escola de qualidade em que acreditam.



## ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Uma escola tem como marco norteador a ação do aluno nas atividades que se propõe realizar. Tendo como base orientadora os Parâmetros Curriculares Nacionais, as Adaptações Curriculares e o Currículo das Instituições Educacionais Públicas do Distrito Federal, e lançando mão de Projetos interdisciplinares que sejam de interesse da comunidade, serão priorizadas as ações que permitam a participação do aluno nas atividades propostas.

Estes projetos identificam os componentes curriculares que serão utilizados para que o aluno alcance as habilidades e as competências propostas. Partindo de assuntos relevantes para a realidade escolar e lançando mão de diversos saberes, torna-se possível a elaboração de um pensamento construído a partir da experiência pessoal, da própria ação do aluno na interação com materiais e com o auxílio de seus pares, estabelecer relações entre as ciências e o significado que apresentam para a aplicabilidade de tais conhecimentos na sua vida. Ressignificando assim os saberes adquiridos/construídos.

A Instituição Educacional, Escola Classe 316 Norte, ale, do Programa Ciência e Tecnologia com Criatividade – CTC que possibilita as atividades experimentais permitindo que o aluno construa seus próprios conceitos, tem projetos que caminham junto, interdisciplinarmente, que são: Laboratório de Informática; Projeto Meio Ambiente com coleta seletiva de lixo como mola propulsora para o estudo das operações matemáticas e produção de relatórios além da visão ambiental da preservação do planeta; Projeto Horta, que conta com o auxílio de assistência técnica de engenheiro agrônomo do Rotari Clube; Projeto Eu na Escola, realizado pela 1ª Série (8 anos-EF) que fortalece a auto estima e o processo ensinar-aprender; Projeto Família para Família, 3ª Série Azul; Projeto Conhecer para Amar e Valores Humanos, 3ª Série Verde; Projeto Casa e Meio Ambiente, 2ª Série Verde; Projeto “Jornal Legal” das 4ª séries, Projeto A Diversidade sócio cultural nos contos de Fada para os 2º anos e auxiliando os Projetos de Leitura de cada série, temos o Projeto da Revitalização da Biblioteca que busca desenvolver no aluno o prazer pela leitura, observa-se que o hábito da

leitura quando criado na infância desperta grandes leitores e escritores da mais diversas linhas de produção literária.

A escola dispõe de dois projetos adjacentes que paralelamente aos das séries buscam ao fazer pedagógico da IE, que são o da Supervisão e Coordenação Pedagógica e dos Profissionais e Apoio. O Programa Bloco Inicial de Alfabetização – BIA está sendo implantado pela SEE com curso de capacitação específica para os profissionais da rede. Convém salientar que muitos projetos estão em fase de elaboração pelos professores das respectivas séries.

A Instituição de Ensino no decorrer do ano letivo realiza atividades comemorativas e culturais que ampliam os horizontes do saber e do respeito às culturas diversas e historicamente construídas. O Projeto maior e abrangente para toda escola foi intitulado de DIVERSIDADE. Uma escola inclusiva que se propõe a conviver com diferenças e reconhecer a diversidade de saberes que aqui chegam e que permeiam o processo ensinar-aprender, merece, mais que em qualquer tempo ser priorizado como referencial das ações pretendidas.

A IE tem elaborado para realizações culturais e comemorativas para o ano de 2009, eventos como Aniversário da Escola, programado para o dia 27 de março de 2009.

As turmas estão preparando músicas, jograis, frases e outras atividades a fim de demonstrarem seu amor pela escola. Os pais contribuirão com refrigerantes para o dia da festa.

Outros eventos estão planejados para o ano letivo de 2009, tais como: Encontro da Família com oficinas e vivências está planejado para 29 de maio. A famosa Festa Junina dia 3 de julho e a Festa da Cultura com a realização do III Expo Conhecimento par o dia 27 de novembro. E para encerrar o ano letivo, acontecerá no dia 17 de dezembro, festa de encerramento do ano letivo.

A Escola Classe 316 Norte tem primado por eventos cuja organização e beleza são razões que proporcionam à Comunidade Escolar orgulho e participação constante, o que reforça as atividades culturais e pedagógicas desenvolvidas ao longo dos 24 anos promovendo Educação de Qualidade.

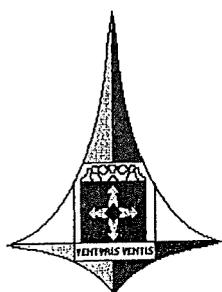
O Currículo da Educação Básica inclui desde os aspectos básicos que envolvem os fundamentos filosóficos e sócio-políticos da educação até os marcos teóricos que a concretizam na sala de aula, relacionando e operacionalização, teoria e prática, planejamento e ação.

Destaca-se ainda, a obrigatoriedade dos conteúdos referentes à história e à cultura afro-brasileira e indígena que devem ser ministrados no contexto de todo o currículo escolar, em especial, nas áreas de arte, literatura e história brasileira. O tema Serviço Voluntário, também deverá fazer parte da Proposta Pedagógica da Instituição Educacional do Ensino Fundamental, de forma interdisciplinar. Também deverão, ainda, fazer parte os conteúdos de Direito e Cidadania, dentre

outros temas que são desenvolvidos transversalmente por todos os componentes curriculares.

Serão desenvolvidos o Projeto de Leitura, os trabalhos Afro-indígenas através de:

- Produção de textos,
- Poesias,
- Pesquisas geográficas e históricas sobre essas etnias ressaltando a contribuição de cada uma delas na área social e econômica de nosso país, sobretudo sublinhando a importância da África como mãe da humanidade,
- Dramatizações
- Trabalhos artísticos.



## ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

A Escola Classe 316 Norte atende alunos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, na faixa etária e 6 anos a 10-11 anos. A escola é inclusiva e tem turmas reduzidas com inclusão inversa.

A escola conta com corpo administrativo padrão das Instituições Educacionais da SEE-DF. Composta de Diretora, Vice-Diretora, Supervisora Pedagógica, Supervisora Administrativa e Secretário.

Com a implantação do Programa do BIA e do CTC, permanece a função do coordenador pedagógica exercida por uma professora. Há uma professora na função de apoio, A escola tem uma aluna com ossos de vidro e um aluno que utiliza andador. As demais funções estão apresentadas nos demonstrativos a seguir.

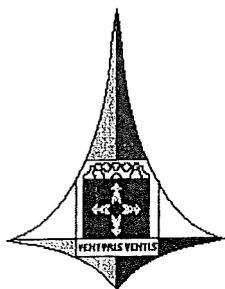
A IE conta com recursos financeiros oriundos da SEE\_DF através do Programa de Descentralização Administrativa e Financeira – PDAF, gêneros alimentícios enviados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento d Educação – FNDE e Programa de Descentralização de Dinheiro na Escola - PDDE .

Outras fontes de recursos são oriundas da contribuição da comunidade organizada pela APM e de feirinhas, festas, rifas e outros eventos que ocorrem na escola no decorrer do ano letivo.

A IE recebe doações de equipamentos como impressoras usadas e computadores, alguns deles em condições de uso que são reparados com recursos da APM.

A APM tem procurado auxiliar a escola de inúmeras maneiras, mas percebe-se que com a intenção e a propaganda do Estado que está enviando dinheiro direto para as escolas, o índice de contribuição teve um decréscimo considerável, o que está trazendo sérias dificuldades para a administração da escola.

A IE inda tem parcerias estabelecidas com grupos empresariais, mas se tem enviado esforços na tentativa de retomar parcerias que realmente contribuam com a melhoria da qualidade da educação.



## RECUSSOS DIDÁTICOS-METODOLÓGICOS

A Escola Classe 316 Norte, conta com recursos variados, conseguidos ao longo dos anos de atuação da escola e da APM, além de doações particulares.

Atualmente a escola conta com:

- laboratório de Informática com 15 computadores ligados em rede e à internet para utilização dos alunos, bem como para a complementação de trabalhos desenvolvidos em sala com professores regentes;

- biblioteca reorganizada para empréstimo e pesquisas;

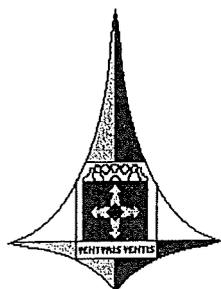
- três televisores com aparelhos de vídeo e DVD;

- máquina fotográfica digital;

- 01 computador na sala de professores ligado à internet e uma impressora

- sala recursos com material adequado ao acompanhamento de alunos com ANEE;

- sala para depósito e reprografia com os seguintes materiais: material dourado, blocos lógicos, jogos, máscaras para encenação, fantoches e uma máquina copiadora e outra duplicadora que reproduzem cópias de excelente qualidade.



## CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Classe 316 Norte é inclusiva. Possui 289 alunos matriculados, destituídos em:

- 01 turma de 1º ano
- 02 turmas de 2º ano
- 03 turmas de 2ª Série
- 03 turmas de 3ª Série
- 04 turmas de 4ª Série
- 02 turmas especiais de 2º série

Estas turmas estão distribuídas em nove turmas no turno matutino e seis turmas no turno vespertino.

A escola tem em seu quadro funcional:

- 05 profissionais para os cargos comissionados de diretor, vice-diretor, supervisor pedagógico, supervisor administrativo e chefe de secretaria.
- 15 professoras regentes,
- 01 professore em coordenação
- 01 professor em Sala de Recursos
- 02 professoras em biblioteca, em processo de readaptação funcional.
- 01 apoio administrativo
- 01 professora readaptada como apoio à direção
- 06 auxiliares de limpeza
- 02 merendeiras

- 02 agentes de portaria
- 01 apoio administrativo
- 01 monitora
- 02 estagiárias

A Instalação predial dispõe de:

- 1 pátio externo
- 2 pátios internos
- 1 área descoberta (jardim de inverno) e calçada ao centro da escola com 5 jardineiras de concreto
- 9 salas de aulas
- 1 biblioteca
- 1 laboratório de informática
- 1 sala e recursos
- 1 sala para serviço de orientação educacional
- 1 sala de coordenação (adaptada)
- 1 sala de professor com banheiro
- 1 secretaria
- 1 sala de direção com banheiro
- 1 sala de mecanografia e reprografia
- 1 banheiro adaptado pra alunos cadeirantes
- 1 banheiro masculino para servidores
- 3 banheiros para alunos
- 2 salas para auxiliares com 1 banheiro
- 1 depósito para materiais de limpeza
- 1 depósito para gêneros alimentícios
- 1 cozinha
- 1 área de serviço

A escola é cercada por alambrado à frente, ao fundo e na lateral esquerda, sendo a lateral direita com alambrado e muro de concreto.

A escola possui grade de ferro em todas as janelas.

Total de alunos matriculados em 2009 por modalidade série e turno

Modalidade	Série/Período	Total de Turmas		Total de Alunos		Total de Alunos Por série
		Matutino	Vespertino	Matutino	Vespertino	
Infantil	1º Ano	01	--	14	--	14
Fundamental	2º ano	02	-	32	-	32
Fundamental	2ª Série	02	01	40	15	55
Fundamental	2ª Série Especial	-	02	-	03	03
Fundamental	3ª Saérie	02	01	43	13	56
Fundamental	4ª Série	02	02	37	27	64
<b>Total Geral</b>		<b>09</b>	<b>06</b>	<b>166</b>	<b>58</b>	<b>224</b>

Professores (Corpo Docente)

Nº	Nome do professor	Matricula	Classe	Série/Turma	Turno
01	Adriany Sousa Barros - LTS	0026.815-1	MGA	Lab. Informática	Matutino/Vespertino
02	Andreza Fiorine Perez Rivera	0035.324-8	MGA	4ª série B	Matutino/Vespertino
03	Angelita Gomes Maciel	0045223 - 78	MGA	3ª série C	Matutino/Vespertino
04	Arlinda Alves Sousa	0056.604-7	MGA	2ª Série B	Matutino/Vespertino
05	Celnita Aparecida Ferreira da Silva- LTS	0037.623-X	MGA	4ª série B	Matutino/Vespertino
06	Claudia Rodrigues Pereira Rocha	0035.213-6	MGC	Biblioteca	Matutino/Vespertino
06	Corina Rosa Gomes	0022.816-8	MGA	4ª série C	Matutino/Vespertino
07	Fernanda Ribeiro Guedes	0036.847-4	MGA	Coordenadora	Matutino/Vespertino
08	Gislene Jussara granich	Cont Temp		1º Ano	Matutino/Vespertino
09	Libina Alves Pereira	Cont Temp		2ª Série D	Matutino/Vespertino
10	Luciana Rodrigues	0025.165-8	MGA	3ª Série C	Matutino/Vespertino
11	Mara Rocha da Silva Aires	0032.207-5	MGA	1º ano	Matutino/Vespertino

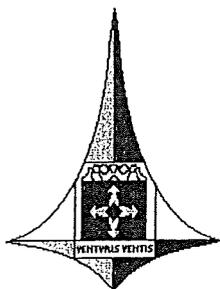
Nº	Nome do professor	Matrícula	Classe	Série/Turma	Turno
12	Márcia Helena Chaul	0025.784-2	MGA	2ª Série A	Matutino/Vespertino
13	Maria Martins Rodrigues de Mesquita	0077.587-8	MGA	3ª Série B	Matutino/Vespertino
14	Maria José Vieira Camões	Contr Temp.		2ª série E	Matutino/Vespertino
15	Maria Soeli Pereira e Silva Sousa	Contr Temp.		4ª Série D	Matutino/Vespertino
16	Marinalva Jose Ferreira Cardoso	0063.160-4	MGA	2º ano B	Matutino/Vespertino
17	Maristela Nepomuceno Silva	0045.567-5	MGA	Sala de Recurso	Matutino/Vespertino
18	Mônica christina Tabosa Mendonça	0043293 - 8	MGA	3ª Série A	Matutino/Vespertino
19	Patrícia Maria Bicalho Chacel	0046.662-X	MGA	Biblioteca	Matutino/Vespertino
20	Rejane Maria Pereira Lima	0025.860-1	MGA	4ª Série A	Matutino/Vespertino
21	Virginia Mello dos Santos	0029.605-8	MGA	2º Ano A	Matutino/Vespertino

Administrativo

Nº	Nome do professor	Matrícula	Classe	Função	Turno
01	Marilda Guimarães Marques Pereira	0207.018-9	MGA	Diretora	Matutino/Vespertino
02	Silvia Nogueira de Carvalho	0020.260-6	MGA	Vice-Diretora	Matutino/Vespertino
03	Regina Maria da Silva Franz	0064.368-6	MGA	Supervisora Administrativa	Matutino/Vespertino
04	Jandinalva Ramos de Oliveira Freitas	0200772 - X	MGA	Supervisora Pedagógica	Matutino/Vespertino
05	Gilberto César Andrade Neves	0049.932-3	AS09C	Chefe de Secretaria	Matutino/Vespertino
06	Rui de Sousa Santos Filho	0029.011-4	AS09C	Apoio Administrativo	Matutino/Vespertino

### Apoio Administrativo

Nº	Nome do professor	Matricula	Função	Turno
01	Alexandra José Delfino	0025.072-4	Auxiliar de Educação Copa Cozinha	Matutino
02	Antonio Ribeiro da Silva	0020.941-4	Agente de Educação Vigilância	Diurno/Noturno
03	Antoninha Divina dos Reis LTS	0041986 - 9	Auxiliar de Educação Portaria	Diurno/Noturno
04	Arcelina Pereira da Silva	0072.007-0	Auxiliar de Educação Portaria	Matutino/Vespertino
05	Elzeni Gonçalves da Silva	0021570 - 8	Portaria ( Readaptada)	Vespertino
06	Francisca Nunes do Nascimento	0049.004-0	Auxiliar de Educação Conservação e Limpeza	Vespertino
07	Francisca Paula de Sousa	0028.272-1	Agente de Educação Vigilância	Diurno/Noturno
08	Jacy da Silva Xavier	0067811 2	Auxiliar de Educação Conservação e Limpeza	Matutino
09	Joseli Oliveira de J. Cousseau	0021849 - 9	Auxiliar de Educação Conservação e Limpeza	Vespertino
10	Luzia Xavier de Souza	0021.671-2	Auxiliar de Educação Conservação e Limpeza	Matutino
11	Maria Alzeleide Silva	0047.455-X	Auxiliar de Educação Conservação e Limpeza	Matutino/Vespertino
12	Maria de Fátima Sampaio	0040.233-8	Auxiliar de Educação Copa Cozinha	Matutino/Vespertino
13	Mauro César Araújo Silva	0064.141-3	Agente de Educação Vigilância	Diurno/Noturno
14	Renilda Loreiro de Oliveira -LTS	0049.113-6	Auxiliar de Educação Conservação e Limpeza	Vespertino



## AVALIAÇÃO

A avaliação em uma Instituição de Ensino apresenta duas vertentes; a Avaliação da Aprendizagem e a Avaliação Institucional. A avaliação de aprendizagem, hoje, tem outra figura, não mais a punitiva e de reprovação, mas como instrumento de redimensionamento do processo, dos recursos, dos mecanismos e metodologias utilizadas para que o aluno alcance uma aprendizagem que tenha sentido para vida, que se torne significativa a cada etapa alcançada.

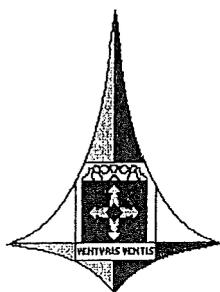
Como documento orientador deste modelo de avaliação que se pretende, a instituição de ensino dispõe das Diretrizes de Avaliação do Sistema Público de Ensino do Distrito Federal, da LDB e do Regimento Escolar, além de uma gama de teóricos que elucidam a questão da avaliação para a educação na atualidade. Portanto, a avaliação processual e contínua é a que tem encontrado espaço junto aos educadores que buscam uma nova proposta de ensinar.

Nas etapas 1 e 2 do BIA a avaliação não é promocional e a retenção nessas etapas dar-se-á apenas para alunos que não tenham 75% de frequência no ano letivo. A Retenção só poderá ocorrer na etapa 3 do bloco.

Outra avaliação tão importante quanto a da aprendizagem é a Avaliação Institucional que tem proporcionado momentos de reflexão dentro da escola no tocante a todos os mecanismos e recursos físicos e de pessoal que possam promover a sobrevivência da escola diante das revoluções tecnológicas e de valores morais, sociais, éticos e econômicos que passa a sociedade do século atual em tempos de globalização.

Ao avalia-se, a Instituição Educacional procura redirecionar objetivos e buscar novos rumos, avalia seus potenciais e verifica condições para trilhar caminhos que antes, não seriam, sequer observado. Através de diagnósticos realizados pela Comunidade Escolar é possível repensar a escola e com a união das forças e incentivos prosseguir inovando e construindo a escola que se quer, com a qualidade e autonomia.

Atualmente, a SEE-DF instituiu no calendário do ano letivo dias, ao final de cada bimestre, para que todos os segmentos da escola pudessem avaliar o andamento de projetos, enfim, da escola como um todo, com vistas ao redirecionamento das ações e isto produz um repensar, uma auto-avaliação profissional e institucional saudável à vida da Instituição. A Escola utiliza também, quinzenalmente, espaço nas coordenações gerais, às segundas-feiras, para planejar e reavaliar processos. E, além destes mecanismos, o diálogo com pais e demais pessoas pertencentes à comunidade escolar promovem o repensar de ações que, fora do rumo desejado, podem ser direcionadas a mudanças necessárias.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA AFONSO. **Avaliação Educacional: regulação e emancipação.** Editora Cortez, 2000

BONAMINO, A BESSA N. E FRANCO (org). **Avlição da Educação Básica: Pesquisa e gestão.** São Paulo. Loyola, 2004

BRASIL LEGISLAÇÃO: **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, Parâmetros Curriculares Nacionais, Adaptações Curriculares, Currículo de Ensino Fundamental – Anos Iniciais – Versão Preliminar, Diretrizes de Avaliação – Subep – SEE.DF.**

BRASIL. LEI 8.069/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.**

BRASIL. Lei 9.394/1996. **Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional – LDB.**

X FERREIRA, NAURA SYRIA CARAPETO (org). **Gestão Democrática da Educação: Atuais Tendências, novos desafios.** São Paulo. Editora Cortez, 1998

X KOHAN, Walter Omar e LEAL, Bernardina. **Filosofia para crianças em debate.** Petrópolis, RJ. Ed. VOZES, 1999.

X LUKE, Heloisa. **A escola Participativa – O Trabalho do Gestor Escolar.** Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

X PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública.** São Paulo. Editora Ática, 1997.

SACRISTAN, J. Gimeno. **O Currículo. Uma reflexão sobre a prática.** Editora Porto Alegre. ARTEMED, 1998.

SAVIANI, Demival. **A Nova Lei de Educação: Trajetória, Limites e Perspectivas.** 7. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001 (Coleção Educação Contemporânea).

VEIGA, Ilma Passos. (org). **Projeto Político-Pedagógico d Escola: Uma Construção Possível.** 15 Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002. (Coleção Magistério: Formação e trabalho Pedagógico).

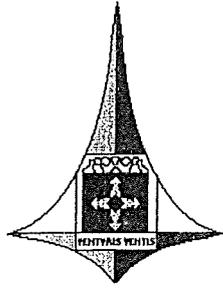
WERLE, Flavia Obino Corrêa. **Conselhos Escolares: Implantações na Gestão da Escola Básica.** Campinas, SP DP&A, 2003.

WITTMANN, Lauro Carlos e CARDOSO, Jarbas Jose (org). **Gestão Compartilhada na Escola Pública - O especialista na construção do fazer saber.** Florianópolis/SC: AAESC: ANPAE/SUL, 1993.

... e aprendizagem,  
na escola, São Paulo: Editora

...  
...  
...  
...  
São Paulo - SP, Editora

...  
...  
...  
Paulo, 2002



# Proposta Pedagógica

# ANEXOS

Escola Classe 316 Norte

Pesquisa da realidade e das necessidades da Escola Classe 316 Norte

Caros(as) Alunos(as):

Este questionário destina-se a servir de base para pensarmos a respeito da realidade da escola e suas necessidades querendo conhecer a opinião dos alunos e das alunas para construirmos a Proposta Pedagógica da Instituição(a Escola). Comunicamos que não será necessária a identificação do nome.

Certos de contarmos com a sua colaboração, agradecemos.

1 – Em que série/turno você estuda? \_\_\_\_\_

2 – Escreva qual a razão que levou seus pais a escolher esta escola para matricular você.  
\_\_\_\_\_

3 - Você considera esta escola uma “escola de qualidade”? ( ) Sim ( ) Não

4 – O que você acha da escola em relação a cada item e como acha que poderá melhorar:

As aulas \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

A Biblioteca \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

A Videoteca \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

O Laboratório de Informática \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

O Recreio \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

A Disciplina da sala de aula e no recreio \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5 – Escreva alguns aspectos que considera importantes à uma escola de qualidade.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6 – Procure lembrar e escrever algumas necessidades encontradas e que você considera que, com o esforço de todos da escola, poderá ser melhorado em pouco tempo.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Escola Classe 316 Norte**

**Pesquisa da realidade e das necessidades da Escola Classe 316 Norte**

**Aos Servidores da SEE-DF / Contratos Especiais**

Este questionário destina-se a servir de base para a reflexão a respeito da realidade da escola e suas necessidades, buscando conhecer o olhar de cada segmento que constitui a comunidade escolar com vistas a oportunizar a participação de todos na construção da referida Proposta.

Solicitamos que os dados sejam preenchidos para a identificação do segmento, mas é opcional a identificação do nome.

Certos de contarmos com a sua colaboração, antecipadamente agradecemos.

1 – Em que ano foi lotado(a) nesta Escola? \_\_\_\_\_

2 – Em que função atua? \_\_\_\_\_

3 – Na sua opinião, a Escola apresentou melhoria de qualidade na área em que você atua?

\_\_\_\_\_

4 – Relacione alguns fatores que podem ter contribuído para a resposta da questão nº 3.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5 – Escreva alguns aspectos que considera adequados à uma escola de qualidade.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6 – Procure observar e escrever algumas necessidades encontradas e que você considera que, com esforço da comunidade escolar poderá ser melhorada em curto espaço de tempo.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7 – Relacione, agora, alguma necessidade da escola que precisaria de mais tempo para ser realizada.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Escola Classe 316 Norte**

**Pesquisa da realidade e das necessidades da Escola Classe 316 Norte**

**Aos Senhores Pais/Responsáveis**

1 – Em que e série/turno seu filho/sua filha esta matriculado(a) ? \_\_\_\_\_

2 – Expresse qual a razão que levou a escolher esta escola para que seu filho/sua filha estudasse.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3 – Você considera esta escola uma “escola de qualidade”? ( ) Sim ( ) Não

4 – Relacione alguns fatores que podem ter contribuído para a resposta da questão de nº 3. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5 – Escreva alguns aspectos que considera adequados a uma escola de qualidade.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6 – Procure observar e escrever algumas necessidades encontradas e que você considera que, com o esforço da comunidade escolar poderá ser melhorada em curto espaço de tempo.

\_\_\_\_\_

7– Relacione, agora, alguma necessidade da escola que precisaria de mais tempo para ser realizada.

\_\_\_\_\_

Obs: Se precisar, utilize o verso para expressar sua opinião a respeito de algum outro aspecto.

**CADASTRO DE PROFISSÕES**

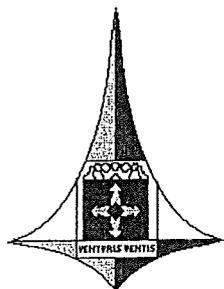
Nome: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Telefones para contato: \_\_\_\_\_

Nome do(a) filho(a): \_\_\_\_\_

Série/Turma: \_\_\_\_\_ Turno: \_\_\_\_\_

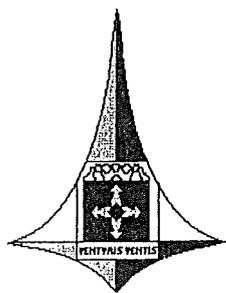


# **Plano de Atividades**

**Da**

**APM**

**2009**

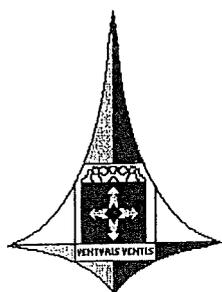


***ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES***

***DA ESCOLA CLASSE 316 NORTE***

***PLANO DE  
ATIVIDADES***

***2009***



A Associação de Pais e Mestres – APM da Escola Classe 316 Norte tem como objetivo principal a participação de toda a comunidade escolar que é composta por alunos e sua família, comunidade, professores, direção e comércio local juntamente com o poder público que visa dar suporte para o melhor desempenho das atividades pedagógicas.

Visando o atendimento do objetivo principal, o Plano de Atividades desta APM está baseado nos seguintes aspectos:

#### **1º MANUTENÇÃO DAS INSTALAÇÕES**

Recursos às despesas com chaveiro, eletricitista, bombeiro hidráulico, reparo em vidros, esquadrias e instalações elétricas, tinta;

#### **2º LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA:**

Adquirir disquetes CDs, DVDs, cartuchos, jogos etc.

#### **3º COMPLEMENTAÇÃO DA MERENDA ESCOLAR**

Enriquece a merenda oferecida pela Secretaria de Educação com complementos alimentares tais como temperos diversos e outros ingredientes.

#### **4º CONSERVAÇÃO E LIMPEZA:**

Complementar material de limpeza a serem usado nas instalações da escola.

#### **5º MANUTENÇÃO DE EQUIPAMENTOS:**

Reparos e manutenção de equipamentos como: máquina copiator, xerox, toner, televisões, vídeo, DVD, som.

#### **6º DATAS COMEMORATIVAS**

Eventos sociais, subsidiados pela APM tais como: Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia dos Professores, Natal, etc...

#### **7º RIFAS**

Angariar fundos para custear as atividades da APM.

## **8º GINCANAS**

## **9º FEIRAS EDUCACIONAIS E CULTURAIS**

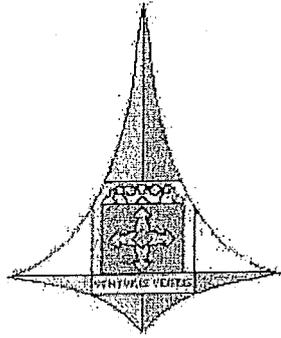
Eventos pedagógicos em que a APM subsidia as atividades desenvolvidas pelos alunos, em sala de aula para exposição dos projetos a comunidade escolar.

## **10º FESTA JUNINA**

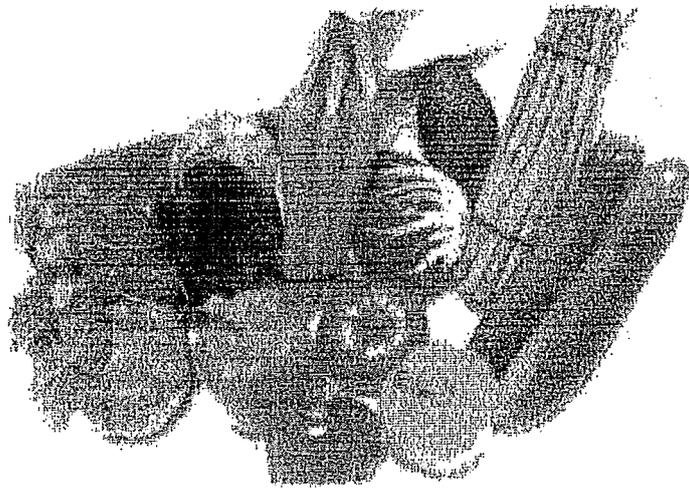
Promoção de evento cultural recreativo que ressalta as raízes da tradição brasileira, integrando a famílias à escola.

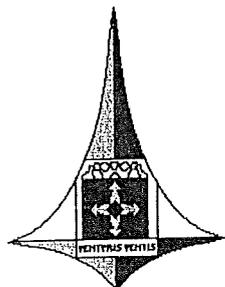
## **11º MEMORANDO E OFÍCIOS**

Solicitação voluntária de Órgãos Públicos.



# PROJETO HORTA PEDAGÓGICA





## PROJETO HORTA PEDAGÓGICA

### Coordenação:

Maridete Bezerra do Amaral Brito – Matrícula: 44.675-0

João Francisco Neto – Consultor Técnico da Fundação de Rotarianos de Brasília

### Clientela:

- Jardim de Infância nº 1 do Cruzeiro
- Centro d Educação Infantil nº 1
- Escola Classe 316 Norte
- Escola Classe 405 Norte
- Escola Classe Granja do Torto
- Escola Classe nº 06 do Cruzeiro
- Escola Classe 314 Sul
- Escola Classe 111 Sul
- Escola Classe Aspalha
- Centro de Ensino Fundamental nº 2 do Cruzeiro
- Centro de Ensino Fundamental nº 1 do Planalto
- Centro de Ensino Fundamental nº 3 de Brasília
- Centro de Ensino Fundamental nº 1 do Lago Norte - CELAN
- Centro de Ensino Fundamental Polivalente
- Centro Integrado de Ensino Especial – CIEE
- Centro Educacional do Lago Norte – CEDLAN

## JUSTIFICATIVA

O projeto Horta Pedagógica nasceu das sugestões de alguns professores da Regional de Ensino do Plano Piloto, preocupados com a Educação Ambiental e a melhoria da merenda escola.

A Fundação dos Rotarianos de Brasília e a CAESB, em parceria com a extinta Secretaria de Meio-Ambiente e Recursos Hídricos do DF – SEMARH, cujas atribuições no Projeto, estão sendo assumidas pelo Instituto do Meio-Ambiente de Recursos Hídricos do DF – Brasília Ambiental, propuseram à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, contrapartida financeira, apoio técnico e capacitação técnica de recursos humanos da Secretaria para construção, adaptação e manutenção de hortas orgânicas, como instrumento de educação ambiental e alimentar em escolas dessa Regional de Ensino.

Acrescenta-se à motivação anterior, a crença na melhoria do processo ensino-aprendizagem, no desenvolvimento desse projeto, por considerar-se a educação o maior fator de superação, capaz de despertar a criatividade e de desenvolver a responsabilidade do estudante por sua individualidade e por sua relação com o meio sócio-ambiental.

## OBJETIVO GERAL

Propiciar a construção e/ou adaptação de uma horta orgânica em cada Instituição Educacional participante do projeto, com vistas a seu uso pedagógico, valorização do meio-ambiente e mudanças dos hábitos alimentares da comunidade escolar.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Despertar o interesse pela natureza;
- Propiciar vivências pessoais relevantes pelo contato com os materiais orgânicos da horta;
- Promover a interdisciplinaridade;
- Integrar as Instituições envolvidas;
- Desenvolver atividades formativas dentro de um processo coletivo de construção de conhecimentos e desenvolvimento de competência;
- Informar sobre técnicas de construção e/ou manutenção da horta orgânica;
- Demonstrar tecnicamente, como corrigir o solo, adubar, plantar e manter a horta orgânica;
- Demonstrar tecnicamente, como construir uma composteira;
- Enriquecer gradativamente, a merenda escolar;
- Desenvolver o espírito de equipe e a cooperação entre os alunos;
- Propiciar conhecimentos básicos de ecologia alimentar e educação ambiental;
- Promover mudanças de hábitos alimentares;
- Criar em toda comunidade escolar a consciência da importância de produtos orgânicos, sem a presença de inseticidas e agrotóxicos.

## ESTRATÉGIAS

### Treinamento Básico:

- Ecologia alimentar;
- Ecologia agrícola;
- Preparo orgânico dos canteiros;
- Construção de composteira;
- Construção dos equipamentos da horta orgânica;
- Controle natural de pragas e doenças;
- Conhecimentos básicos de culinária natural;
- Uso pedagógico d horta;
- Práticas de Saúde Mental;
- Fruticultura na horta orgânica;
- Compostagem;
- Reuniões de sensibilidade com as escolas envolvidas;
- Coordenação dos treinamentos oferecidos;
- Organização dos encontros e eventos relacionados ao projeto;
- Intermediação da comunicação entre os representantes das escolas, DRE e o representante das entidades parceiras;
- Reuniões psicopedagógicas para interação do grupo.

## **META**

Viabilizar a construção e/ou adaptação, plantio e manutenção da horta orgânica e, 100% das Instituições Educacionais envolvidas até o final do ano de 2009.

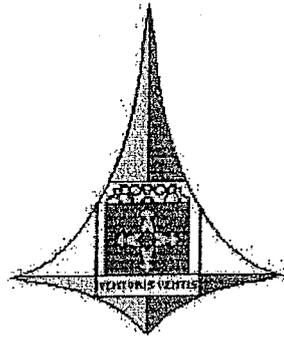
## **CRONOGRAMA**

Encontros quinzenais

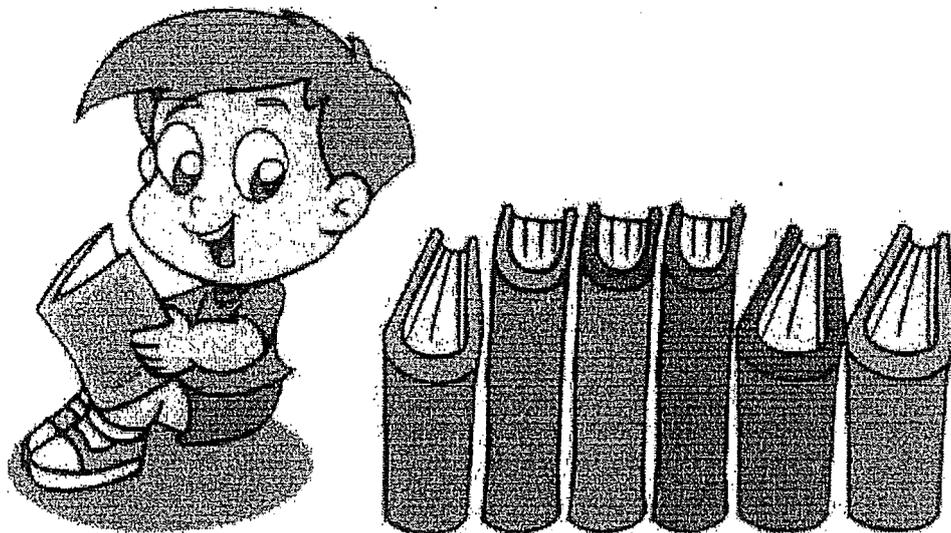
## **RELATÓTIOS**

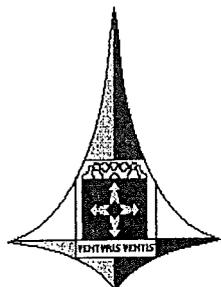
## **AVALIAÇÃO**

Assistemática e sistemática, ao longo do processo.



# PROJETO LITERATURA





## PROJETO DE LITERATURA

### Apresentação

O projeto surgiu da necessidade de desenvolver no educando o interesse pela leitura e escrita, tornando-as atrativas.

Dentro do projeto de leitura será confeccionado um jornalzinho da Escola Classe 316 Norte, com o intuito de divulgar informações, conhecimentos, curiosidades, pesquisas, entrevistas, descobertas, textos literários, acontecimentos, críticas, elogios, idéias, opiniões etc, ocorridos na escola de forma divertida, incentivando, desta forma o gosto pela literatura, bem como a valorização da leitura como fonte de fruição estética e de entretenimento.

### Objetivo

Desenvolver o hábito e o gosto pela literatura e escrita de forma lúcida.

### Desenvolvimento

- Rodízio de livros de literatura por turma para leitura no período de 15 dias.
- Exposição oral, sobre os livros lidos por alguns alunos.
- Elaboração de resenha dos livros lidos, explorando desta forma a escrita.
- Exploração da parte gramatical e emissão de opiniões por meio do registro da resenha.

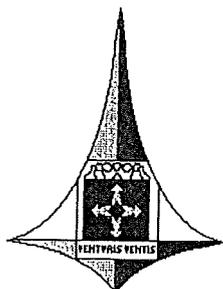
- Dramatização dos livros de acordo com a criatividade da turma, sempre procurando desenvolver as habilidades elevadas do currículo.
- Todos os trabalhos realizados partindo da leitura dos livros como emissão de opiniões, resenhas, desenhos, etc., serão inseridos no jornal.
- Leitura de textos para elaboração do jornal.
- Utilização do laboratório de informática para estruturação do jornal.

### Estratégica

- Votação em sala, da escolha do nome do jornal.
- Leitura de livros literários.
- Exposição oral.
- Elaboração de painéis sobre os livros literários elaboração de fichas de leitura.
- Elaboração de matérias, por grupo, para o jornal.
- Produção de textos.
- Criação de cruzadinhas, gráficos, etc.
- Entrevistas.
- Poesias.
- Ilustrações.
- Dramatizações.
- Revisão de textos escritos.

### Culminância

- Concurso de dramatizações ou
- Confeção de um livro literário



## **PLANO ESTRATÉGICO**

### **AULA DE LEITURA NA BIBLIOTECA**

**Escola Classe 316 Norte**

**Professoras: Patrícia Chacel e Cláudia Regina Pereira Rocha**

**Ano: 2009**

#### **APRESENTAÇÃO**

A biblioteca escolar é de fundamental importância para a formação do hábito de ler dos educandos. Oportunizar que os alunos manipulem e leiam regularmente diversas fontes de textos, revela um melhor desempenho destes na construção de seus conhecimentos.

Entretanto assim, decidimos este ano, criar um espaço prazeroso e com sentido significativo para nossas crianças no horário da biblioteca.

Este plano de ação foi, portanto, elaborado para direcionar o trabalho de leitura na biblioteca desta escola, objetivando desenvolver o prazer de ler e contribuir para a aprendizagem de nossos discentes.

## JUSTIFICATIVA

Quando falamos em biblioteca escolar, pensamos nos hábitos de leitura dos nossos alunos. E, formar bons leitores, significa encantar as crianças com a imaginação que os livros nos permitem alçar. “Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura -, a escola terá de mobiliza-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar-se torna-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente”. (Parâmetros Curriculares Nacionais – Vol. 2 – Língua Portuguesa –p. 58).

Nesse sentido, esse plano de ação apresenta o trabalho da biblioteca a ser desenvolvido este ano nesta escola, cuja instância maior é possibilitar aos alunos a construção do gosto pela leitura.

## OBJETIVO GERAL

Compreendendo a relevância do ato de ler para a construção de conhecimentos, o trabalho da biblioteca desta escola, neste ano, tem o propósito de desenvolver uma política de fomento de leitores, na qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura, envolvendo toda a unidade escolar.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

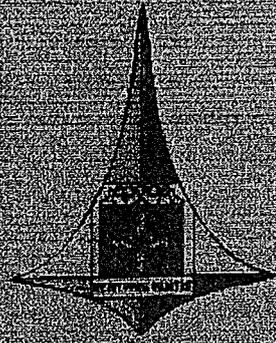
Com o propósito de formar nos educando o hábito de leitura, este trabalho pretende ainda:

- formar o gosto pela leitura, possibilitando aos alunos a escolha de suas leituras;
- estimular o desejo de ler;
- permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido;
- favorecer a aquisição de velocidade, entonação e ritmo da leitura;
- ampliar a visão de mundo através da prática da leitura intensa;
- inserir os educandos na cultura letrada;
- possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação,
- valorizar a leitura como informação;
- interagir com a diversidade de textos;
- criar autonomia, ensinando os alunos a buscarem, selecionarem e localizarem textos;
- possibilitar aos alunos o empréstimo de livros.

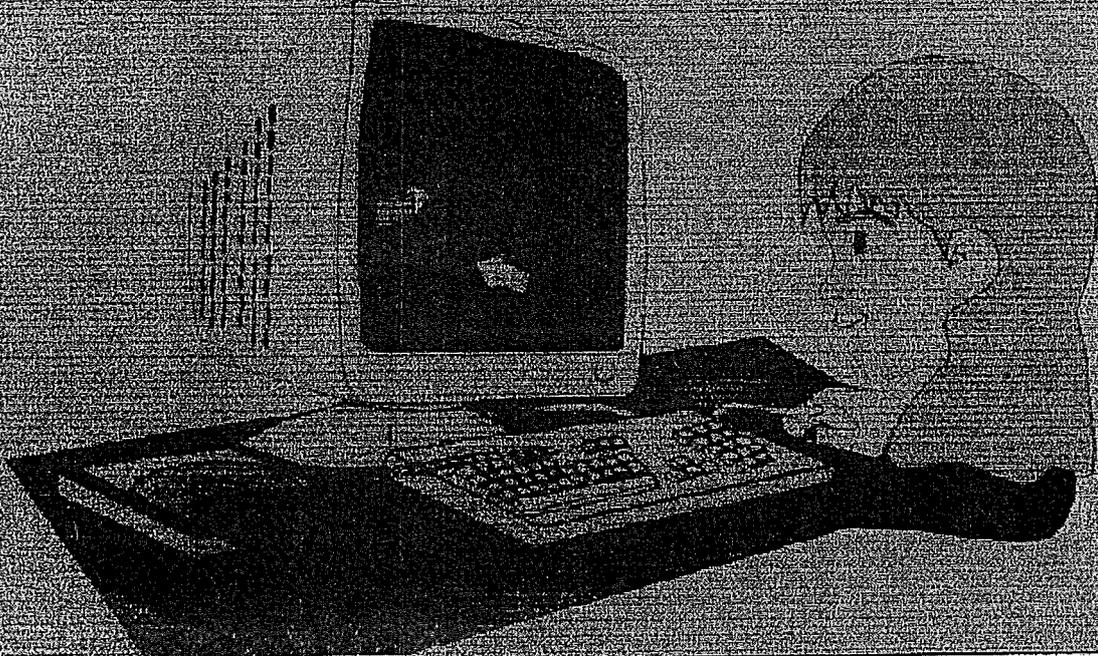
## PROCEDIMENTOS

O trabalho a ser desenvolvido na biblioteca consistirá de uma prática constante do ato de ler, disponibilizando aos alunos um ambiente favorável a esse momento e oferecendo textos dos mais variados gêneros, entendendo que esse espaço é para a leitura livre, como recomendam as PCN, e não para a decodificação e interpretação. “É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta dessa concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler. (...) Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura”. (Parâmetros Curriculares Nacionais – Vol. 8 – Língua Portuguesa – pg. 55-58).

Também se deve observar: definir a proposta do trabalho com antecedência, selecionar os textos de forma adequada ao propósito da aula, organizar os materiais, observando a qualidade dos mesmos, construir com os educandos atitudes de cuidado e conservação do material disponível, garantir que todos os alunos tenham acesso ao material que será utilizado, possibilitar ao aluno o gosto por frequentar o espaço da biblioteca.



# PROJETO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA



**1. DENOMINAÇÃO DO PROJETO:** Ensinando em Parceria com o Professor Regente.

**2. DADOS DO LABORATÓRIO:**

- Nome da Escola: Escola Classe 316 Norte
- Endereço: SQN 316 Área Especial
- Telefone: 3901-7530 e-mail: [ec316n@gmail.com](mailto:ec316n@gmail.com)
- Nome da Diretora: Marilda Guimarães Marques Pereira
- Nome da Vice-Diretora: Silvia Nogueira de Carvalho
- Nº de alunos: 287 Série atendidas 1AEF / 1ª a 4ª Série
- Nome da Coordenadora do Laboratório: Adriany Sousa Barros

**3. RESPONSÁVEL PELO PROJETO:**

Nome: Adriany Sousa Barros – Mat. 26.815-1 e-mail: [adrianysb@gmail.com](mailto:adrianysb@gmail.com)

**4. INTRODUÇÃO**

A tecnologia não pode ser integrada da noite para o dia e sim criar uma visão comum do que é integração da tecnologia e onde ela ocorre para que possa se tornar um processo de crescimento. A tecnologia na Educação é um catalisador de mudança para o seu uso e postura pessoal dos professores em relação à tecnologia se tornando referência para esse marco na evolução do ensino. Os professores já estão entendendo e se integrando com a utilidade da tecnologia e até aplicando facilmente como ferramenta para se executar um trabalho.

**5. JUSTIFICATIVA:**

O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação vem cada vez mais modificando a sociedade em quase todas as áreas. É comum comparar o advento da informática à descoberta da roda, pólvora ou mesmo da energia elétrica sabe-se bem dos avanços alcançados pela humanidade com essas descobertas.

A tecnologia pode fazer parte de um ambiente de aprendizagem onde a criatividade, crítica, autonomia e cooperação ganham espaços cada vez mais significativos para fortalecer o desenvolvimento do aluno e as relações de cooperação que podem ser estabelecidas dentro da escola. É nesse contexto que o uso da informática é uma ferramenta a mais que os alunos e professores tem em suas mãos para possibilitar a promoção da inclusão digital, o desenvolvimento das habilidades que favorecem as mudanças de paradigma em relação ao uso do computador, além de ser um atrativo de grande utilidade para o ensino-aprendizagem na melhoria da qualidade da educação.

## **6.OBJETIVOS:**

Implantar novos recursos tecnológicos melhorando a qualidade do trabalho das escolas tornando o trabalho dos professores e alunos mais efetivo e sociável.

### **6.1 OBJETIVO GERAL:**

Ter o computador como ferramenta pedagógica, de forma autônoma e independente possibilitando a incorporação dessa tecnologia à construção do aprender com atividades dinâmicas, criativas e prazerosas, além de implementar projetos realizando trabalhos coletivos na área da interdisciplinaridade.

### **6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Possibilitar a inclusão digital e social;
- Verificar as possibilidades de utilização da informática no processo de ensino-aprendizagem;
- Refletir sobre a influência da informática em nosso dia-a-dia;
- Interpretar a informática como um recurso de apoio aos alunos e professores;
- Analisar, interpretar e estabelecer relações entre as atividades de nosso cotidiano e a utilização da informática;
- Estabelecer a interface entre a educação e as tecnologias de informação como ferramenta para a criatividade e o constante aperfeiçoamento;
- Elaborar e apresentar uma proposta de trabalho de aplicação da informática à educação;
- Integrar alunos Portadores de Necessidades Especiais à utilização das Tic's e atividades desenvolvidas no laboratório.

## **7 REFERENCIAL TEÓRICO:**

Para uma análise sustentável frente aos novos desafios, quebra de paradigmas, dentro das instituições escolares e melhor entenderem como se realiza as aulas de informática, para que haja melhor discernimento na execução das mesmas, os profissionais da educação precisam entender como serão realizadas as aulas e assim poder ajudar uns aos outros a fim de evitar que venham ter dificuldades no uso das máquinas e a importância dos alunos participarem do processamento significativo da informação. Eles são responsáveis pelos resultados e podem usar o computador tanto como uma ferramenta cognitiva quanto como uma ferramenta produtiva para alcançar esses resultados.

## 7 REFERÊNCIAL TEÓRICO:

Para uma análise sustentável frente aos novos desafios, quebra de paradigmas, dentro das instituições escolares e melhor entenderem como se realiza as aulas de informática, para que haja melhor discernimento na execução das mesmas, os profissionais da educação precisam entender como serão realizadas as aulas e assim poder ajudar uns aos outros a fim de evitar que venham ter dificuldades no uso das máquinas e a importância dos alunos participarem do processamento significativo da informação. Eles são responsáveis pelos resultados e podem usar o computador tanto como uma ferramenta cognitiva quanto como uma ferramenta produtiva para alcançar esses resultados.

## 8. ATRIBUIÇÕES:

- NTE/BSB: acompanhamento pedagógico e manutenção técnica dos computadores;
- Público Alvo: Alunos deste estabelecimento de ensino;
- Período de Realização: Ano letivo de 2008.

## 9. METODOLOGIA:

O uso de software adequado para cada nível e este deverá ser desenvolvido num ambiente que possibilite aos alunos não apenas uma competência técnica para o domínio do equipamento, mas oportunidade de reflexão sobre a utilização de mesma como ferramenta de auxílio à aprendizagem.

Para alcançar esse intento serão utilizados os seguintes métodos:

- Definição dos objetivos e planejamento de cada aula;
- Fundamentação teórica
- Exposição dialogada;
- Aplicação de tarefas com recursos variados;
- Utilização de diferentes recursos em cada tarefa produzida;
- Introdução de conceitos simultaneamente à prática no computador;
- Desenvolvimento de mini-projetos, sendo eles:
  1. Criar filme em PowPoint: será desenvolvido no 2º semestre com a equipe e alunos da 3ª série;
  2. Alfabetização fônica computadorizada, o alfabeto temático: Será desenvolvido no ano letivo com a equipe e alunos das 1ª séries;
  3. Alfabetização com a Turma da Mônica: Será desenvolvido no 1º semestre com a professora e alunos do 1º AEF;

4. Projeto Vida: Trabalhando Educação Ambiental na Escola: Será desenvolvido no ano letivo de 2007 com a professora e alunos da 2ª série azul;
5. Projeto do livro digital: Será desenvolvido no ano letivo com a professora e alunos da 2ª série azul;
6. Projeto de produção de textos e jornal: será desenvolvido no ano letivo com a equipe de professores e alunos das 4ª séries:
7. Projeto de produção de texto elaborado em sala de aula e digitado no laboratório com confecção de desenho realizado no Paint e colocado no texto: durante o ano letivo com a professora e alunos da 1ª série azul.

## 10. CRONOGRAMA:

As atividades aplicadas no laboratório em parceria com os professores regentes serão desenvolvidas semanalmente de acordo com a grade horária de cada série e o planejamento elaborado semanalmente. E as atividades de mini-projeto serão realizadas de acordo com o planejamento do professor envolvido com o mini-projeto, juntamente com o coordenador do laboratório.

1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana
Introdução básica do uso do computador aperfeiçoando a coordenação motora com o uso de mouse através de atividades de produção de texto e digitado	Atividades de matemática, português, ciências e estudos sociais, realizadas em sala de aula e aplicada no laboratório e atividade de pesquisa envolvendo assuntos multidisciplinares.	Realização de atividades envolvendo o mini-projeto, caso a turma não possua mini-projeto, será desenvolvida em sala de aula e aplicada no laboratório. Atividade de pesquisa envolvendo a disciplina geografia	Atividades de ciências trabalhadas em sala de aula e desenvolvida no laboratório em Atividade de produção de texto em dupla realizada no laboratório e aplicada em sala de aula. Realização das atividades envolvendo o mini-projeto..

## **11. ATENDIMENTO DO LABORATÓRIO:**

Os alunos atendidos dentro da grade horária. Sendo cada turma dividida em dois grupos com o atendimento de 1 hora para cada turma dividida em dois grupos com o atendimento de 1 hora para cada turma (cada grupo da turma com o atendimento de 30 minutos).

## **12. AVALIAÇÃO DO PROJETO:**

A avaliação será por participação, interesse nos trabalhos desenvolvidos no laboratório durante o processo e será feita uma sondagem por parte dos professores regentes sobre o desempenho de cada aluno.

## **13. DIVULGAÇÃO DO PROJETO:**

Primeiramente nas coordenações pedagógicas dos professores regente juntamente com sala de apoio, coordenação pedagógica, orientação educacional e direção, em seguida será realizada nas reuniões de pais e mestres feitos pelos professores de cada turma atendida e no futuro serão criada uma página da web ou um blog da escola.

## **14. RECURSOS NECESSÁRIOS**

### **• HUMANOS:**

- Coordenadores do Laboratório
- Coordenador Pedagógico
- Professor regente
- Direção
- 1. Sala de apoio

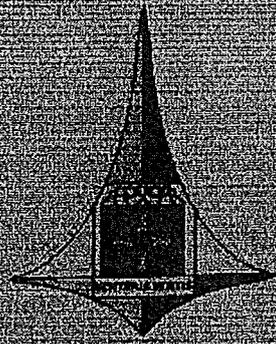
### **• MATERIAIS**

- Computadores
- Quadro branco
- Softwares
- Sucatas
- Jornais, livros e revistas
- Papeis
- Internet
- Impressora multifuncional
- Máquina digital

## **15. BIBLIOGRAFIA**

Pesquisa na internet

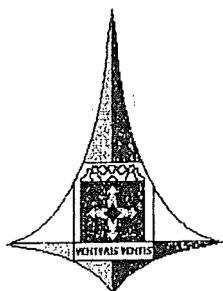
Orientação de apoio pedagógico do NTE/BSB



# PROJETO

“EU NA ESCOLA”





## **Escola Classe 316 Norte**

### **Projeto Pedagógico da 1ª Série do Ensino Fundamental**

#### **Eu na Escola**

##### **Justificativa**

Os primeiros contatos da criança de 7 anos com o mundo do conhecimento são oportunizados pela escola, local privilegiado do saber sistematicamente organizado. A aquisição do conhecimento vai depender do grau de interação entre quem ensina e quem aprende, e da qualidade da mediação desenvolvida no ambiente em que ocorre o ensino e a aprendizagem. É indispensável que sujeito e objeto do conhecimento se identifiquem para que possam interagir. A criança necessita ser reconhecida e respeitada em suas peculiaridades, assim como a escola, precisa ser conhecida e valorizada pela tarefa que desempenha

##### **Objetivo**

Promover a integração do aluno de 1ª Série do ensino fundamental ao espaço escolar, reconhecido como segundo ambiente gerador de desenvolvimento cognitivo, social, histórico e cultural.

## Objetivos específicos

Desenvolver habilidades de leitura e escrita a partir do processo de alfabetização, letramento e ludicidade.

Ampliar habilidades de raciocínio lógico-matemático por meio de resolução de situações-problema contextualizadas.

Potencializar a capacidade de análise crítica do aluno visando o desenvolvimento da autonomia do pensamento e da consciência da participação na comunidade em que vive.

### 1. Recepção dos alunos

“Sejam felizes na volta às aulas”

Relacionar as condições de o aluno ser feliz na escola.

### 2. Identificação Escola

Que escola é esta onde se deseja ser feliz?

- Nome do estabelecimento de ensino;
- Localização, data de inauguração, área ocupada;
- Número de dependências, número de funcionários;
- Tipo de material de construção;
- Características da comunidade escolar, vizinhança;
- Forma geométrica da estrutura do estabelecimento;
- Dias e horário de funcionamento;
- Pontos de referência de localização;
- Itinerário de aluno para chegar a escola:
- Equipamentos e serviços oferecidos (ensino, alimentação);
- Uniforme identificador do aluno;
- Diversidade histórico-cultural da comunidade escolar.

### 3. O Eu

Auto-identificação do aluno:

- Nome, origem do nome e história do sobrenome;
- Filiação (árvore genealógica), dia e local de nascimento;
- Peso e altura (comparação desde o nascimento);
- Fases do desenvolvimento, alimentação adequada;
- Higiene e saúde (vacinação), prática esportiva;
- Sexualidade (reconhecimento e valorização do corpo, autodefesa).

### 4. Eu na Escola

Quando fui para a escola, pela primeira vez?

- Ano, idade, nome e local da escola;
- Impressão sobre a primeira escola;
- Como era a escola, a primeira professora e os colegas;
- Qual o horário em que estudava;
- Quanto tempo ficou nesta escola? Possui os primeiros trabalhos?

Nesta escola (E. C. 316 Norte)

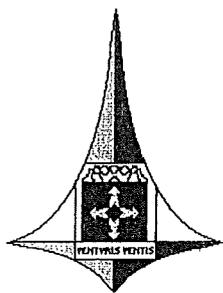
- Em que ano ingressou? Quem foi a professora?
- Quem eram seus colegas? Impressões sobre a escola.
- O que mais gostou ou gosta? O que não gosta?
- O que espera da escola?

## 5. Atividades desenvolvidas na escola

- Leitura e escrita;
- Brincar, cantar;
- Conversar, conhecer pessoas (colegas, professores e funcionários da escola);
- Alimentação e higiene;
- Momento cultural (aspectos cívicos e cultura regional – datas comemorativas);
- Projeto de reciclagem do lixo (reaproveitamento do lixo envolvendo aspectos notacionais em Matemática);
- Desenvolvimento do cuidado em conservar a limpeza do ambiente escola;
- Utilização de recursos tecnológicos: computadores DVD, televisão, CD, player, microfone e caixa de som;
- Ler ouvir e dramatizar histórias a partir da literatura infantil;
- Experimentações envolvendo os fenômenos naturais;
- Desenvolvimento de hábitos e atitudes para o convívio social adequado;
- Identificação e reconhecimento das diversidades culturais e sociais presentes na escola.

### **Considerações finais**

O projeto será realizado em consonância com o Projeto Político Pedagógico da Escola Classe 316 Norte, sendo previstas as alterações necessárias que visem o alcance do objetivo comum da 1ª Série, o desenvolvimento da habilidade de leitura, escrita e do raciocínio lógico, bem como da integração do aluno ao ambiente de aprendizagem.



## **PEQUENOS PROJETOS**

- Projeto “Jornal Legal”
- Projeto Interventivo
- Projeto Trabalho
- Projeto “O Eu”  
(portifólio)
- Projeto Poesia
- Projeto alimentação  
saudável

**Escola Classe 316 Norte**



**PROJETO**

**Diversidade Sócio-**

**Cultural**

**Nos Contos de Fada**

**Projeto Pedagógico do 2º. Ano do Ensino Fundamental de 9 Anos**

**2009-03-24**

**A diversidade sociocultural nos contos de fadas**

**Justificativa**

Os primeiros contatos da criança de 7 anos com o mundo do conhecimento são oportunizados pela escola, local privilegiado do saber sistematicamente organizado. A aquisição da leitura e da escrita depende das conexões que sujeito e objeto estabelecem, sempre mediada pelo significado da aprendizagem. Aprender exige relações fundamentadas no afeto e o encorajamento para cada avanço, por menor que seja, apresentado pelo alfabetizando.

A transposição do estado de heteronomia para uma condição de autonomia do pensamento decorre das experiências vividas pelo aprendiz através do exercício da fantasia, estimulados pelos contos de fadas. O mundo imaginário da criança é o espaço de transição da fantasia à realidade contextualizada, ambiente estruturado nas interações do sujeito com o objeto – o outro e tudo mais que o cerca. Diante disso, identificar a diversidade sociocultural entre os personagens dos contos de fadas vem ao encontro da necessidade do aprendiz em reconhecer e respeitar a diversidade identificada nas fábulas e mitos, bem como no mundo real em que vive.

**Objetivo**

Desenvolver o processo de alfabetização entre alunos do 2º ano do Ensino Fundamental de 9 anos, através do conhecimento dos contos de fadas e fábulas e a identificação da diversidade sociocultural entre os personagens das histórias.

**Objetivos específicos**

- Desenvolver habilidades de leitura e escrita a partir do processo de alfabetização, letramento e ludicidade.
- Ampliar habilidades de raciocínio lógico-matemático por meio de resolução de situações-problemas contextualizadas e relacionadas aos contos de fadas.
- Potencializar a capacidade de análise do aluno visando o desenvolvimento da autonomia do pensamento e da consciência da participação na comunidade em que vive.

1. Identificação de palavra-chave relacionadas aos contos de fadas e fábulas.

2. Análise e síntese das palavras geradoras.

3. Análise dos personagens das histórias:

- . Nome, origem do nome da história;
- . Identificação do personagem principal;
- . Idade, características físicas (por aproximação) destacando a origem étnica do personagem e semelhança com pessoas do cotidiano;
- . Comparação da situação vivida pelo personagem na época provável em que acontece a história com os dias atuais.

4. Transposição do tema do conto para o cotidiano escolar:

- . Momento cultural (aspectos cívicos e cultura regional – datas comemorativas);
- . Projeto de reciclagem do lixo (reaproveitamento do lixo envolvendo aspectos notacionais em Matemática);
- . Desenvolvimento do cuidado em conservar a limpeza do ambiente escolar;
- . Utilização de recursos tecnológicos; computadores, DVD, televisão, CD-player, microfone e caixas de som;
- . Ler, ouvir e dramatizar histórias a partir de literatura infantil, jornais, revistas e gibis;
- . Experimentos envolvendo os fenômenos naturais;
- . Desenvolvimento de hábitos e atitudes para o convívio social adequado;
- . Identificação e reconhecimento das diversidades culturais e sociais presentes na escola que possuam ou não assemelhar-se aos personagens das histórias infantis.

### **Recursos Didáticos**

O material literário será constituído de:

- . Contos de fadas clássicos da literatura internacional;
- . Fábulas de Monteiro Lobato;
- . Mitos e histórias da cultura popular brasileira;
- . Contos africanos e afro-brasileiros e
- . Contos indígenas.

Material Audiovisual:

- . Vídeos-livro;

. DVD infantis;

. VHS infantis

Material complementar:

. Papeis diversificadas (A4, colorido, cartolina, papel pardo, etc);

. Lápis de cor, giz, de cera, tinta guache, pincel etc;

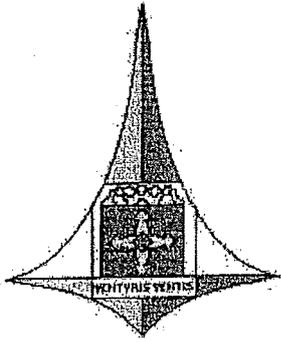
. Material reciclável de sucata, etc.

### **Avaliação**

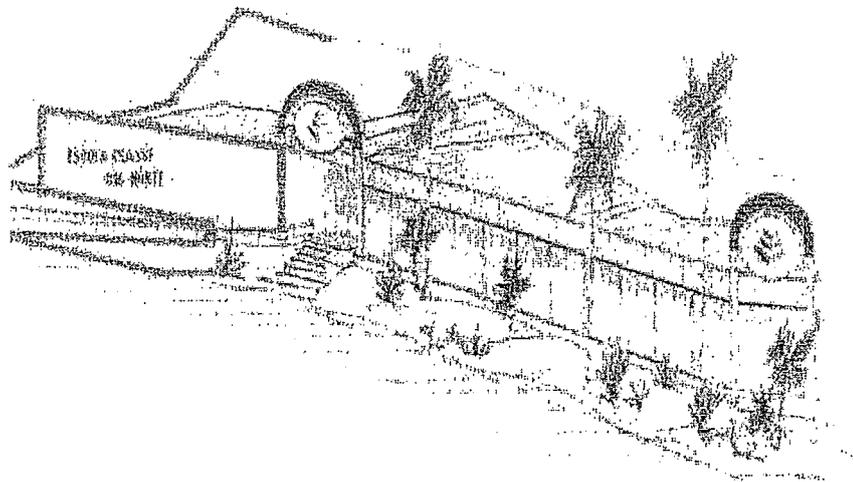
A avaliação será realizada ao longo do desenvolvimento do projeto envolvendo a observação do professor das reações do aluno diante do conhecimento adquirido, considerando as suas manifestações orais e expressões escritas, tanto no desenho como na elaboração de palavras, frases e textos, bem como na aquisição da leitura.

### **Considerações finais**

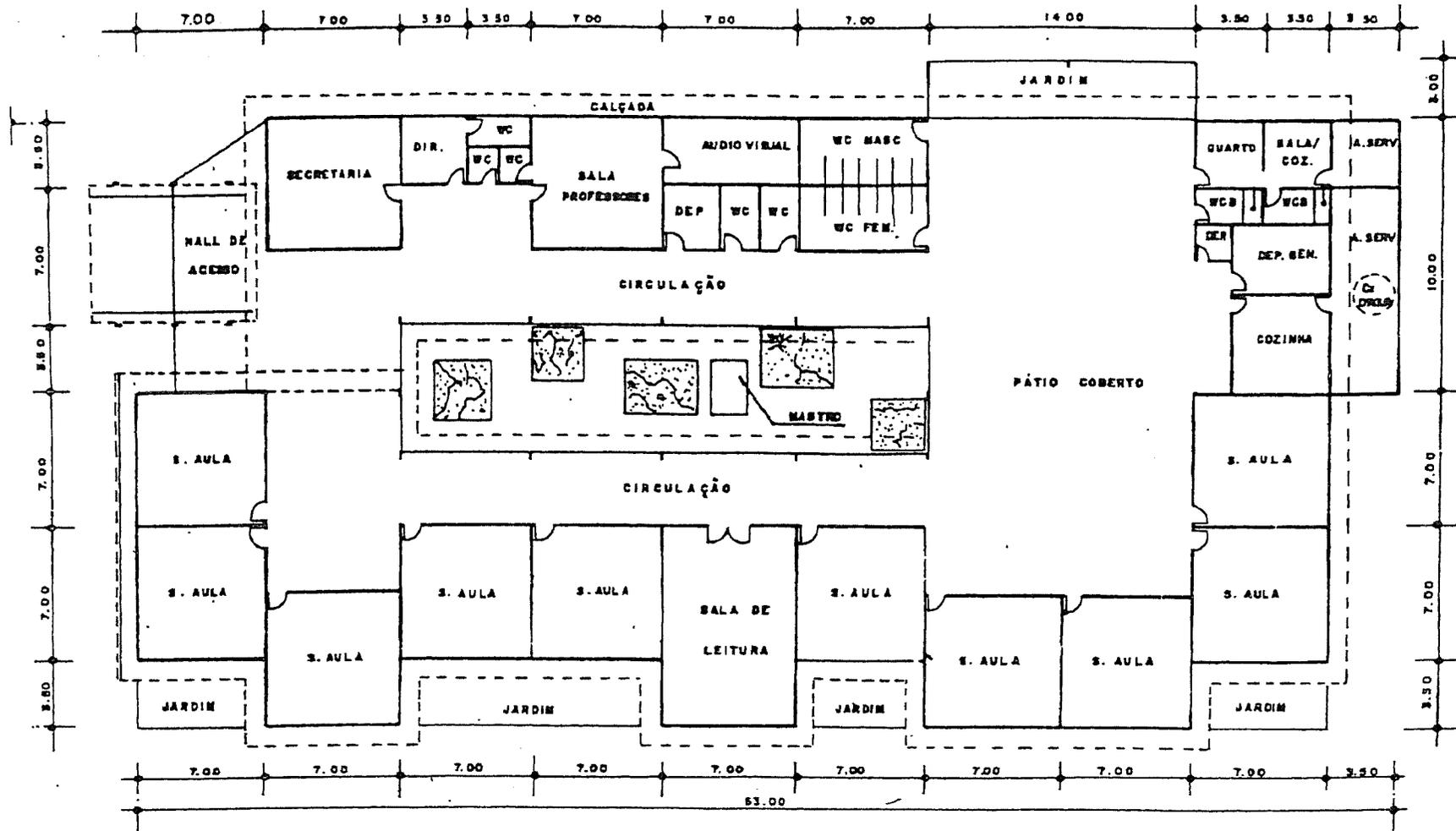
O projeto será realizado em consonância com o Projeto Político Pedagógico da E. C. 316 Norte, sendo previstas as alterações necessárias que visem o alcance do objetivo comum do 2º Ano, o desenvolvimento da habilidade de leitura, escrita e do raciocínio lógico, bem como da integração do aluno ao ambiente escolar de aprendizagem.



# PLANTA DA ESCOLA



ESCOLA CLASSE 316 NORTE		
PLANTA BAIXA		
Data: 23/02/84	Escala: 1 / 100	Visto:
Des.:	Resp. Tec.:	Proj.:







*As 539 escolas avaliadas vão receber boletins cada uma com seu próprio resultado a partir desta semana para verificar o que os alunos não aprenderam e trabalhar focados para corrigir as falhas do ensino. Divulgação será nesta terça, às 9h, no auditório do SMU*

Os resultados do SIADE (Sistema de Avaliação de Desempenho das Instituições Educacionais do Distrito Federal), implantado em 2008 para verificar a qualidade do ensino oferecido pelas escolas públicas do Distrito Federal, mostram que os professores da rede pública devem comemorar os índices de aprendizagem alcançados pelos alunos das 2ª e 4ª séries; preocupar-se muito com os da 6ª série; e continuar trabalhando com afinco para melhorar os da 8ª série do Ensino Fundamental e 3º ano do Médio, onde estamos mais parecidos com as médias do País.

Distinto das avaliações federais que oferecem um panorama sobre o desempenho da escola, o SIADE traz também uma avaliação sobre o aprendizado do aluno. Por isso, permite aos professores intervirem imediatamente para corrigir falhas do processo de ensino-aprendizado. Assim, a partir dessa semana, cada uma das 521 escolas onde houve avaliação de desempenho receberá um **boletim apontando o estado do ensino-aprendizagem naquela instituição de ensino**. Junto, receberão relatórios pedagógicos que permitirão aos professores e as equipes gestoras trabalharem focados no que os alunos apresentam mais dificuldade de aprendizado.

Assim, professores da rede podem verificar o que seus alunos não estão aprendendo e trabalhar para corrigir as falhas de ensino. O que, se tratado desde agora, já poderá ser reavaliado nas próximas avaliações - Prova Brasil em data a ser marcada pelo MEC (Ministério da Educação) no 2º semestre e a 2ª edição do SIADE, em outubro, quando serão avaliados os alunos das 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio nas seguintes disciplinas: Língua Portuguesa com redação, Matemática, Ciências, História, Geografia, Filosofia e Sociologia.

“Os boletins permitirão a cada uma das escolas que participaram saber onde está, o que é preciso modificar, incluir ou consolidar para garantir, a cada um de seus alunos, seu direito a aprender”, explica o secretário de Educação, José Luiz Valente.

Ele acredita que os seis meses entre a distribuição dos resultados, esta semana, e o novo SIADE, em outubro, sejam suficientes para os professores desenvolverem um trabalho de melhoria da qualidade do ensino, de forma que os **indicadores de reprovação e distorção idade-série** continuem caindo, como acontece agora.

### **Entendendo o SIADE**

O resultado do SIADE não funciona, entretanto, como uma medida, mas sim como um marco zero para que gestores e professores estabeleçam metas para sua instituição de ensino. A partir dessas metas, poderão redimensionar seus projetos pedagógicos, e as escolas, individualmente, reconhecendo seus problemas estabelecem os caminhos para atingir seus objetivos tomando como eixo norteador as Diretrizes de Avaliação Pedagógicas e as Orientações Curriculares da SEDF.

Além dos resultados do rendimento escolar, o SIADE abarca ainda a avaliação das políticas educacionais e avaliação da gestão. Em 2008, foram definidos os indicadores que serão utilizados para avaliar as políticas educacionais e a gestão, a partir de 2009. No caso das políticas, serão avaliadas cinco dimensões: a oferta, a infraestrutura, o desenvolvimento de recursos humanos, as articulações e parcerias institucionais e o desempenho do sistema. Para cada dimensão, existe um conjunto de indicadores. Já no âmbito da gestão, serão quatro as dimensões avaliadas: implantação da Proposta Pedagógica, parâmetros para a Gestão Compartilhada e desempenho escolar, processos participativos das instituições colegiadas, recursos pedagógicos e equipamentos.

O SIADE é uma avaliação diferente daquelas realizadas pelo MEC e por outras Unidades da Federação, porque o sistema educacional do DF possui especificidades, já que combina as características dos sistemas estaduais e municipais de ensino, sendo responsável pela oferta de todos os níveis e modalidades da Educação Básica.

Por isso, o SIADE não se limita a avaliar o rendimento dos alunos, abrangendo também a avaliação da oferta da educação infantil, da educação especial, das políticas e da gestão. Dessa maneira, é possível

obter um diagnóstico de todas as dimensões envolvidas na oferta de ensino - desde a formulação das políticas, passando pela gestão (a maneira como as políticas são colocadas em prática nas escolas), chegando à aprendizagem.

Outra diferença relevante é o fato de o SIADE avaliar mais séries e disciplinas: enquanto a Prova Brasil e o SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica se limitam à Língua Portuguesa e Matemática na 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio, o SIADE é mais abrangente.

Em 2008, foram avaliados por meio do SIADE alunos de 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio nas seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Física, Química e Biologia. A avaliação de rendimento também incluiu um ditado (2ª série) e uma redação (todas as séries).

Assim, a vantagem do SIADE é que ele fornece um diagnóstico mais profundo, capaz de atender às especificidades do sistema de ensino do Distrito Federal, permitindo a identificação de problemas e ganhos de aprendizagem em várias áreas de conhecimento.

Além disso, alunos, pais, diretores e professores responderam a questionários em que expressaram suas opiniões sobre a escola e o ensino, dentre outras coisas. A partir dessas respostas é possível identificar os fatores intra e extra escolares que mais influem na aprendizagem.

Com base nesse conjunto de instrumentos complementares entre si, obtém-se uma radiografia de cada escola, das 14 DREs - Diretorias Regionais de Ensino e do sistema de ensino como um todo.

#### ASCOM

- [Página Inicial](#)
- [Fale Conosco](#)
- [Mapa do Site](#)

Anexo do Palácio do Buriti - 9º andar - Brasília

Telefone (61) 3224 0016 (61) 3225 1266 | Fax (61) 3901 3171

QNG AE Lote 22 bl 05 sala 03 - Taguatinga Norte

Telefone (61) 3355 86 30 | Fax 3355 86 94

Copyright © 2000/2008 - SE/GDF - Todos os Direitos Reservados